



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>



3 3433 07437880 7

NQWC

Retina

1

2

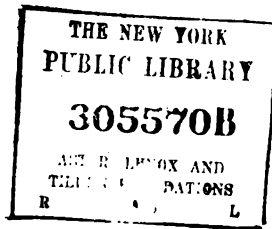
ARCHIVO
DO
RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ
NO
RIO DE JANEIRO

Dest'arte se esclarece o entendimento.
CAMÕES.



RIO DE JANEIRO
TYP. DE PINHEIRO & C., RUA SETE DE SETEMBRO N. 159

1870





M 1839 alguns moços a quem o destino arremessára para longe da sua patria, e que nas poucas horas sobejas dos labores de cada dia se apraziam no estudo daquellas disciplinas que uma educação menos esmerada lhes não tinha proporcionado no seu torrão natal, tentaram crear uma associação, onde pudessem satisfazer mais amplamente os seus legitimos desejos; e a tentativa destes mancebos em breve se converteu em esperançosa realidade.

Tal foi a origem do *Retiro Litterario Portuguez no Rio de Janeiro*. O primeiro periodo da sua existencia atravessou-o elle com aquelle anhelar de vida que nunca falta ás instituições novas, uteis e crentes no futuro: abriram-se aulas, estabeleceram-se cursos, fundou-se um jornal; emfim, tudo presagiava gloriosa e longa vida á associação que tão auspiciosamente se inaugurava. Mas a inconstancia, essa inimiga cruel de todas as cousas humanas, teve tambem por sua vez entrada no *Retiro*: ao viver laborioso e util, que a associação tivera logo após o seu nascimento, succedeu uma existencia de mudez e quietismo, que entristecia tanto proprios, como estranhos: aulas, cursos, jornal, tudo desapareceêra ante o indifferentismo de uns e o esquecimento de outros; as sessões semanaes que então celebrava, concorridas apenas por poucos

In R. Portuguez - 30 January, 1900.

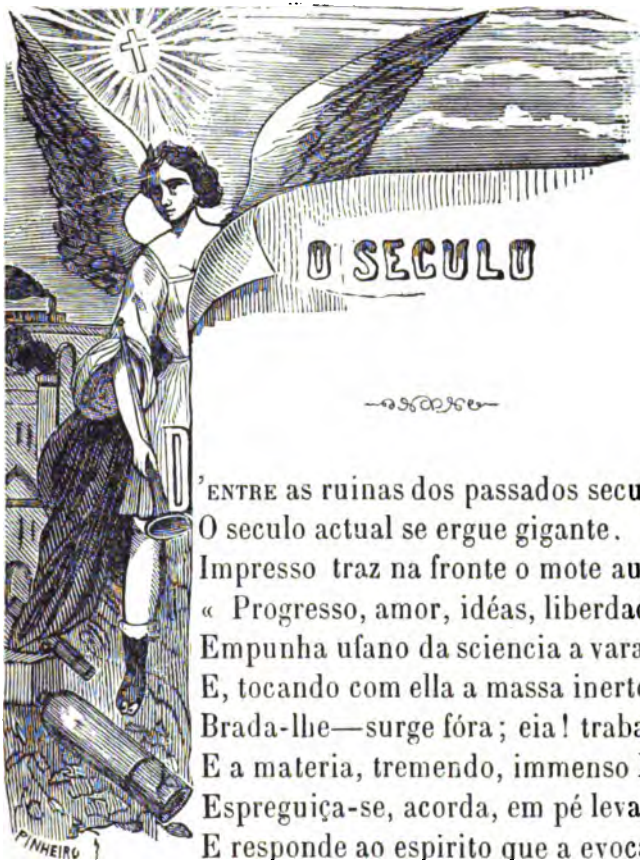
dos seus mais devotados socios, eram o unico indicio da sua vitalidade. Comparado o silencio de então com o ruido de outr'ora, poder-se-hia dizer que na sua historia estava o *Retiro* a escrever a derradeira pagina. E a agonia prolongou-se, parecia que o moribundo ia buscar a um passado ainda recente os alentos com que resistia á morte, que, a despeito de todos os esforços, já proxima se lhe vaticinava. Mercê de Deos, nunca se desmentio com tanta bisarria um presagio sinistro. Após cinco annos de porfiosa luta com a adversidade, raiou de novo para o *Retiro* uma época, se não prospera, pelo menos desassombrada: reabriram-se os antigos cursos e creáram-se outros de reconhecida utilidade; as sessões começaram a ser concorridas por maior numero de socios, e muitas vezes alguma cousa estranha até alli obrigava toda aquella reunião de moços a expandir-se em freneticos applausos: era quando algum menos tímido erguia a voz, e alli, cheio de commoção, exprimia, na estrophe ainda mal polida, um sentimento que se lhe aninhava no mais secreto da alma; hymnos, canticos, gemidos, saudade, amor, ternura, esperança, affectos, tudo emfim, quanto um coração juvenil póde sentir e a phrase menos correcta sabe expressar, tudo se reflectia nessas paginas soltas, que pouco a pouco iam peijando o archivo da sociedade.

Tres annos decorreram assim, e neste espaço de tempo mais de uma vez pensou o *Retiro* em reunir e patentear ao publico estas primicias dos seus associados, pensamento cuja realização a todos alvoroçava: a uns, porque se lhes afigurava audacioso o commettimento, e a outros proveitoso e até necessario: temiam os primeiros pelos creditos da associação, que perante o publico ia assumir a responsabilidade dessas composições, filhas quasi todas da irreflexão e da inexperiencia: esperavam os segundos que o publico acolheria com indulgencia, e talvez com favor, as tentativas litterarias de alguns mancebos, que roubavam ao descanso as horas em que se entretinham nestes labores do entendimento, e a quem seriam de todo utilissimas

as lições da critica sincera. que só com a publicidade se obtem. E assim se foi adiando a realização daquelle pensamento até hoje, em que, vencendo os receios de uns, sem comtudo se confiar em demasia nas esperanças de outros, o *Retiro* apresenta ao publico o primeiro volume do seu *Archivo*.

Os nomes que subscrevem a maior parte das composições sobre que o leitor vai deter o seu olhar, illumina-os pela primeira vez a luz da publicidade. Na republica das letras, onde já são tantos os illudidos, e muitos mais aquelles a quem as desillusões perseguem e mortificam, não desejam elles saborear as glorias fugitivas dos primeiros, nem sentir como dóem as decepções dos segundos; conscios do que são e do que valem, sabem que, apesar de fieis, lhes é vedado o templo: ajoelham-se reverentes nos degrãos exteriores, e só conhecem a magestade do culto pelos canticos immortaes dos seus levitas.





'ENTRE AS ruínas dos passados seculos,
O seculo actual se ergue gigante.
Impresso traz na fronte o mote augusto :
« Progresso, amor, idéas, liberdade. »
Empunha ufano da sciencia a vara,
E, tocando com ella a massa inerte,
Brada-lhe—surge fóra; eia! trabalha...
E a materia, tremendo, immenso Lazaro,
Espreguiça-se, acorda, em pé levanta-se,
E responde ao espirito que a evoca :

Tua serva eis-me aqui, dirige, manda;
Potente é tua voz, meu braço é docil :
Façamos do universo uma familia.—
Alenta-se o vapor de enormes laços,
O electrico principio assume as azas

Do veloz, inconstante pensamento ;
Solta dos fortes laços que a regiam
A arvore, que plantára Gutemberg,
Desaperta-se em folhas luxuosas ;
Lê o romance, a tragedia, o drama, o livro,
Variegado matiz, os ramos curvam-lhe.
Fumo e fogo golfando a ferrea machina
Devora espaço e tempo. Os echos roucos
Dos cavernosos montes lhe repetem
O silvo assustador, que os ares rasga.
Corre-lhe ao lado a voadora idéa
Pelo fio loquaz a longes terras ;
E Londres, e Paris, Roma, conversam,
Como irmãs seroando ao lar paterno.
O Luso, a quem para ensinar ao mundo
Da aurora o berço coube outr'ora impavido
Os portões arrombar do rico oriente,
Affrontando ao gigante das tormentas
O olhar sinistro, a livida ironia
Dos amarelllos dentes, e o assombroso,
Bruto latido da guela enorme :
Partido em breve o elo que enlaçava
A' perfumada Arabia a Libia adusta,
Alegre sulcará com proa anciosa
Do mar dos Pharaós as rubras ondas :
E aoproando ao Levante, em curtas horas
As ribas saudará do Indo e Ganges.
Hoje a sciencia e a arte enverga a purpura

E a dextra do sob'rano empunha o 'scopro,
A lyra, o pincel e a sabia penna.
Hoje o templo das luzes não tem chave :
Franca, de par em par, a porta expande-se.
E ao nobre, ao plebeu é livre o ingresso.
No espelho do ideal mira-se o genio,
E ufano por se vêr com azas d'aguia,
Assumindo a tiara, empunha o sceptro,
Entra no templo, rei e sacerdote.
Convivio universal congrega o orbe,
E em lauta mesa os celebres prodigios
Das artes, das sciencias, se accumulam.
A phantasia, o espirito se abrevam
Das opiparas, varias iguarias,
Que o genio com mão larga lhes ministra.

Mas d'alma ao fundo um vacuo immenso e lobrego,
Gelado, tenebroso, exhala a morte !
Tão longa, como é longa a eternidade,
Tão negra, como é negro o céu sem astros,
Tão triste, como o seio do oceano
Quando lhe despratêa a noite as vagas,
E' d'alma a solidão se Deos não brilha
Em seu vasto, magnifico horizonte.
Não brilha, não, que o sol, que inunda o eden
Com divino fulgor, não desce ao antro
Em que impera Satan, golfando rabido
Ondas e ondas de putridas doutrinas,

Que na eterna verdade em 'spuma estouram.
Ao que a patria não vê é patria o exilio.
Por isso do homem vão aos olhos frivolos
E' fim, não meio, esta existencia ephemera,
Crespa de abrolhos, safara de flôres,
Núa do almo prazer que ignora o crime,
Só grande na ambição, grande no orgulho.
Qual segue a noite o pallido crepusculo,
E o cégo triste o myope sombrio,
Tal o homem segue a vã philosophia,
Que um dedalo lhe aponta de mil sendas
Sem lhe indicar o abysmo onde se perdem.
Nesta ilha, a que tempo se chamava,
Que abraçam dous atlanticos medonhos:
—Porvir, passado—o homem tem dous meios
De estudar o universo e a eternidade.
Para aquelle a razão, sombria tocha ;
Para este o immensuravel telescopio
Do Verbo creador, que lhe descobre
Essas plagas longinquas do infinito.
Homem, se tanto alcança a nobre esphera
Da tua intelligencia, estuda as obras
Dessa mão que espargio no firmamento
Myriades de soes, qual pó luzente.
Atomo, toma o peso á immensidade,
Mas não tentes transpôr a eterna ponte
Sómente á frouxa luz da tua lampada,
Que ao abrir-se o portão da eternidade

Póde extingui-la o vento do infinito.
Tu, alcyone triste entre procellas,
Náu sem pharol, sem bussola, sem leme,
Por mar picado e cégos precipícios,
Que és, que pódes, que sabes tu, perdido
Aos umbraes da assombrosa eternidade?
Primor da criação, levanta a fronte...
Olha a luz que do céu, pura e serena,
Voa nas azas candidas da aurora
Do primitivo dia do universo!
Lá doura o Eden... já clareja os topos
Do madido Ararath : é toda raios
No cume do Sinay, e sol sem nuvens ;
E' a face de Deos no erguido Golgotha,
Donde illumina o tempo e a eternidade.
Philosopho, mineiro da sciencia,
Solitario da gruta da verdade,
Deste monte ao sopé dobra o joelho
E ao clarão desta luz estuda o homem.
Sonda com ella o abysmo insaciavel
Do humano coração, que é mar sem praias,
Sem fundo !... cujo pallido horizonte
Tende sempre a abraçar a immensidade.
Leva a luz e o calor da sã doutrina
A este limbo d'anciosas incertezas.
Dize-lhe que elle é pó, que torra a tarde,
Atomo que o minuto rindo esmaga ;
Relampago a existencia, raio a morte,

Mas raio que abre o céu a eternas ditas.
Sê-lhe o apost'lo dos rigidos deveres ,
Mostra-lhe o laço triplice que o liga
A Deos, a si e aos seus irmãos na terra.
Ensina-lhe esse amor, que é a lei do Golgotha,
Cadêa de que pende a liberdade,
Fio que enlaça as almas, cabo enorme
Que prende o Creador á creatura.
Venha a par desta luz o fio electrico ,
Corra junto á moral comboio alado,
Vôe ao lado da fé razão sublime,
Seja Deos a estação dos dous progressos.
E assim cambiando ao mundo a face hedionda
Terás então Republicas, Imperios,
Homens-anjos em vez de homens-pantheras.
Da liberdade então nos amplos ramos,
Colhendo fruto e flôr, verás gostoso
Presa em laços de amor a humanidade.

Vianna, Julho de 1865.



PORQUE ÉS TRISTE ?

— 84 —



DIZ-ME tu, oh casta pomba,
Porque, sendo moça e bella,
Teu olhar todo meiguices
A tristeza só revela ?

Tu não vês nos labios d'outras
Adejar constante riso ?...

Donde vem, pois, a amargura
Que eu em ti sempre diviso ?...

.
No prado em que a rosa nasce
O lirio nasce tambem ;
Diz : porque não tem o lirio
As côres que a rosa tem ?

Ambas tendo a mesma seiva,
Ambas tendo um só calor :
Quem o lirio assim faz triste,
Dando á rosa a rubra còr?...

Se outras são sempre a alegria,
Eu serei sempre a tristeza ;
Sou o lirio, ellas a rosa :
Ambas têm sua belleza .

1868—Agosto.



CESAR

AO MEU AMIGO A. M. BARROSO PEREIRA



INFRENE turbilhão de atrozes, negros vícios,
Era dos vis patricios
O sonho encantador.

E Roma, a poderosa, a senhora do mundo,
Vivia n'um profundo
Abysmo de terror.

O povo maniatado e servo da republica
Não tinha da voz publica
A força colossal :
Vivia embriagado em funda, vil lascivia,
A' luz funerea e tibia
De ignobil saturnal.

Mas eis que brilha então phanal de intima esp'rança!

Traz escripto—pujança—

No escudo triumphal.

E Roma, a cortezã, do seu poder escrava,

Altiva o appellidava

Heroe descommunal.

O seu fulgor brilhou de Lesbos nas muralhas,

Preludio das batalhas

Que o sagraram por fim.

Corôado nesse dia o bravo destemido

Jurou, embravecido,

Vingar o povo assim :

— Guerra, guerra de morte á infame tyrannia,

Seja o mote do dia,

De noite o meu sonhar ;

O anhelos de minh'alma, ardente, grande e fundo, —

De ser o rei do mundo,

Morrer ou triumphar. —

E a aguia destemida ergueu o vôo immenso !

Por onde passa, intenso

Valor vai incutir.

E, caminhando sempre, é raio o seu escudo ;

Grilhões, cadêas, tudo

Aos pés lhe vem cahir.

De Lesbos a Pharsalia, estrada enorme e longa,
Não sofre uma delonga,
E' sempre batalhar.
Por onde passa a luz da eterna liberdade
Inunda a immensidade
De magico brilhar.

E prestaram-lhe culto os alcantis da Italia,
As solidões da Gallia
E os mares do bretão ;
Lugares onde o heroe desenrolou aos ventos
Os grandes pensamentos
Do seu nobre pendão.

Dahi á Roma altiva o unisonante brado,
Que o povo escravizado
Alli fez echoar,
Bastou ao seu valor gigante e sobrehumano
Para o vasto oceano
N'um passo transpassar.

Chegou e combateu. Os inimigos fortes
Mataram-lhe cohortes,
Mas afinal venceu.
E do heroe altaneiro o immenso e egregio vulto,
Sempre até'lli occulto,
Brilhou no Collyseu.

Era o raio de sol, que ao renascer da aurora
Esplendido colora
O céu, a terra, o mar,
Brilhando sobre um povo, oprimido e adormecido
No leito envilecido
De torpe lupanar.

Os braços encruzou! Com seu olhar profundo
De allí traçou ao mundo
A senda a percorrer.
Por mote havia escripto—A Paz e a Liberdade
A esta sociedade
Liberta do soffrer.

A promessa cumprio, e á sua voz potente
Erguia-se valente
Das sombras do pavor
Uma nação gigante, ha pouco escravizada,
E agora aureolada
De tanto patrio amor.

Oh! sim de patrio amor! o desgraçado povo,
Na luta inda tão novo,
Perdido o tinha já.
E erguen-se n'um só brado unido, altisonante,
Dizendo :—Patria, avante!
Imigos vivem lá.

E foi, e triumphou! Quem ha que ao Ser divino,
A' força do destino,
Opponha força igual?
Ninguém! o proprio mar, a coruscante chamma,
Que foram para a fama
Do vulto colossal?

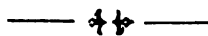
A corôa immortal d'essa missão cumprida
Emfim tinha-a cingida
Na frente. O que sonhou,
E que muito traidor chamou louca utopia,
Raio á luz do dia
Ao povo que salvou.

Que faltava ao heróe, que sempre na victoria
Vira os fachos da gloria
Radiantes lhe fulgir?
Restava-lhe da morte o osculo infinito,
Que faz do heróe um mytho
A's gerações por vir.

E a sorte o ajudou! Um vil traidor covarde,
Homem em quem não arde
Da consciencia a luz,
Vibrou, qual negra fera, o golpe tredo horrivel,
E o sangue do invencivel
Brotou de um jacto á flux.

E o universo escutou seu grito derradeiro,
E sobre um povo inteiro
Pairou a escravidão.
Morreu! mas o seu manto, abrindo longos traços,
Cobrio-lhe os membros lassos
De universal clarão.

Rio, 10 de Novembro de 1868.



ELEONORA

NO ALBUM DE J...

Tu só, tu, puro amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa á molesta morte sua.

(CAMÕES—*Luziadas.*)



RA em Veneza. A formosa rainha do
Adriatico contemplava os ultimos
raios do sol que se mergulhava no
salso elemento, tingindo de purpura e ouro os
zimborios de suas magestosas cathedraes, e as fa-
chadas de marmore de seus palacios.

As aguas do golpho, outr'ora sulcadas pelas quilhas
dos galeões da soberba republica, vinham submissas

quebrar-se em lenções d'espuma a seus pés, em signal de respeito e vassallagem.

Dentro em pouco á luz indecisa e dubia do crepusculo succedêra a noite, com seu cortejo de lucidas e rutilantes estrellas.

O leão de S. Marcos, padroeiro de Veneza, dormitava tranquillo no alto de sua columna de granito. Era que ha muito as aguias negras de Hapsburgo haviam esvoaçado espavoridas ante o glorioso symbolo do Redemptor, divisa veneranda das armas de Saboya, hasteadas agora nas ameias do arsenal.

O silencio da noite era apenas interrompido pelas trovas dos gondoleiros e pelos sons argentinos do *amandolino*. As gondolas subiam e desciam as aguas placidas do canal *la Giudeca*, deixando após si um sulco luminoso e phosphorescente. Em um desses soberbos palacios de construcção architectonica da idade media, reinava a dôr e a desolação: a morte adejára com suas negras azas em volta de seus muros, e o escudo dos condes de F..., que mais de uma vez se empenhára contra os estandartes do propheta nos gloriosos combates navaes da republica, achava-se coberto de crepe.

Um vasto salão, cujas abobadas em alto relevo eram sustentadas por grossas columnas, estava convertido em camara ardente: suas paredes cobertas de velludo preto apresentavam um aspecto sombrio e lugubre.

Doze tocheiros em volta de soberbo esquife projectavam seus pallidos reflexos sobre as faces lividas d'um cadaver. Nos angulos, quatro criados, vestidos com as côres do brazão do finado e crepe no braço, sustentavam tambem tochas accesas. Na base, em almofada de velludo bordada a ouro, a corôa de conde e as insignias das ordens a que o finado pertencêra; a um lado, um monge de joelhos murmurava diante de um genuflexorio de marfim as orações dos finados.

O cadaver que alli jazia frio e inanimado era o do valente Mario, conde de F... ultima vergontea genealogica daquelle tronco illustre. Joven e bello, generoso e bravo, possuindo um nome illustre e uma fortuna colossal, cercado pelas homenagens dos nobres, e affagado pelos sorrisos das damas, tudo esquecêra quando o som dos clarins guerreiros guiando seus irmãos ao combate échoou no seu peito, accendendo em suas vêas o fogo sagrado do amor da patria.

Ao partir, dous suspiros lhe sahiram do peito entumecido. E' que elle abandonava talvez para sempre a sua formosa Veneza, e mais que tudo a sua encantadora noiva a joven Eleonora condessa de M... Em breve, pelo seu valor e sangue frio na peleja, conquistou o posto de coronel de *hussares*; sorria-lhe a felicidade nos combates como no amor, porém n'uma refrega em que o seu regimento se achou empenhado sob os muros do quadrilatero austriaco um

projectil do inimigo lhe atravessou o peito. Tentou ainda disputar o terreno aos seus adversarios, mas, com a abundancia de sangue que derramava de sua ferida, lhe falleceram as forças e cahio desfallecido nos braços do duque de A... seu particular amigo.

Os medicos declararam grave a ferida do conde, e determinaram a sua partida para sua terra natal, não sem obstinada reacção do valoroso mancebo, que não se queria afastar dos lugares em que se pugnava pela liberdade da Italia, sua patria querida.

O excesso da jornada, e a febre que o devorava lentamente, lhe cortou os ultimos alentos quando já entrevia no horizonte as cupolas dos edificios da cidade que lhe servira de berço.

Bem depressa se espalhou a noticia do fatal acontecimento, e um grande cortejo de nobres e povo veio receber o feretro ás portas da cidade.

Era por demais violento o choque que recebia seu coração, para que a bella Eleonora pudesse resistir; e todavia em suas faces pallidas não se manifestavam os vestigios do pranto. Ha dôres que se sentem mas que se não sabem exprimir, tal é sua grandeza que nem lagrimas ha para suavisa-las! De que serviam pois á angustiada Eleonora as consolações com que embalavam seu espirito alheado?

Subito, como se luminosa idéa lhe esclarecesse o espirito, ajoelhou; ergueu ao céu seus bellos olhos,

e seus labios descorados se desabrocharam em um sorriso angelico.

E' que ella entrevira, ao clarão desse relampago que lhe inundou o espirito de luz, as fórmas aereas e vaporosas de um anjo que lhe offertava a palma do martyrio apontando-lhe para o céu.

Já os sinos da cathedral de S. Marcos tinham cessado no espaço as suas vibrações lugubres, as luzes se tinham apagado, e os canticos funebres haviam expirado nas abobadas do templo.

Um vulto negro passára a ponte de *Rialto*, atravessára a *Piazzetta* por entre as columnas de S. Marcos e Santa Theodora, e a passos precipitados se dirigira para o campo santo.

Ahi chegado, seus joelhos se curvaram, e, vacillante, apoiára-se á lage d'uma campa; seu seio oppresso pela fadiga e pela dôr arfava violentamente, seu coração parecia querer estalar os tecidos flaccidos do peito; ergueu os olhos ao céu e de seus hombros alvissimos se desprende o véo negro que envolvia os contornos delicados que se desenhavam através da gaze diaphana.

Neste momento a lua surgia d'entre nuvens na amplidão do ether, banhando com sua argentea luz aquellas fórmas aereas e vaporosas.

Dir-se-hia uma dessas pallidas visões de Ossian, ou uma estatua de marmore apeada da cupola de mausoléo gothico. Era Eleonora.

Os sons monotonos do bronze acordaram o écho da solidão naquella mansão augusta.

Era a hora solemne em que os espiritos malignos surgem de suas cryptas tenebrosas, e as bruxas tripudiam nas margens dos lagos, com seus esgares ferozes e gargalhadas estridulas. Aqui e alli alvejavam cruzeiros e sarcophagos de marmore. Eleonora encaminhava-se por uma alameda de cyprestes, seu rosto sereno, e illuminado por essa aureola que transluz na fronte daquelles a quem a desgraça imprimira o sello do martyrio não manifestava seus secretos designios. No fim da alameda se ergue soberbo mausoléu d'architectura gothica em fórma de capella, no centro, depositado em cima d'um pequeno tabernaculo, estava o ataúde de Mario, das abobadas pendia uma lampada de bronze bruxoleando reflexos pallidos e indecisos.

Rapida como o relampago, Eleonora transpoz o espaço que a separava de seu amante, estreitou-o convulsa nos braços, e seus labios se imprimiram naquellas faces algidas e lividas.

Ajoelhou, e recolheu-se em uma dessas preces mysticas e fervorosas que nos elevam o espirito ao seio de Deos. Ergueu-se lentamente, e de seus labios sahiram estes sons d'uma harmonia suavissima: «Mario!... quando partiste, jurei-te pelo seio puro e immaculado da Madona que não te sobreviveria, se a morte te arrebatasse ao meu amor, cumpro o jura-

mento e nossas almas serão para sempre vinculadas
na eternidade.....

.
Quando nos labios lhe expirava o ultimo som,
ergueu o braço, a lamina d'um punhal scintillando
no espaço atravessou seu collo d'alabastro !....

Nem um suspiro, nem um gemido agonisante, a
morte cerrára docemente aquellas palpebras de vel-
ludo, e um sorriso indizivel lhe pairava nos labios.
Depois.... o som cavo e lugubre d'um corpo que
baqueia e o silencio tetrico e pavoroso dos tumulos ...
Era uma virgem coroada de capellas que se immo-
lára no holocausto do amor.

.
Era um anjo de translucidas azas que voava para
o seio augusto do Creador.....

.
Março de 1869.



AMOR TRAHIDO

(IMITAÇÃO)



A JOVEN

DEUS, amigo, que a manhã já vejo,
Ultimo beijo nos meus labios dá;
Posso na aldêa passeiar sem pejo:
Minha fraqueza ninguem sabe lá.

De nosso amor os festivaes mysterios
Cobrio a noite com espessos véos;
Iam sumindo-se os fanaes sidereos,
A luz roubando aos nebulosos céos.

O MANCEBO

— Cadente estrella, idolatrada minha,
A' vaga foi nossa paixão contar;
A vaga ao remo da veloz barquinha,
O remo ao nauta que percorre o mar.

O nauta á moça, que de ha muito adora
O foi, sorrindo, repetir então;
De nós, portanto, pela aldêa agora
Moços e moças murmurando vão.

Maio de 1862, Coimbra.

A PEDRA FENDIDA

LENDA NACIONAL

A GUILHERNE DA SILVEIRA



URGINDO d'agua á flôr, coberta de verdura,
O mar em torno della assim brando murmura :
—Tu és de Guanabara a mais mimosa filha !
Nenhuma como tu no seu regaço brilha

Tão bella e tão gentil, oh Paquetá saudosa !
Eu mesmo, nos vaivens da *lida porfiosa*,
Ao vêr o solo teu coberto de verdores,
Em ti penso beijar a *Ilha dos Amores*,
Aquella que em meu seio á voz de um genio surge,
E que ao repercutir da voz inda resurge

Bella, qual a creou esse inspirado genio,
A quem o mundo deu o mendigar por premio.—
Alli a tradição conta uma triste lenda,
De que te faço, amigo, esta singella offrenda.

Paulo era pescador, e mal entrava ainda
Na idade das paixões: quadra risonha e linda,
Em que elle, além do mar, que impavido sulcava,
Para tudo no mundo com desdem olhava.
De pequeno seu pai, um pescador tambem,
Ensinára-lhe a vêr o que de horrendo tem
No seio a tempestade, quando ao mar e á terra
Revolve a face n'um, e n'outra abala a serra.
Mas um dia, seu pai á choça não voltára;
A morte com traição do barco o arrebatára!
Colhia o pobre velho a rêde sem cautela,
E subito sentio-se emmaranhado nella;
Desenredar-se quiz, porém fatal sentença
Já tinha a sorte escripto: a superficie immensa
Ao corpo que tombava, um largo espaço abriu,
E o corpo á superficie, ai, nunca mais subio!

Paulo, ao perder seu pai, sentio-se de repente
Irmão e protector de linda adolescente,
Encanto e seducção dos rusticos vizinhos;
Amelia se chamava o cofre dos carinhos
Daquella boa gente á lida'acostumada;
E Amelia, morto o pai, foi logo disputada!
Era cousa de vêr a socegada ilha

Alvorçar-se toda a reclamar a filha !
Brava a contenda foi, mas Paulo a todos dera
Razões tão naturaes que a todôs convencêra.
O triste assim fallou :—Se pai, se mãi perdi
(Ha muito a mãi morrêra), e Deos me tem aqui
Errando sobre a terra, oh quereis vós roubar-me
Quem pôde este viver, sorrindo, amenisar-me?...
Movidos, eu bem sei, que sois da caridade ;
Mas dai este consolo á misera orphandade.
Se minha irmã levais o que será de mim?...
Na vida encontrarei a solidão sem fim !
Eu, que sulcando o mar, as solidões só vejo,
Nem mesmo no meu lar terei o casto beijo,
A voz da minha Amelia a soluçar baixinho :
—Oh, Paulo, meu irmão, aqui neste cantinho
Somos nós e a saudade, mais ninguem se acolhe.—
E no mar, quando a vaga os meus vestidos molhe,
Dizei : quem sobre a relva ha de estende-los rindo?
Quando, ao entardecer, do mar vier fugindo,
Quem ha de ir esperar-me, á sombra dos coqueiros,
A acenar-me de longe?... ai, vós, meus companheiros,
Tendes, volvendo á praia, a esposa que suspira,
Que mil affagos dá, que a vossa rêde tira,
E, cantando comvosco, as malhas lhe concerta.
Mas eu, triste de mim, com a choupana aberta,
Ninguem me levará sequer a gotta da agua,
Um consolo ao soffrer, um lenitivo á magua.
Amelia me deixai , é rôla deste ninho,
Eu sei que morrerei se me deixar sósinho.

Quem se havia de oppôr? com seu irmão ficára,
E na desdita, Paulo a sorte abençoára
Por lhe ter concedido aquella criancinha,
Esteio que de pé o corpo lhe sostinha
E ás lufadas da dôr a vida lhe abrigava.
Na quadra das paixões Amelia penetrava ;
A infancia a suspirar por ella se ficou,
Como a quem desde o berço estremecida amou.
E nunca a mocidade abrira o seu regaço
A' fronte mais gentil. Paulo, moreno e baço,
Tostado pelo sol, mostrava o rosto bello,
E tinha no dizer um modo tão singello
Que ouvi-lo uma só vez, era ficar captivo !
Quando na capellinha ou n'um lugar festivo
O donairoso par taful apparecia :
—Que bonitos irmãos!—o povo repetia.
E não faltava alli rapaz que não pensasse,
Ao vêr a linda Amelia, em venturoso enlace ;
Mas se ella presentia uns longes na conversa
Do occulto pensamento, alli logo dispersa
Ficava a companhia, e Paulo de repente
Arremessado olhar lançava ao pretendente.
Então no grupo alguém, vendo este irmão cioso,
De mansinho dizia : — oh, nem que fosse esposo !

Se o mar era sereno e o céu era de anil,
A's vezes na canoa entrava o par gentil ;
E quando o sol no occaso as serranias doura

Como era lindo vêr de Amelia a trança loura,
Caprichosa ondulando á viração da tarde !
Um frio coração destes em que não arde
Nem viva já se atéa a branda luz da fé,
Se visse no barquinho aquella moça em pé,
O sol a illuminar-lhe as faces e os cabellos,
E o mar a debuxar os seus perfis tão bellos,
Alma gasta, descrente, oh, reprobo que fosse,
A' mente lhe viria um pensamento doce :
De pai, de mãe, de Deos se lembraria enfim,
Se visse no barquinho, á tarde, Amelia assim.

Um dia alguem notou que á missa já não ia
Amelia, a devotinha, a flôr da freguezia,
A mesma que o vigario apresentava a todos,
Como exemplo a seguir na compostura e modos
Que deve a moça ter na casa do Senhor.
E depois mais alguem, o povo fallador,
Raça damninha e vil, que em toda a parte habita.
A que não ha fugir, pois quanto mais se evita.
Mais nos devassa o lar e nos esenta a voz,
E se não vê nem ouve, ergue a calumnia atroz,
Esse monstro fatal, a cujos pés rebrame,
Com a negra mentira, a hypocrisia infame.
Tal povo, enfim, notou que o meigo par agora
Não era em seu viver o mesmo par de outrora :
Faltava-lhe a alegria, aquelle sol formoso,
Que donra a mocidade a palpitar de gozo.

Nos domingos, á tarde, entre o girar das danças,
Ai, nunca mais se vira o fluctuar das tranças,
Nem o canto de Amelia acompanhando o côro
Do bando festival : dizia-se que em choro
Alguem a surpreendeu, fitando um dia o mar,
Sem jámais se saber a causa do pezar
Que de pranto inundava a face á linda moça.
Tambem agora havia em torno á humilde choça
Um não sei que sinistro e de tristonho aspecto.
Morrêra o sabiá ; pendente inda do tecto
Se via abandonada a muda gaiolinha,
E o basto roseiral por quem Amelia tinha
Tão entranhado amor, á secca se mirrava.
Que desdita seria a que sem dó roubava
Da socegada estancia, o riso, o canto e as flôres ?

Era o quente verão, do mar os pescadores
Fugiam com temor da proxima tormenta.
A tarde ia no fim, já uma côr cinzenta,
Nuncia do trovejar, ao longe o céu cobria ;
Enormes, semelhante immensa serrania,
As nuvens em tropel sinistras avançavam :
Intenso era o calor, nem leve ciciavam
As folhas no arvoredó ; e quem neste Brasil
Não sabe como em ti, oh Paquetá gentil,
São tanto de temer as seccas trovoadas ?

As canoas á praia, enfim, já são chegadas ;
De esposas, filhas, mãis, palpita desoppresso

E ledo o coração oh quanto é caro o preço ;
Por que vós lhe comprais, oh pobres pescadores,
O seu terno carinho e os seus ternos amores!
E' por ellas que vós, sulcando o extenso mar,
Estais sempre co'a morte alegres a brincar :
E' por ellas que vós sobre esse mar correndo
Nem vos lembrais talvez que o vendaval tremendo,
Irado, dentro em breve arroje ás profundezas
Vossas vidas que estão já d'outras vidas presas.

Liberto o furacão, arqueja, ruge, freme,
E a terra ao seu embate horrorisada treme ;
Do mar a superficie encrespa-se alterosa,
Parecendo abalar na furia impetuosa
Os rochedos que em torno a Paquetá erguem
A sabia natureza. Escuro e negro o céu,
Mais negro inda o tornava o approximar da noite.
A tempestade erguendo o pavoroso açoute,
O medo, a assolação em tudo ia deixando.
Estalava o trovão, e, rapido passando
O raio coruscante, illuminava a scena
De fugazes clarões ; ao longe a voz serena
De crianças, que ao céu em cântico a prece erguiam,
Aos echos da tormenta os debeis sons uniam.

Subito, entre o bramir dos encontrados ventos,
Humana voz se escuta, e vem do mar ; attentos
Os olhos atravez da escuridão procuram
D'onde vem o clamor. Intensos já fulguram,

Mil fogos sobre a praia o mar illuminando ;
Eis que ao longe se vê nas vagas fluctuando,
Desmantelado e entregue á furia da tormenta,
Pequenino baixel que a custo se aguenta
Sobre horrído escarcéo. Na praia os mais ousados,
Querem ao mar sahir, e tentam, mas baldados,
Os seus esforços são ; á praia elle devolve,
Arrojado batel que afouto se resolve,
O seu dorso a galgar. Perto o clamor já sôa,
E distincto se escuta assim :—Meu Deos, perdôa,
A mim que vou morrer o meu peccado atroz !—
Amelia ! o povo exclama ouvindo aquella voz ;
E a triste para a terra os braços estendia,
Como se a multidão que sobre as praias via
Podesse ir arrancar-a á angustia em que penava.
Depois em afflicção a misera bradava :
Piedade ! soccorro ! . .

O coração confrange
O grito dolorido, e o que em redor abrange
A vista desvairada, oh, mais horrendo torna
O pavoroso quadro ; o mar já quasi adorna
O alquebrado baixel, até que enorme vaga,
De encontro a erguida rocha o pobre lenho esmaga.
Seguiu-se um grito, um só, medonho, pavoroso,
Que o furacão levou rugindo furioso.

Não era a rocha núa, em torno lhe viçava,
Densa vegetação que o mar em vão tentava,

Nas crescidas marés, ás vezes destruir.
Quando o barco de encontro alli se foi partir,
O instincto natural aos naufragos mostrára
A unica salvação; um raio que passára,
De luz todo inundou, em pedestal ingente,
Um grupo magestoso, um grupo commovente :
Ai, era Paulo e Amelia, os dois irmãos, que unidos
Erguiam para Deos as mãos agradecidos.
De joelhos na praia o povo a Deos se prostra,
E erguendo as mãos tambem a gratidão lhe mostra;
De repente porém, novo trovão estala,
E o feroz ribombar como que a terra abala!
Um raio que baixou das solidões do espaço
A rocha bipartiu com horrido fracasso.

Serenára a tormenta e d'entre o mar sahiu
Uma voz que na terra assim repercutiu:
—Olhae destes irmãos o fim negro e funesto,
E vêde como Deos sem dó castiga o incesto.—
Perto de Paquetá fendida a rocha existe,
A memorar de Amelia e Paulo o caso triste.

1869, Rio de Janeiro, 30 de Junho.

MELANCOLIA

or



sol desaparece, e tu despontas,
Deosa do meu viver, desces do ceo ;
Alvejas entre as sombras, como um anjo
Que vem trazer a esp'rança ao que a perdeu!

Rainha do crepusc'lo, abre o teu manto;
Esconde-me em teu seio, onde o soffrer
Tem suave magia que embriaga,
Que abrasa, em te adorar, todo o meu ser!

Senta-te alli commigo n'essa gruta,
Onde o lirio e a cecem fallam d'amor ;
Em que a fonte deslisa entre o velludo
Do prado que pisamos, todo em flôr !

Assim fada gentil, celeste amiga,
D'aquelles que a gemer, vivem p'ra ti :
Afaga-me esta mente, em que se agita,
A ambição d'um viver que já perdi !

Vi-te a nevada mão sobre o meu berço,
Onde o pranto materno ia cahir !
Encontrei-te.... depois... velando a estrella
Que eu fitava ao pensar no meu porvir !

Teu olhar meigo e triste, a negra trança
Que a brisa, em beijos mil, te desprendeu ;
A fronte lisa e pura, descachindo
Como quem, a scismar, se adormeceu,

Fascinou a minha alma ! idolatrei-te !
Tua sempre fiquei ! mal finda o dia,
Ninguém procure a filha do infortunio,
Senão nos braços teus—Melancolia— !!

Coimbra, Maio de 1865.

MÃE...



✽✽✽

Mãe!... que doce nome!

Emanação divina de que se
alenta a minha alma na des-
crença e no desconforto.

Anjo occulto que me suspende ao resvallar
no abysmo das paixões mundanas.

Livro sublime em que leio as mais gratas recor-
dações da minha infancia, d'aquella idade povoada
de sonhos dourados, semelhantes ao azul do céu em
dias formosos de primavera, ou á superficie do mar
em manhã calmosa; idade em que eu não tinha outro
pensamento que não fosse o dos brinquedos infantis
que eram o meu enlevo.

Oh mãe! como se me estala o coração de saudade
ao pronunciar teu nome!

Quantas lagrimas derramei sobre a cruz que te
vigia quando nella ia pendurar as cordas de saudades
e martyrios que por minhas proprias mãos entretecia.

Quantas vezes beije i delirante a fria lapida que

para sempre te escondeu a meus olhos, pensando que o calor de meus lábios se filtrasse no teu seio !

E chamava-te mãe, e uma voz ignota repetia este doce nome pelas alamedas dos chorões ; e a viração da tarde passando triste e gemedora entre a ramagem dos cyprestes, parecia soluçar commigo e murmurar teu nome, oh minha mãe querida !

Oh mãe ! como me é suave a recordação de teus carinhos !

Deixa que o meu coração ainda cheio d'esse fogo divino que lhe imprimiste quando ao teu seio me aconchegavas, se eleve da terra ao céu n'uma prece ungida de amor, de ternura e de saudade.

Feliz, oh bem feliz é aquelle que vive embalado pelas crenças e são conselhos de sua mãe, e mais ditoso, se poder morrer em seus braços, murmurando as orações que na infancia aprendêra de sua boca, verdadeira fonte de religião !

E eu ia ajoelhar-me sobre a tua campa, elevando aos ceos as preces que tu me ensinâras quando apenas principiava a balbuciar o teu nome, e criança ainda, não tremia de pavor por me achar sósinho entre a solidão dos tumulos, porque me parecia, oh minha santa mãe, que tu alli estavas a vigiar-me, e que a tua morte não era mais que um somno profundo de que despertarias se o teu filho te chamasse.

Lembro-me ainda de que, n'uma d'essas orações,

pareceu-me que a tua lousa se movia, e eu senti desejos de levanta-la e devassar esse mysterio da eternidade, e abraçar-te e chamar-te á vida, e beijando-te a mão que tantas vezes me abençoára, chamar-te mãe, e traduzir-te as harmonias d'esse nome sem outro igual na terra, e pedir-te as caricias da infancia, e adormecer em teu regaço, e acordar depois com um d'esses beijos ardentes que outr'ora me davas a sorrir-te!.....

Um dia, mais tarde, plantei junto á cruz que se ergue á cabeceira da tua campa a haste de uma roseira, e na primavera seguinte, quando, partindo para o exilio, fui ajoelhar-me pela ultima vez sobre a tua sepultura, a haste fragil que eu alli plantára sem viço e sem raizes ostentava-se forte e florida, cheia de vigor e perfume, semelhando assim a saudade que por ti, minha mãe, cada vez mais e mais ia estendendo as suas raizes no meu pobre coração.

Oh mãe ! que saudade eu não sinto no exilio ao recordar-me dos teus carinhos!....

NO ALBUM DE MADAME H. P.



~*~

n vous a trompée, Madame,
Nunca fui nem sou poeta ;
Faço versos é verdade,
Como faz qualquer pateta.

Mas a lyra que eu possuo
E' de chumbo, *pas d'argent* ;
E lyra de tal quilate
Vous le savez, ne vaut rien.

Se ella ao menos fosse de ouro,
Parbleu ! então, *Madame,*
Eu faria *en jolis vers*
A pintura de *vos charmes.*

Porém *Madame*, das musas
Sou apenas *dilettante* ;
Sont les cordes de ma lyre,
Pas de tripa, mais barbante !...

Um poeta, neste livro
Como os outros já tem feito,
Saurait fuire en votre honneur
De bons vers, coisa de geito.

As musas invocaria,
As estrelas, sol e lua,
Tout ce qu'il a de plus beau
Lá por cima e cá na raa.

Mais moi je ne puis tanto,
Só faço versos cambaios !
Oh... les muses que j'invoque
Ne me montrent pas seus raios.

Dos vates soldado raso,
Peior que isso —*tourlourou*,
Alcançar inda não pude
Em verso dizer *beaucoup*.

Cependant, tenho esperança
De gagner une épaullette ;
Oh então, cu lhe prometto,
De versos *une omelette*.

Je voulais écrire en prose,
Porém depois.....reflecti ;
Dirieis ao vel-a : *dame*.....
De la prose ! ! ça m'ennuie....

*Moi, je connais les dames
Prosa....risque é ro-co-có ! ..
Mais les vers, elles les aiment
Comme j'aime o pão-de-ló.*

*Excusez ! c'est pas ma faute ! ...
Nada mais pude escrever ;
Mais tarde, sendo poeta,
Vosso livro eu hei de encher.*

Outubro de 1869.

MARIA

Pomba : acolhe no teu seio
Meu pobre canto.

(THOMAZ RIBEIRO.



1.

CANTO, anjo de Deus, que venho reverente
Depôr em teu regaço esplendido e gentil,
E' ledo como o solta o rouxinol plangente,
Na balça perfumada em calmo e pleno abril.

A luz que neste instante a fronte me illumina
E atêa na minh' alma um fogo abrazador,
E' a luz do teu olhar, miragem peregrina,
Visão do meu scismar, filha do meu amor !

Eu sinto-me feliz, se ao labio purpurino,
Te vejo despontar angelico sorrir,
Porque então eu diviso o cherubim divino
Que ridente me aponta a gloria no porvir.

Acolhe pois, no teu virgineo e casto seio,
Do bardo apaixonado a humilima canção,
Ella de ti brotou, oh foi de ti que veio
O thema delicioso, a maga inspiração !

II.

Tu és, Maria, a minha musa q'rida,
A quem imploro um perennal auxilio ;
Tu és a pomba divinal, que a vida
Me dulcificas no meu triste exilio.

Tu és na terra o immaculado nume
A quem consagro o meu humilde preito ;
Tu és a essencia, o sideral perfume
Que me enebria e me arrebatava o peito.

Tu és a prece, és a canção nocturna,
Que exprime em vozes o mais santo affecto ;
Tu és o cofre, és a formosa urna,
Que encerra o iman de um amor completo.

Tu és a ingenua pastorinha meiga,
Que entre a verdura de um viçoso outeiro,
Toda enlevada, com prazer ameiga
Do seu rebanho o mais gentil cordeiro.

Tu és a concha que no mar profundo,
Contém a per'la de um valor immenso;
E's o jasmim do meu vergel secundo,
A recender um grato aroma intenso.

Tu és a luz da matutina aurora,
Que me irradia o coração enfermo;
Tu és a voz da jurity sonora
Que eu ouço ás vezes suspirar no ermo.

Tu és a aragem vespertina e calma,
E's o murmurio da chorosa fonte,
E's o loureiro, és a virente palma,
Com que sonhei engrinaldar a fronte.

Tu és a rôla lamentando queixas,
Na triste ausencia do gentil marido;
Tu és a lympa a segredar endeixas
Por entre um verde laranjal florido.

Tu és a imagem do sagrado templo
A quem eu presto o mais fervente culto;
Tu és a cópia, és da virtude o exemplo,
A quem dedico o meu amor occulto.

Tu és a estrella de eternal bonança,
Que me esclarece a perturbada ideia;
Tu és a vaga crystallina e mansa,
Que em brancos flocos se desfaz na areia.

Tu és o facho de cambiantes luzes,
Que me fascina com seu brilho mago;
E's quem minh' alma e coração seduzes
Com teu olhar tão seductor... tão vago !...

Tu és emfim a inspiração ardente,
Que me dissipa o meu viver tristonho;
Tu és o idyllio que eu creei na mente
Durante o mago delirar de um senho !

Rio, Junho de 1868.



A VOLTA

(IMITAÇÃO)

~*~



GOBERTO inda de pó, da finda guerra á volta,
A' porta bate o amante e estas palavras solta:

—Acorda, luz a aurora,
Tua porta está fechada,
Vem, vem oh minha amada,
Depressa abril-a a mim.
Não ouves a andorinha?
Não tens tu já, lindinha,
Assaz dormido assim?—

Entrou—no esquite estava a pallida menina,
De violetas cingida a fronte peregrina:

—O somno branqueou-te
A viva côr de rosa;
Descerra, minha esposa,
Teus labios para mim.
Já canta a cotovia;
Não tens, nascendo o dia,
Assaz dormido assim?—

E o funebre caixão lá'stava em frente á porta ;
Não cria em tal o amante, e assim fallava á morta :

—A meio a fronte velas ? !
Teus vãos temores deixa...
Acaso alguma queixa
Tu pódes ter de mim ? !
Ah ! finda-me esta pena !
Não tens, pobre pequena,
Assaz dormido assim ?—

Levaram-n'a—na igreja a lugubre harmonia
Dos psalmos retumbou, e o triste inda não cria!...

—O sol dissipa as trevas,
Já brilha a verde alfombra ;
Mas tudo, negra sombra,
Sem ti é para mim.
A abelha vai zumbindo ;
Não tens tu, anjo lindo,
Assaz dormido assim ?—

A' campa a vio descer, e duvidava ainda !....
Mas quando a terra vio roubar-lhe a noiva linda :

—A morte arrebatou-m'a,
Meu Deus, findou-se tudo !
Quem no sepulchro mudo
Te foi depôr sem mim ?
Comtigo quem me enterra ?
Minha alma há sobre a terra
Assaz dormido assim.—

Coimbra, Dezembro de 1862.

A UNIÃO IBERICA



HESPAHHA, allucinada nos frenesim de uma revolução, exclama entre os gritos de blasfêmia que está soltando—A união iberica ! Portugal e Hespanha formando uma só nação debaixo de um só governo ! — Isto é horrivel; mas, ao lado do horrivel, o sublime !..... e um concerto de vozes portuguezas na harmonia patriotica de seus accordes converte em hymno nacional o brado de Lamego « *Nos liberi sumus, rex noster liber est, manus nostræ, nos liberaverunt, rex nostræ qui talia consentirit moriatur, et si rex fuerit non regnet super nos.* » Nós somos livres, o nosso rei é livre, as nossas mãos nos libertarão, o nosso rei que em tal consentir morra, e tendo sido rei não reine sobre nós. Este grito, ouvido ainda hoje em qualquer canto da terra onde palpita um coração portuguez, convence que o portuguez não degenerou. Nas occupaões pacificas da vida, longe da patria, no seculo XIX, elle é o mesmo

que foi em 1139 e em 1143 no campo de Ourique e em Lamego, derrotando os mouros de Ismar, asteando o brazão das cinco chagas entre as quinas das nações independentes e constituindo a sua nacionalidade. Então como hoje perguntou Lourenço Viegas aos portuguezes : « *Vultis quod Dominus rex vadat ad cortes regis de Leone, et det tributum ili aut alicui personæ for Domini Papæ qui eum creavid regem ?* » Quereis que o senhor rei vá ás côrtes do rei de Leão e pague tributo a elle ou qualquer outra pessoa excepto o tributo devido ao senhor Papa que o fez rei ?

Hoje uma revolução que ninguem sabe se terá tempo de perturbar a paz das nações vizinhas, como o Protectorado de Cromwell, a revolução de 93, e o Imperio, exige que Portugal mande deputados ás côrtes de Leão e pague tributos em signal de sua vassallagem. E hoje como outr'ora o brado portuguez sempre igual em força é sempre igual em idéas: « *Rex noster qui talia consentirit moriatur, et si rex fuerit non regnet super nos.* »

Mas não, respondem-nos os partidarios das annexões ; a revolução só quer a união, e para maior pe-nhor da sua equidade, em vez de reclamar tributos como Affonso VIII, offerece ao rei de Portugal o throno de todas as Hespanhas. A perfidia é tão mal sisuda, que mais parece uma puerilidade que uma astucia da politica. Felizmente não haverá cam-

pones, desde o Minho até ao cabo de Santa Maria, que não comprehenda que uma associação politica de 4 milhões de homens de um lado e 15 milhões de outro não é uma associação, é uma absorpção ; e que reunir dois povos livres com esta differença numerica é reduzir uma nação independente a não ter outra existencia senão a de uma insignificante minoria parlamentar.

E' verdade ; não ha proporção entre as pretensões de Affonso VIII e as da revolução. Porque Portugal podia conservar então os seus fóros como territorio feudal ; hoje a unidade do systema representativo nem essas vantagens da antiga municipalidade lhe consentiria ; e o povo que no seu horoscopo não quiz reconhecer outro superior senão o Vigario de Jesus Christo tem de obedecer, não tanto á Hespanha, mas a qualquer partido triumphante no parlamento hespanhol. De Portugal só ficariam as feições portuguezas.....essas ficam-lhe porque nenhuma politica terá forças para transformal-as ; mas infelizmente ficam-lhe só para que nas luctas e nos triumphos das populações hespanholas o mundo reconheça os portuguezes no seu aviltamento e na sua escravidão ! Nem innocenta a boa fé os propugnadores das annexações ; ouvi-os, e elles vos dizem francamente, que é preciso desenxamear das pequenas nacionalidades o mappa da Europa ; e que, em consequencia deste principio, um pequeno Portugal só pôde servir para

tornar a Hespanha maior do que ella é. Inda bem que estes homens se desmentem com tanta facilidade ! E' neste argumento que o assumpto deve ser tratado. é um argumento criminoso; mas ao menos é um argumento franco ; porque, quanto a uma annexação pelo iman da liberdade, isso seria um dislate de mão gosto se não fosse uma perfidia !

Nada revela tanto o despejo do moderno gebelinismo como este desdem das pequenas nacionalidades ; fallam em liberdade, em republica, e por fim explicam-se concluindo que a justiça não determina um direito senão quando a fortuna determina uma força. Mas é conveniente que mais esta maxima pertença ao gebelinismo, para ser bem completo o contraste entre elle e a Igreja Catholica.

Já no seculo V dizia Santo Agostinho nessa obra colossal que lhe dá juz a ser o fundador da philosophia da historia : « *Sic fellicioribus rebus humanis omnia regna parva essent concordi vecinitate lælantia et ita essent in mundo regna plurima gentium ut sunt in urbe domus plurima civium* » ; e dahi a dois seculos a historia começou a multiplicar os argumentos de que a descentralisação administrativa é a grande alavanca do progresso social.

A descentralisação administrativa encheu a Europa de cidades monumentaes ; mesmo entre todos os defeitos do systema feudal, creou o commercio e a industria nas communes quando fóra dellas a indole

bellicosa dos homens mal se acalmava com a tregoa de Deos.

Perguntai sobretudo a essa Italia, que, cega, quer hoje trocar a liberdade que a enriqueceu na idade média pela preponderancia esteril da sua existencia pagã, se foi a unidade politica ou a descentralisação politica que lhe deu Veneza, Milão, Turim, Genova, Florença, e que foi levantando essa Roma Pontificia com uma belleza e uma magnificencia que ella nunca imaginou no tempo em que as suas aguias lhe avassallavam a terra, desde o Eufrates até á Britania, e desde o mar Germanico até á Libia ?

Desde a mais remota antiguidade o que nos apresenta a historia é os grandes imperios consumindo o que produziram os pequenos estados. E o que é documentado com pedra e cal diante dos nossos olhos, é que a descentralisação politica na idade média deixou á monarchia moderna um legado de riquezas, que ella nunca teria conseguido com o seu proprio trabalho ! E, para conclusão de provas, das colonias européas na America as que mais rapidamente vicearam foram aquellas que a historia nos apresenta como verdadeiras engeitadas da mãe patria. E porque ? Só porque este engeitamento importava uma descentralisação administrativa, tão larga que bem se poderia chamar uma descentralisação politica.

Se os resultados brilhantes deste systema na Europa e na America não o acreditam, perlustrai essa

área immensa onde o pensamento de um Cezar combina as relações de tres mundos, de nove mares, de um sem numero de rios navegaveis, de minas preciosas, até mesmo de climas variados, e 74 milhões de escravos para executarem os seus decretos; comparai a Russia, cuja extensão na Europa excede a somma de todos os paizes da Europa reunidos; a Russia favorecida por tudo, excepto pela emancipação do trabalho e a independencia municipal; onde o despotismo tem tido a boa lembrança de proteger a sciencia mas nunca teve força para naturalisal-a : e essa Russia, dotada de tudo quanto enriquece o homem e privada de tudo quanto constitue a sua dignidade, será para sempre um pavoroso argumento, que o segredo do progresso é a centralisação moral e a descentralisação politica.

A annexação das pequenas nacionalidades é um absurdo e um latrocinio diplomatico; mas, quando fosse uma verdade, admira que della se queira prevalecer a revolução hespanhola ! Parece-me acordar de um sonho quando ouço perguntar a respeito de Portugal:—para que servem os pequenos estados!... — Será possivel que homens que entendem alterar as condições de todas as nações da terra, ignorem as noticias mais superficiaes da geographia e da historia ? Póde haver maior delirio que dar como pequeno estado uma monarchia de oito milhões de subditos, que levantam o seu pavilhão sobre tantos

archipelagos ? Que na Africa sobre dois mares contempla os rastros de suas navegações, e ainda tem possessões na India, na China e na Oceania ? ainda que o materialismo revolucionario queira sujeitar a um compasso a grandeza das nações, este compasso aberto sobre Portugal, apresenta duas mil novecentas e cincoenta leguas quadradas na Europa e mais de oitenta mil compondo o seu territorio ultramarino : medida que deixa muito longe em extensão os grandes estados da Europa como a Prussia, a Austria e a Suecia, que não poderem prevalecer-se de dominios coloniaes. Um argumento de estatistica e de geographia basta para desnortear a revolução; todavia, avaliar a força de um estado só pela extensão do seu territorio ou o numero de seus habitantes, é um processo contrario ao mesmo tempo á moral e á politica. Ponde em comparação o Egypto e a Grecia, e dizei-me qual destes dous estados ha de ser annexado pela Persia e qual delles ha de resistir-lhe e por fim vencê-la. Oh! mas neste caso, se ha nação rica desses estimulos moraes que levantam as grandes nacionalidades, é sem duvida Portugal. Vêde logo na sua origem éssa obscura dotação de uma filha natural de Affonso VI; como no espaço de 49 annos desde 1094 até 1143 apresenta aquella physionomia varonil que faz distinguir uma nação entre as associações humanas. Emquanto na França, na Inglaterra, na Russia, na Suecia, encontramos nações coa-

cervadas de heranças, dotações, conquistas, que insensivelmente foram tendo um nome de preferencia; esta apresenta-se como a unica nação d'Europa em primeiro lugar definida na homogeneidade da sua origem, em segundo lugar creada debaixo de todas as condições do direito. Sim, Portugal em primeiro lugar uma nação definida na homogeneidade da sua origem, é a prole dos bravos que durante 49 annos combateram debaixo dos dous Henriques contra a usurpação mahometana. Em segundo lugar é uma nação creada debaixo de todas as condições de direito: porque a espada dos bravos mereceu-lhes a soberania; mas não a conquistaram elles: pediram-n'a e esperaram-n'a, d'aquelle que é oraculo do direito sobre a terra. *Cangregavit vos rex Alfonsus quem vos fecistis in campo auriquis ut videatis bonas literas domini papæ et dicatis si vultis quod sit ille rex.*— Palavras monumentaes que ostentam a nossa patria surgindo das duas condições primitivas da moralidade humana, a justiça e a liberdade: a justiça que legitima definida pelo Papa; a liberdade que realiza manifestada pelo voto do povo. E esta nação creada não pela força bruta; mas por uma decisão juridica quando se annuncia ao mundo como nação soberana, é logo affeiçãoada nas suas proporções politicas por uma constituição, onde as idéas corajosas de um povo livre resplandecem alumiadas pelas noções mais exactas da jurisprudencia, e a santidade da religião.

Não ha nação tão fidalga na sua origem, e de tamanha origem não desmerece a prole dos livres! Vê-de-os em menos de um seculo expulsando os filhos de Morghreb das ultimas raias do Alfghar já por fim coroados com esses louros que tambem souberam ganhar em Navas de Tulosa.

Em 1340 são elles que vão sustentar o estandarte da Cruz sobre as margens do Sallado, quando as mãos de Castella desfallecidas quasi o deixão cahir. Esta sociedade já distincta por um caracteristico de heroismo, falla emfim uma lingua que a individúa completamente de todos os outros povos da peninsula Iberica; lingua que conta dous reis entre os seus primeiros trovadores, que se monda, lima e enriquece n'uma litteratura onde brilha em torno a *Barros*, *Camões* e *Vieira*, um sem numero de superiores talentos! E que diremos desta historia, onde cada facto inspira uma epopéa, e aprimorada de rasgos, unicamente portuguezes?... Emquanto o Inglez commemora as victorias de *Eduardo I*, *Eduardo III* e *Henrique V*; emquanto o Francez lembra as cincoenta e seis batalhas de *Carlos Magno* e exalta os nomes de *Felippe Augusto*, de *Francisco I*, de *Condé*, de *Turaine*, *Luxembourg* e *Vandôme*; o portuguez, que tambem póde com os outros cantar victorias e batalhas, diz o que ninguem póde dizer: que os seus avós deixaram a humanidade no cabo—Não,— e sósinhos engolfaram-se a

prescrutar os arcanos da natureza, no mysterio pavoroso do mundo meridional.

Os bravos deram o astrolabio á nautica, a Africa á geographia e os indicios mais seguros das Indias Occidentaes a Christovão Colombo e á Hespanha.

Historia, lingua e litteratura, tudo quanto póde inflamar o patriotismo, tudo tem entre os Portuguezes um cunho nacional.

Mesmo sem a Africa, no canto mais estreito do globo, este povo não seria um pequeno povo.

Repete-se hoje a cada momento que a gente portugueza não é mais o que foi outr'ora! como se as galas de um passado deixassem de ser o estimulo do heroismo na geração que por ellas se enthusiasma; como se o somno fosse a morte e as nações morressem sempre que as circumstancias não se apropriassem, a toda manifestação da sua vitalidade.

Em que decahio Portugal?... Na perda dos seus dominios?... Elles éráo tantos que fôra impossivel conserval-os sempre. E a França, a Inglaterra e a Hespanha não tem perdido tanto, e não estão sempre ameaçados de perder o que lhes resta?...

Em Portugal a industria aperfeiçôa-se, o commercio ramifica-se, a litteratura alinda-se no apparecimento incessante de novos talentos, o passado de varonis esforços é uma chamma electrica no animo de todas as gerações, o patriotismo portuguez é pro-

verbial e um vasto imperio na America tem com elle estas relações de consanguinidade que apesar das rixas de familia são sempre o penhor mais seguro de alliança e coadjuvação. E um povo nestas condições, a quem não falta senão o tempo de crescer e multiplicar-se para encher um territorio quasi tão vasto como a Russia e secundal-o com o trabalho do homem livre, será um povo para quem o passado se esterilizou?... Não; Portugal não está velho; a velhice não tem tanto calor nas veias nem um tão vasto horizonte de vida diante de si! é fraco por óra porque a puberdade tambem é fraca, e um povo pouco numeroso que estreou a existencia com tamanhos commettimentos tem de resignar-se a seculos de puberdade: porém não se vê nelle a fraqueza da vida que se extingue, mas a fraqueza da vida que começa cheia de actividade, de enthusiasmo e de confiança no futuro!

E em troco de que irá o joven Portugal pôr debaixo da tutela da Hespanha todos os seus bens e renunciar n'uma nacionalidade amphibia a todas as inspirações do seu nome? Tudo isto deve ser superfluo para Portuguezes; mas, se os ha tão degenerados que a sangue-frio calculem o que podem herdar com a morte da patria, esses que não recuam diante do parricidio, recuem diante das calamidades de um attentado infructifero; porque a união iberica não é só um crime, é uma loucura, é um impossivel!

Os bravos podem ficar vencidos e uma bandeira iberica tremular sobre as fortalezas que já foram luzitanas. Mas desaparecendo Portugal ficam os Portuguezes e o iberismo será transmittido de pais a filhos como uma palavra de execração! Quanto mais se procurar unir Portugal á Hespanha pela pressão da politica, tanto mais guerra haverá de sangue a sangue e de alma a alma!

Esta tentativa frustrada em todos os tempos deve desanimar hoje os seus protagonistas. Os nomes de tres reis de Portugal, D. Fernando, D. Manoel e D. Henrique, não foram bastantes para conter os impulsos do patriotismo, a sagacidade dos meios empregados para conseguir esse fim não poderam illudir a vigilancia popular. De 1580 a 1640 um governo aliás benigno e mesmo glorioso parecia ter abafado todo o estimulo de independencia: tudo indicava que tinha soado a ultima hora da autonomia luzitana! Entretanto este sentimento aguardava o primeiro ensejo; elle deu-se na revolta da Catalunha, e o povo que parecia adormecido, apparece em campo disposto a todos os sacrificios; e não pára enquanto não afugenta o phantasma que ameaça a sua independencia!

Para isso foi preciso o sacrificio de quasi todos os seus dominios: não se trepidou diante deste sacrificio. E aquelles que o julgam decadente, á vista de tantas perdas reconheçam a causa de todas ellas no

amor da independencia, e admirem a longanimidade de um povo que soube sacrificar a sua fortuna para conservar a sua liberdade. Notai, porém, que em todos estes factos o patriotismo portuguez nunca foi provocado por uma proposta tão insolentecomo hoje. Então só se tratava de uma fusão de dynastias na qual a independencia nacional perigava, mas não era directamente aggredida : hoje não se trata de dynastias, trata-se de nações, e a revolução hespanhola com o nome de annexação annuncia ousadamente a conquista de Portugal.

Eu não temo ver este nome glorioso apagado no mappa das nações. Para repellir a conquista pela annexação basta a espontaneidade luzitana. E' quasi impossivel realizal-a, mantêl-a é impossivel ! Mas a simples tentativa deste crime é um alito do inferno lançando sobre a peninsula hiberica toda a sorte de calamidades.

A não ser a idéa de uma annexação, a historia não apresentaria outro quadro de dous povos tão amigos, tão irmãos e tão dignos de o serem. Sempre que a politica não tenta confundil-os, une-os a moralidade. Elles trabalham quasi na mesma arena, deslizando com escrupulosa sinceridade o incerto limite da esphera de acção que lhes compete ; o Luzo e o Hespano, ambos á vista, ambos bem perto, abandonam-se aos impulsos da sua energica natureza, sem que um sentimento de inveja venha enlaivar-lhe na face a expressão do heroismo.

Ainda mesmo que a torrente das circumstancias acarrete algumas destas complicações em que a razão se obscurece e a guerra torna-se inevitavel, supre a benevolencia, a luz da razão, facilita um tratado em Tordesilas, um tratado em Badajós, um tratado em Saragossa: e em toda a roda do globo terrestre alternam-se os pavilhões da Hespanha e os pavilhões de Portugal debaixo de um Iris que exprime a gloria e annuncia a paz. Apenas em tres épocas anormaes na historia dos dous povos, na guerra da successão Bourbonica e no reinado de D. José I, e no principio deste seculo dous irmãos contendem por algum tempo; mas desfazem-se os bulhões dessa quadra calamitosa, e benevolencia fraterna acorda gentil como sempre em um amplexo de paz.

O que é que interrompe esta contemporaneidade de concordia e de gloria? Só esta palavra de máo agouro—União Iberica—Fallou-se nella e uma guerra de 46 annos termina o seculo XIV, e estréa o XV, fazendo comprar com luto e sangue os louros de Al-jubarrota; torna-se a fallar nella no seculo XVI, e uma guerra de 26 annos acaba de enfraquecer as duas guardas avançadas da civilisação européa e inhabilita-las para reclamar o posto que lhes compete na escala das nações.

Por amor da Hespanha mesmo, oxalá que nunca Hespanhões alimentassem esta idéa fatal! Portugue-

zes não os póde haver; que não são Portuguezes aquelles que querem a morte de Portugal. Mas a esta hora o grito de máo agouro faz-se ouvir; um partido que triumphou na Hespanha acaba de declarar o que nem Henrique II, nem João I, nem Isabel I, nem Felippe II, III, e IV, ousaram dizer, embora projectassem. Pela primeira vez um governo hespanhol tem a insolencia de affrontar Portugal com a proposta da annexação. Se esta revolução é um interesse ou um desastre para a Hespanha, isto não é da nossa competencia: a causa é hespanhola, os hespanhóes que a decidam. Não é justo nem prudente que o portuguez se envolva na politica de um paiz limitrophe; sobre-tudo quando lhe compete zelar a propria independencia ameaçada. A revolução da Hespanha só póde ser apreciada pelos portuguezes em relação com Portugal.

Portuguezes! a revolução hespanhola, appresentando-vos um governo estrangeiro que estabelece no seu programma a liberdade como meio e a união iberica como fim, faz-vos uma provocação!

Nada receio do pundonor luzitano; mas lembrai-vos, descendentes dos bravos de Badajós e de Villa-Viçosa, filhos dos Portuguezes que ainda neste seculo uniram-se com a Inglaterra contra a França, e fizeram uma revolução para combaterem a tyrannia da Inglaterra, lembrai-vos que o perigo é immenso!

é preciso estar álferta, qualquer descuido, qualquer condescendencia póde agrilhoar-vos os pulsos, des-honrar-vos o nome e trazer sobre vós a maldição de vossos pais!



SOMBRAS E LUZ

A MINHAS IRMÃS

Tenho, na minha vida, um mau e um bom destino.
O mau é sempre escuro! o bom sempre divino!
De um lado é treva densa e do outro lado é luz.
Prende-se ao meu presente o gelo da desgraça!
E o sol que hoje me brilha e luminoso passa
A's lagrimas conduz.

O passado foi bello! A chamma dos amores,
Repleta de illusões e esplendidos fulgores,
Fez brotar na minha alma os sonhos juvenis.
A crysalida abriu-se, e a doida borboleta,
Fitando extasiada a luz irriquieta,
Crestou-se, morrer quiz!

Orvalhou-a debalde o rócio da esperança!
Arremessada ao pó, a triste hoje se cança
Para erguer-se ao espaço, e voar, e voar!
E' já tarde de mais! As azas presas sente
E, se contempla o céo, não vê mais que o poente,
A luz crepuscular.

Aos languos olhos meus não mais a aurora brilha !
Como a sombra voraz da trega mancenilha,
Entibiam-me a vida os soffrimentos meus ;
Cercam-me hoje no mundo espessas, negras sombras..
Embora ! tenho ainda as celicas alfombras
Da crença no meu Deus !

E' este o bom destino ! o que da luz sorri-me
E das trevas do mal o corpo meu redime.
O mau vem-me do inferno, é triste ! negro ! atroz !
O bom vem-me de Deus e serve-me de auxilio
Nas lutas d'esta vida !

As sombras são o exilio,
A luz, irmãs, sois vós !

Rio, Fevereiro de 1870.

OFFENBACH



« ! que inferno, santo Deos !
Que praga de musicata ;
Que dos ouvidos nos mata
O bichinho ! que mania !!
Basta já de Offenbachia !!...

Irre ! quasi não se póde
Mais comer nem conversar,
Sem se ouvir estropear
As musicaes producções

Que a França brota aos montões.

Se na rua vai um homem
Como eu, um *diletante*,
A sonhar com Mercadante,
Um piano dá tres guinchos !
E' o *Orpheu* que sae aos pinchos !

Se vai cantando entre dentes
Qualquer aria de Bellini,
Eis lhe surde um *Paganini*,
Na rabeca sanfonando
O maldito *Chico-Candol*...

Se pensa na grande *Stoltz*,
Na *Lagrua*, ou *Casaloni*,
Um maldito *macarroni*,
N'uma harpa que tem mil tacos,
Põe a *Grande Duchesse* em cacos!

Inda isto não é nada!
Ha tres mil e cem pianos,
Que não sei ha quantos annos
Andam sempre em bolandina,
De *musique Alcasarina*!

N'uma rua, o *Barbe Bleu*!
N'outra rua, a *Belle Hélène*,
Le mariage aux lanternes
Monsieur de Chouxfleuri,
Les Bavards, par là, par-ci!...

E' sempre e sempre *Offenbach*!
Na cozinha, nos salões,
E até nas procissões
Offenbach reina só;
Tudo mais é lixo, é pó!

A cohorte dos moleques
A *Offenbach* faz cortejo
Até mesmo, n'um realejo
O tratante faz das suas,
Por travessas, beccos, ruas!...

Vou mostrar-lhes o que póde
Esse demo tão damnhinho;
Como traz n'um borborinho
Os miolos, o juizo
De quem sempre teve siso ...

Fui a Minas, a negocio,
E passei lá mez e meio;
Pois ao voltar deste passeio
Encontrei a minha gente
Quasi douda ! seriamente !

Ao entrar no corredor,
Meu velho sogro encontrei,
E com prazer o abracei;
Mas, elle entrou a medir-me,
Com ar fero, porte firme!..

E depois, assim me disse:
Eu sou o barbas de milho
'Stou viuvo, oh que sarilho !
A mulher jaz no caixão,
Acabou-se a geração !

Pois morreu a minha sogra ?
Perguntei quasi chorando...
E as escadas fui galgando ;
Mas, chorava de alegria,
Porque a velha tem *maquia*,

Esbarrei no patamar
Com a minha outra metade :
—Eu já sei da novidade ;
Mas resigna-te, querida,
Tudo morre nesta vida...

Respondeu-me em cantoria :
—*Dous amantes tão constantes*
Como nós, não ha na terra !
Bem juntinhos, quaes pombinhos,
Percorremos toda a serra. (1)

—Como chora pela mãe !!
Disse eu : ai pobre coitada !
Delira, está variada !
Maricota ! torna a ti ;
Não vês teu marido aqui ?

Nisto ouço minha sogra
A cantar lá na cozinha,
Com os netos e a negrinha,
Um côro desenfreado,
A panella acompanhado !...

De repente, o meu *Lulú*,
Escutei—*assez, assez !*
Paravam !.... *Continuez !*
Allez donc mussiú Ramalho !
Novo côro, mais chocalho.

(1) Parodia do Barbe Bleu representada no theatro—Phenix Dramatica.

—O' mulher, diz-me depressa :
Tua mãe é morta ou não ?
E teu pai, também 'stá bom ?
Não lhe falta qualquer mola
No relógio da cachola ? !...

E quem é o Sr. Ramalho,
Esse grande *pagodeiro* ?
Temos novo cosinheiro,
Morreu também o Vicente ?
Que é isto, finalmente ?...

Fui entrando na cozinha,
Onde, apenas me avistaram,
Inda em côro mais gritaram :
—*Elle é o Barba de Milho,*
'Stá viuvo, oh ! que sarilho !

Estão doidos, furiosos...
Pensei eu , e com razão !
Acalmada a agitação
E' que soube por miudo
A causa daquillo tudo.

O meu sogro e bom compadre,
N'um dia santificado,
Foi de tarde ao *Eldorado* (1)
E achou tudo tão galante
Que tornou-se um *dilettante* :

(1) Nome por que vulgarmente é conhecido o theatro da Phenix.

O que lá viô contou em casa :
Fez surgir a narração !
Quando houve outra funcção,
Lá foi elle e o netinho,
A tal dito theatrinho :

Desta vez, enthusiasmo
Sem limites ! e em duetto !...
O avô e mais o neto
Contaram cousas tão bellas
Que a familia quiz ir vel-as.

Não foi nada ; sete vezes
Foram ver a tal folia ;
E da peça a cantoria
Encaixaram na barriga,
E depois... tome cantiga !....

O meu preto Zebedeu,
Preto velho, ganhador,
Esse mesmo é um cantor !
O Offenbach gargantêa
No seu quarto quando ceia.

Por um triz que transformaram
Salas, quartos, escriptorio,
N'um grande conservatorio ;
E a casa eu vinha achar
Transformada em *Alcazar*.

Bellini, Verdi, Rossini
Ha muito que falleceram !
Será bom o que escreveram,
(Dizem muitos) cependant,
C'est musique sans cancan.

Junho de 1869.



A M...



SONETO

QUANDO os meus olhos no teu rosto fito,
A contemplar-te a divinal candura :
Afasta-se de mim toda a tristura,
Do meu viver soturno de proscripto.

E' porque á luz de um casto amor bemdito
Não póde o agudo espinho da amargura
Fazer que no imo d'alma, a creatura
Não sinta as impressões d'um gozo inf'nito.

Bem hajas, alva estrella radiosa,
Miragem que em meus sonhos antevia,
Cheia de enlevo e graça voluptuosa ;

Bem hajas, aurea filha da poesia,
Que á minha vida acerba e tormentosa
Trouxeste ignoto raio de alegria.

Rio, Fevereiro de 1869.

PAGINAS INTIMAS

A M. J. GONÇALVES JUNIOR

« Dai ás paixões todo o ardor que puderdes, aos
« prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentidos
« a maxima energia, e convertei o mundo em pa-
« raíso; mas tirai delle a mulher, e o mundo será
« um ermo melancholico; os deleites apenas o
« preludio do tedio.

(ALEXANDRE HERCULANO.—*Eurico.*)

∴



Quando a existencia se deriva serena e pla-
cida no gozo de perennes felicidades, quando
nos assomam aos labios aquelles sorrisos in-
definiveis que são os vivos reflexos das sensa-
ções que nos enchiam a alma, quando as expressões
que se articulam são as exhalações intimas do co-
ração, e quando finalmente respiramos o ambiente
balsamico de tantas venturas; como é então se-
ductor o prisma por que vemos todos os objectos que
nos cercam !...

A vida parece rejuvenescer, nos campos é mais verdejante a relva, as arvores são mais frondosas, as flôres têm mais viço e exalam um mais puro aroma, o cantico das aves é mais cadente e harmonioso, e finalmente a brisa perfumada dos bosques como que nos cicia aos ouvidos a palavra—amor!...

Então se no complexo de tantas venturas apparece algum desgosto que nos escurece o horisonte de felicidade que antevemos, elle se dissipa subitamente como a nuvem que, impellida pelo brando sopro da brisa, perpassa pela argentea face da lua interceptando-lhe por momentos seus raios crystallinos, para de novo brilhar com mais esplendor.

..

Era por uma dessas noites esplendidas de luz e poesia.

No firmamento recamado d'estrellas vivas e refulgentes, deslisava sereno e magestoso o astro poetico dos amores, banhando das alturas do ether com seus pallidos raios as estatuas de marmore do palacete S.... e convertendo em graciosa chuva de perolas as gottas d'agua que se arrojava ás alturas tombando em vasta bacia de marmore, aonde mergulhavam myriades de pequenos peixes cujo dorso prateado scintillava ao reflexo do luar.

Havia alguns momentos que, fatigado do ruido

dos salões e do voltejar delirante das walsas, tinha-me machinalmente assentado junto á estatua d'Apollo.

O meu espirito estava profundamente recolhido n'um desses deliciosos extasis em que o pensamento nas azas douradas da inspiração, transporta-se ás diaphanas regiões da phantasia.

São estes os momentos em que o nosso espirito, identificado com o quadro poetico da natureza, se expande em torrentes d'angelicas divinisações, ternas e melancolicas como o ultimo harpejo do alaúde da virgem; magestosas e impressivas como a ultima nota do órgão expirando nas abobadas sombrias de mosteiro gothico.

Se sonhava com os jardins encantados de Semiramis, ou com as columnas derrocadas de Palmyra, não o sei eu dizer.

Subito... estremeci ao voluptuoso contacto d'uma mão que se apoiava no meu hombro; ao ambiente já impregnado do perfume das violetas e jasmins, juntava-se um aroma activo desses delicados perfumes de toucador que constituem por assim dizer o principal ornamento do sanctuario virginal. Era Julia.

Julia era uma dessas concepções magestosas do genio, com as quaes o Divino Artista algumas vezes se compraz em nos mostrar a existencia ephemera dos anjos sobre a terra.

— Em que scismas, que não me viste approximar de ti?

— Pensava em ti, minha Sylphide, lhe respondi eu cingindo-lhe a delicada cinta.

— Sempre pensas em mim? me retorquiu Julia entreabrindo seus rosados labios com um seductor sorriso e mostrando-me dous fios de perolas.

— Sempre, minha querida.

Quando a luz pallida do crepusculo desmaia os astros scintillantes da noute, e as flôres destillam de seus calices os aljofares do céu, penso em ti; e quando aos ultimos raios do sol que declina por trás das montanhas, ao ultimo bruxolear da luz vespertina succede o limpido brilho das lampadas sidereas, ainda penso em ti, minha Julia.

Sempre esta adoração infinita de todas as horas, sempre a tua imagem serena e pura illuminada por esse angelico sorriso como o não imaginára Raphael na tela de sua Divina Madona.

∴

Houve algum tempo uma luta em teu espirito, minha cara Julia. Porque não abrigavas em meu seio a ingenua confidencia de teus candidos e puros devaneios? acaso duidavas do meu amor? Que o digam as horas silenciosas da noute, ora contemplando teu lindo rosto illuminado pela projecção dos raios de luz que se derivam á flux do astro saudoso, alvejando tuas

candidas vestes, e irradiando sobre tua fronte alvissima uma aureola de luz, ora ouvindo em delicioso extasis as melodias suavissimas de Verdi e Bellini, quando teus niveos dedos fazem brotar do piano essa catadupa de harmonias ternas e expressivas, delirantes ou arrebatadoras.

Quem como eu poderia comprehender a grandeza e elevação de teu espirito gentil, e librar-se nas paragens luminosas da tua phantasia de anjo? Quem como eu sorveria o ambiente perfumoso que te cerca, beijaria loucamente a fimbria de tuas vestes, e morreria com a cabeça reclinada nas flaccidas e suaves ondulações de teu seio immaculado?...

∴

A' proporção que as minhas palavras exprimiam com vehemencia os sentimentos que me agitavam o coração, Julia, tinha inclinado sua fronte em meu hombro, attrahida pelo fluido magnetico desse sentimento doce e mysterioso, sua respiração ardente e entrecortada de suspiros, as ondulações acceleradas e vertiginosas de seu seio encantador, assaz demonstravam as emoções de que sua alma se achava possuida.

Oh ! sim, tua pela vida, e pela eternidade, me respondeu aquelle anjo ; e de seus cilios formosos se derivaram duas lagrimas, como gottas de orvalho das petalas d'uma flôr ao brando sôpro das auras perfumadas da manhã. Cingira phreneticamente em meus

braços, e as brisas da noite ao perpassarem por nossos lábios, levaram o echo suavissimo de um osculo fervido e delirante.

∴

Ha momentos na vida que passam rapidos como a luz scintillante do raio, e que todavia exprimem uma eternidade de gozos indefiniveis, cujas suaves reminiscencias fazem instinctivamente brotar de nossos olhos lagrimas de saudade.

A hora, o lugar, os cabellos perfumosos de Julia, fluctuantes e esparsos em minha face, o ambiente voluptuoso que respiravamos a custo, todo este complexo de seducções arrebatadoras e indiziveis, nos impellia a um abysmo, no parapeito do qual, eu, por um esforço sobrehumano, reagi contra os instinctos da materia; e suspendi-me livido como a côr das estatuas que adornavão aquelle recinto. E' que a grinalda de lyrios e assucenas que cingia aquella fronte augusta, como um diadema de pureza e innocencia, se lhe desprendia pouco a pouco dos cabellos e ameaçava precipitar-se.

∴

Hallucinado e ardendo nessa febre insana de amor e desejos, abandonei aquelles lugares depois de haver deposto em sua fronte um osculo ardente. A cada momento meus passos, incertos e vacillantes, a custo

tacteavam o solo, imprimindo no tronco essas oscilações irregulares que são o característico da embriaguez do espirito, ou da materia.

Assim vaguei longo tempo pelas ruas e praças; quando me recolhi, a abobada celeste já se tingia das cores vivas e iriadas que precedem o sol no horizonte, e os pincares das montanhas se coloriam aos seus primeiros raios.

Um somno cataleptico se apoderou de mim, e em breve o meu espirito se povoou de imagens risonhas e encantadoras.

Junho de 1869.



A VIRGEM MORTA

A' MEMORIA DE MLE CAROLINA GRIVET



~~~~~

SILENCIO... aves do céu,  
Não trinem cantos de amor :  
Astros da noite sem véo  
Brilhem com vivo fulgor,  
Nada perturbe o descanso,  
Da virgem que, adormecida,  
Escuta em doce remanso  
Harmonias d'outra vida :

Calem-sé as vagas do mar  
Cessem os prantos de dor ;  
Deixe a brisa o suspirar,  
Não beba o orvalho a flôr ;  
Que a virgem dorme gelada  
Pelo bafejo da morte,  
Com a fronte engrinaldada  
E o coração sem transporte !

Anjo, que as azas deixaste  
Aos pés do teu Creador,  
E na terra onde passaste  
Só viste tristeza e dôr :  
Dorme o teu somno profundo,  
No seio da eternidade,  
Esquece a vida e o mundo,  
Lá onde fulge a verdade !

Onde a alma vê feliz  
O Senhor que a creou ;  
E em canticos lhe diz  
O que no mundo passou :  
Nem uma alegria só,  
Constante lucta e soffrer,  
Depois o corpo que em pó  
Se foi na terra envolver :

Dorme... goza eterna paz  
No celeste paraíso ;  
Que este mundo fallaz  
Nem te valia um sorriso :  
Recobra d'anjo a pureza,  
E bem junto do Senhor  
Entôa á sua grandeza  
Hymnos d'eternal louvor !

24 de Junho de 1869.

## A CUNHA VASCO



u li teus versos, inspirado moço,  
E attonito fiquei, sentindo o genio  
Que te reserve nessa fronte angusta,  
Meu nome celebrar em aureo metro :  
Nesse que apenas só é dado a poucos  
Com graça modular na lusa phrase.

A aguia soberba, que no céo da gloria  
O sol abrasador fita sem medo,  
As longas azas retrahio, baixou-se ;  
E quiz depois arrebatár comsigo,  
A timida avezinha, que, abrigada,  
A' sombra da indiff'rença, não conhece  
Outro horizonte que não seja aquelle,  
Onde medrosa, e pipilando ensaia  
Os rastejantes vôos.

Na cruel solidão de affectos meigos,  
Em que tu vês passar, joven poeta,  
Da mocidade os teus mais bellos dias;  
Nunca se te inundou de pranto a face  
Ao vêr por noite calma, a lua, em ondas,  
Espargir um clarão que nos fascina,  
Nos leva ao mundo de acordados sonhos?  
Talvez, buscando desse pranto a origem,  
Trouxesses á memoria a leda infancia,  
O conforto do lar e os mil affagos,  
Que em pequenino os teus irmãos te deram.  
— Delicias que só podem ser julgadas  
Ai! por quem como nós vaga no exilio!—  
Depois, fitando o teu olhar saudoso  
No azul do mar ou na campina verde,  
Sentisses n'alma aquella dor immensa,  
Que inda nome não tem na lingua humana:  
—Ser moço, e sem amar, morrer d'amores!—  
Como tu, meu poeta, eu sinto na alma  
Medonha solidão, escura noite!  
Como os teus dias, os meus dias correm,  
Sem que d'um brando affecto os doces laços,  
Me prendam com amor ao mundo e á vida!  
Ai! quantas vezes no silencio triste,  
Das noites desveladas, eu pergunto  
A mim, a Deos, á minha sombra, a tudo:  
Que vale ter no peito um cofre aberto  
A's brandas sensações, e vê-lo apenas



No seio enthesourar negra saudade !..  
Então, nesses instantes melancholicos,  
A musa da tristeza, a minha fada,  
Vem debruçar a loura cabecinha  
Sobre meus hombros, e cicia os cantos  
Que a ti, com timidez, com susto às vezes,  
Em busca da lição, eu hei mostrado.  
Mas é debalde, que o segredo mágico  
Não se transmite ! esse condão do genio,  
Recebem-n'o de Deos os seus eleitos.  
E quando a pedra tumular os cobre,  
Rasga a materia a emanação divina,  
Vae para Deos, deixando á terra um nome,  
Assombro às gerações, ao mundo assombro !

Quando nos versos teus fito meus olhos,  
E unidas vejo com tão raro acerto,  
Fórma severa, idéa peregrina,  
E tudo a respirar um sentimento  
Tão cheio de purissima candura,  
Ai ! crê minh'alma no seu grato arroubo,  
Que alli no teu cantar palpita a queixa  
De creança chorosa a quem roubaram  
O enlevo de seus olhos, o seu brinco.  
Tanto mimo e ternura o canto encerra !  
Então... não sei... mas um presagio negro,  
Medonho, horrendo me esvoaça em torno,

Da douda fantasia á dor propensa.  
Receio, ouvindo-te, oh meu branco cysne,  
Que a morte impiedosa venha e exclame :  
—Na terra quem a voz d'anjos imita,  
Não é da terra, a seus irmãos pertence ! —

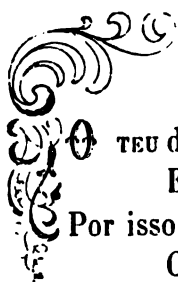
Eu sei que o meu temor é como as aves,  
Pairando ao longe, sobre o nada, firmes ;  
São extremos talvez do muito affecto,  
Que ao mancebo tambem prende a minha alma ;  
Mas quem vio com saudade abrir-se um tumulto,  
E nelle ir-se esconder na flôr dos annos,  
O mimoso cantor das *Primaveras* ;  
Tambem deve por ti temer, oh bardo !  
Sempre foi esta do talento a sina !  
Começa a gloria a entretecer grinaldas,  
E a morte inclina-se a plantar cyrestes !  
E tu que de repente—ave sublime—  
Os echos da floresta assim accordas,  
Com taes preludios que emudecem cantos ;  
Sim, tú, cujo talento irrompe sérvido  
Desse teu craneo, como irrompe a lava  
Do seio de um volcão, diz-me : é loucura  
Dar no meu coração lugar ao medo,  
E na mente abrigar tristes presagios,  
Se tudo em ti já denuncia um genio ?...

Esquiva-te porém á voz do susto,  
Que a lei fatal aos labios meus impelle.  
E' bella a vida, e tú és moço ; oh ! canta,  
Que eu vendo-te, qual és, creança ainda,  
Um collosso futuro em ti prevejo !

1868 Setembro 15



## A L. DE L.



TEU divino olhar tem mil encantos !  
E' elle que me inspira !  
Por isso acceita a off'renda dos meus cantos,  
Os sons da minha lyra !

Na terra um sentimento mago e puro,  
Confunde nossas almas !  
Dá-me que eu veja em ti o meu futuro,  
As minhas horas calmas !

Com teu halito a mente me bafeja,  
O' virgem dos meus sonhos !  
Sobre o meu triste ser, ó pomba, adeja,  
Tornando-os mais risonhos !

Oh ! vem mostrar-me o campo viridente  
Da casta poesia !  
Ennebriar-me vem o genio ardente,  
Em ondas de harmonia !

Tu és a viva estrella rutilante,  
Que no meu ceo fulgura !  
E's o iris da paz, o amor constante,  
Que minh'alma procura !

Donzella, acceita a off'renda dos meus cantos,  
Os sons da minha lyra !  
Captivo ao teu olhar de mil encantos,  
Meu ser por ti suspira !

20 de Maio de 1869.



## LUIZ DE CAMÕES (1)



**H**A nomes ante os quaes o longo cortejo dos seculos passa e inclina-se. Archivados nos repositórios da historia, esses nomes são para a humanidade o mesmo que os centros de luz nos systemas sideraes : da aureola gloriosa que os circunda, se illuminam muitas vezes os povos, na sua memoria, revivem muitas vezes as nações. Relanceai a vista sobre as nacionalidades amalgamadas ou dispersas nas voragens do passado e vereis em Homero reviver

(1) Este trabalho escripto expressamente para a inauguração do retrato de Camões nas salas do *Retiro* em 13 de Maio de 1865, foi composto sobre a minuciosa noticia que da vida do poeta nos dá o Sr. visconde de Juromenha na sua edição das obras de Luiz de Camões. Lisboa, Imprensa Nacional, 1860.

a Grecia, em Anibal, Carthago e em Cezar, a memoranda Roma. Que importavam os monumentos a erguerem-se do solo onde outr'ora essas nações existiram? O porphydo e o granito destinados pelo cinzel do artista a perpetuarem a sua existencia, assombraram hontem, esboroam-se hoje e amanhã serão apenas um acervo de ruinas! A epopea de pedra, prostra-se, assim que a mão destruidora do tempo sobre elle passa, a epopea escripta é a unica immortal.

∴

Pelos fins do decimo primeiro seculo, um canto de terra no extremo do occidente europeu, habitado apenas por um punhado de homens, foi as arrhas de uma princeza; poucos annos decorreram e esse canto de terra era uma nação. Encravada no meio de inimigos da sua fé, não se contentara ella só com o atalaiar das fronteiras; achara-se pequena e quiz estender-se. Um sem numero de batalhas, onde quasi sempre, no mais férvido da lucta, o anjo dos triumphos parecia adejar por sobre as suas valorosas legiões, lhe foi pouco a pouco dilatando os confins. Um impeto mais, e alguns d'aquelles que poucos seculos antes, tinham vindo guiados por Tarick assentar os seus arraiaes de conquistadores na formosa terra das Hespanhas, lá se

foram ás regiões primitivas carpir tremendos desastres.

Começou então esse povo a contemplar-se e viu que os muros das suas fortalezas tinham sido cimentados com o seu sangue, que cada uma das grimpas dos seus templos attestava um combate, e cada palmo da terra que pisava lhe havia custado uma vida. Após tão afanoso lidar, a quietação não podia caber em partilha a este povo que nas pelejas se creara. Não vendo em torno a si inimigos da sua fé a quem fizesse sentir o peso das suas armas, buscou-os ; para isso aprestaram-se as galés, e elle, esse pequeno povo, atreveu-se a ir a inhospitas regiões assentar tambem por sua vez, o seu pé de conquistador. Pasmados do feito audacioso, tentaram os conquistados oppor á temeraria aggressão a mais energica defesa ; não os instigava a isso unicamente o amor da patria : odio de raça e de crenças se interpunha entre conquistadores e conquistados. Tudo foi debalde ! aquelle punhado de homens era uma legião de heroes, só sabia vencer. Ao hasteiar o pendão da cruz sobre os muros de Ceuta, Portugal firmava para sempre o dominio europeu em Africa.

∴

Corria o decimo quinto seculo. Um circulo de ignorancia apertava e amesquinhava o globo. As



regiões da Asia eram apenas conhecidas por fabulosas tradições, e os mares povoavam-se de phantasticos terrores ; então essa nação já tão illustre por suas bellicosas façanhas, lança as suas galeras, atravez dos mares e dissipando vãos temores, abre novo caminho para o Oriente, escrevendo assim na historia da humanidade um dos seus mais gloriosos capitulos. O mundo se alargou, do meio do Oceano surgiram novos continentes ; povos que até alli jasião interdictos começaram a aquecer-se ao fogo da civilisação. Sobre as ruinas da mais bronca idolatria arvorou-se triumphante a cruz ; á superstição succedeu o Evangelho. Novos laços ligaram os povos dispersos em remotos climas ; a permutação dos ricos productos do Oriente, deixou de ser um monopolio ; e Veneza, a opulenta Veneza, que, estendida sobre o seu leito de aguas, toda se ufanava da sua soberania de rainha do Adriatico, viu pesarosa fugir-lhe com o emporio do commercio da Asia essa importante e opulenta soberania. Taes foram os beneficos resultados que o mundo colheu da passagem do Caboda Boa-Esperança por Vasco da Gama, tal foi o maravilhoso espectaculo que Portugal deu ao mundo no correr do decimo quinto seculo.

D. Manoel, o afortunado, rei que então presidia aos destinos d'aquella nação, ao contemplar o gráu

de esplendor que ella tinha adquirido durante o seu reinado, quiz, associando a piedade e a reglião á gloria e ao justo orgulho de ter nascido rei de tal povo, erguer um monumento onde as gerações por vir podessem encontrar a memoria da idade de ouro portuguesa. No mesmo lugar d'onde tinha desferado a gloriosa expedição capitaneada por Vasco da Gama assentaram-se os alicerces do magestoso convento de Belém ; mas o perpetuar aquelle assombroso feito não estava reservado para o alvião : os capiteis e os fustes das columnas, os altos e os baixos relevos, emfim todos os segredos da architectura e da esculptura não podiam traduzir o arrojo da idéa. Só a epopêa escripta, dessas que atravessam as gerações zombando da destruição do tempo, é que podia convir á magestade do assumpto ; mas onde estaria o ente predestinado para empunhar a tuba sonora, e levantar e divulgar em seu canto um pregão immorredouro das glorias portuguezas ? Quiz o céu que essa terra, já de si tão cheia de illustres feitos, contasse mais a gloria de ter dado o berço a um homem que, immortalisando-a, tornou tão sua a gloria da patria, que hoje mal se póde perceber se devemos venerar nos Lusíadas as glorias de Portugal, ou em Portugal a gloria de ter sido a patria de Luiz de Camões.

Se o acaso do nascimento transmittisse ao indivi-

duo a nobreza de illustres avoengos, se o descender de homens cujos nomes se gravaram no pergaminho dos brasões, fosse um titulo para a admiração e para o respeito no seculo em que vivemos, Luiz de Camões teria, como ninguem, jús a essa admiração e a esse respeito ; porém a sua nobreza está inteira na sua cavalleirosa e infeliz peregrinação sobre a terra ; e tanta, e tão grande é ella, que, se hoje está averiguado que o nome de Camões é oriundo de uma nobre familia do reino de Gallisa, que em tempo de El-rei D. Fernando se passou a Portugal, é porque em busca de noticias ácerca da sua infancia se deparou com o tronco que brotára tão illustre vergon-tea ; assim, a sua ascendencia, condemnada talvez ao olvido, começou desde então a illuminar-se com a luz que do peregrino poeta se irradia.

Qual fosse o lugar onde os olhos de Luiz de Camões vissem pela primeira vez a luz, foi por muito tempo uma duvida ; e, como outr'ora as cidades da Grecia disputaram entre si a gloria de terem dado o berço aos seus sabios, assim tres cidades em Portugal disputaram tambem a gloria de terem dado o nascimento ao Homero portuguez, até que aturadas investigações o dão como nascido em Lisboa. Correndo-lhe os dias da infancia e parte tambem dos da mocidade nas margens do risonho e poetico Mondego, ia-se-lhe saturando a alma daquella doce e melancholica poesia de que depois tão larga cópia nos

deu no episodio da linda e desditosa Ignez. Cur-sando alli a universidade que então começava a flo-rescer, graças aos desvelos de D. João III, foi Ca-mões um dos alumnos mais laureados do seu tempo. Chegado á idade em que é mister tomar um cami-nho que nos assegure o porvir, elle não hesitou : alma entusiasta e coração de poeta, pendendo-lhe ao lado uma espada que o acaso do nascimento lhe havia dado, procurou illustrar-se por ella seguindo a carreira das armas ; para isso buscou Lisboa, onde então residia a côrte.

Está averiguado que muitas damas em Coimbra, seduzidas pelos dotes do espirito e trato galantea-dor de Luiz de Camões, se deixaram assenhorear por aquillo que no poeta não era mais que um doce entre-tenimento. Das filhas do Mondego, uma só conseguiu captivar-lhe o coração; cremos porém que esse capti-veiro, nem foi tão longo, nem tão penoso que po-desse remir o esquivo mancebo do peccado de in-constancia em que até alli tinha vivido ; a expiação do atroz delicto estava-lhe preparada em Lisboa.

Tinha a rainha D. Catharina attrahido á sua côrte algumas damas em quem a formosura andava em competencia com as prendas do espirito. Aos saráos do paço concorriam tambem alguns fidalgos cultores das bellas letras, que em adoravel e galanteadora pra-tica com as damas aligeiravam as horas de taes reuniões. Admittido a ellas, facilmente se ava-

liará com que applausos não seria festejado Luiz de Camões. Uma dama do paço particularmente afeiçoada á rainha foi em breve a preferida do poeta. Correspondido em seus amores, mas tendo de lutar com a desigualdade de haveres, que tanto os distanciava, e de obedecer aos preceitos da rigorosa e honesta disciplina que então se observava nos paços dos nossos reis, parece que algumas vezes foram esses preceitos infringidos pelo poeta, seguindo-se dahi os murmurios da côrte, assim como um repto em que Luiz de Camões teve de cruzar armas em defesa da honra da sua dama talvez indignamente ultrajada pelos maldizentes ; tudo isto occasionou o primeiro desterro do poeta para uma povoação não longe de Lisboa ; attribue-se tambem este infortunio á rainha D. Catharina, que, movida pela afeição que a prendia á gentil preferida, quiz apartar de seus olhos o objecto de um amor sem esperanças.

∴

Terminando o tempo do seu desterro, voltou a Lisboa ; mas, ou porque os murmurios continuassem, ou porque o poeta levasse mui longe as suas pretensões para com a amante, em breve foi desterrado para Africa. Tristissima e lacerante angustia ! Na primavera da vida, com o peito a trasbordar de amor, ir além sobre um presidio chorar as lagrimas

de desterrado e mirrar as flôres da sua mocidade ! Parece que o destino fadando-o poeta, emquanto lhe entrelaçava a corôa do verde louro, lhe tecia também a dos espinhos ; e ambas as mereceu, como poeta e como desgraçado. O amor, esse iris bonançoso da existencia, nuncio de quantos gozos pôde ambicionar o coração de um poeta, para o misero, não foi mais que um meteoro precursor de saudades, de lagrimas e de amarguras.

No desterro não se deixou ficar ocioso, não lh'o permittiam os brios nem a grandeza do animo. Nos successivos recontros com os mouros, sempre á frente pelejou. Do seu denodo, da sua audacia talvez, vestigios lhe ficaram em muitas e gloriosas cicatrizes e na ausencia de um orgão que lhe defeituava o altivo porte.

Longo não foi o desterro, em breve se recolheu á patria, e, se é possível, mais alentado de amor e de esperanza; mas a sorte inimiga não lhe concedeu nem os poucos dias para o alegre alvoroço da chegada. Uma contenda travada nas ruas de Lisboa em que o poeta teve de brandir a espada, em breve o despenhou n'um carcere, cujas portas só se abriram quando a promessa de um desterro voluntario, para a India, assegurou aos seus maldizentes a expatriação daquelle, que, só encontrando na patria a calumnia, a inveja e a ingratidão, lhe ia preparar á sombra dos palmares da Asia o mais inclyto trophéo.

...

Partiu. Entestou com o terrível cabo e provou-lhe as iras. Entre os horrores da procella, aos brados da maruja consternada, vendo o oceano prestes a tragar-lhe o alquebrado baixel, os céos toldados de nuvens tenebrosas, os ares serpeados de mortíferos raios, entre este conjuncto de sublime e magestosa desolação, talvez lhe nascesse a ficção magnífica do fero Adamastor.

Aportando á India, quão outra a encontrou daquella que tinha sido o theatro das proesas gloriosas de Affonso de Albuquerque ! Os portuguezes começavam já a esquecer-se da missão civilisadora que alli os havia arrojado : ao desinteresse, á justiça que a principio tanto os engrandecera no animo daquelles povos, tinha succedido a avariza e a mais sordida ambição ; mas nem ao contemplar a gangrena que dilacerava a familia portugueza naquella parte do mundo, se arrefeceu no coração de Luiz de Camões o amor á patria ! a saudade robustecia-o, a distancia acrysolava-o ! Foi alli, ainda mal descansado de trabalhosa viagem, que o veio ferir uma infausta nova : Nathercia, a estrella polar da sua, attribulada existencia, tinha se envolvido nas dobras de uma mortalha. Já não erão só as saudades da patria que o torturavam, se lhe não fallecesse o alento, ainda poderia sobre ella vir estender, após

longo caminhar, as suas vestes de peregrino ; mas, da amante, só lhe restava a pedra de uma campa, estreito espaço para esfolhar as saudades que brotavam do seu magoado coração.

Calaremos os transe da sua peregrinação na Asia, duas palavras os traduzem : cantou e soffreu ! Durante os dezesseis annos do seu desterro nunca o sol da felicidade lhe dardejou um raio sobre a fronte ! sempre a amargura a espelhar-se em sua alma ! sempre a desgraça a seu lado ! os homens e os elementos, tudo contra o misero se conspirou, injustiças, calumnias, invejas, eram o seu funesto cortejo ! O carcere e o desterro no proprio desterro, foram as dadas que lhe fez a sorte. Nem assim, tão desditoso e perseguido, succumbiu aquella alma generosa e intrepida ! Elle que aos evos da fama elevou uma nação, nem sequer balbuciou um queixume contra aquelles que tanto o flagellaram ! Das injusticas dos homens, vingou-se esquecendo-as.

..

Depois de tão longo padecer, á custa de esmolas voltou á patria, sorrindo-lhe a esperança de encontrar emfim o galardão merecido ; enganadora esperança ! Só quem vive sob um céu estranho é que pôde medir a extensão de supremo jubilo em que o coração se immergirá, quando seus olhos revejam as



praias donde dezeseis annos antes se apartou, ver aquelle mesmo céu que o cobriu criança, aquellas arvores a cuja sombra o seu berço foi emballado, ir ao lar relembrar as scenas infantis, ver sua irmã, flôr desabrochada que nem era botão quando a deixou ; palpar, sentir tudo o que lhe traga uma grata recordação, ai ! que de gozo sublime não resumirá um tal momento ! mas o destino nem esse mesmo gozo quiz conceder a Luiz de Camões ; além da patria idolatrada que elle vinha encontrar preparando-se para ir a Alcacerquibir cavar a sua tremenda ruína, o que encontrava Luiz de Camões que lhe despertasse uma sensação grata á alma ? A amante, o pai, o amigo e protector, todos lá jaziam adormecidos no regaço da morte, só lhe restava sua decrepita mãe, e elle já tão proximo do outomno da existencia, sem um arrimo sequer, sem uns braços que o amparassem, rico e opulento apenas por trazer comsigo dous rarissimos thesouros : O Jau e o seu poema ; um para lhe mendigar o pão durante a vida, outro para lhe immortalisar o nome depois da morte.

..

Voou á presença do rei mancebo, que então se asentava no throno de Portugal, e disse-lhe : « Senhor, além, no desterro, aonde uma estrella funesta me levou, nessas ricas e remotas paragens até onde

se estende o brilho da vossa corôa, eu, abandonado pela patria, não me esqueci della, e tentei erguer-lhe um monumento grandioso e eterno; ahí o tendes, Senhor, é o meu canto, foi o amor á patria, só elle que m'o inspirou. Quando, victima de um naufragio, lutando com o mar embravecido, eu fiz um supremo esforço, não foi para conservar este sôpro de vida que ainda me resta e me acabrunha, mas unicamente para que as ondas não sepultassem comigo este immorredouro padrão das glorias portuguezas. Podem agora sobre o oceano fecharem-se os sulcos abertos pelas vossas galeras, pôde o mouro e o gentio sacudir o vosso jugo, podem as regiões sobre que estendeis o vosso manto fugir ao vosso dominio, o vosso nome, Senhor, o nome de Portugal, viverão eternamente no meu canto. » Escutou-o benignamente o rei; mas tão attento lhe andava o espirito na desditosa jornada de Africa, que apenas se lembrou do poeta para lhe doar mesquinha tença, que nem ao menos lhe suppria o parco alimento. Pela calada da noite, Jau, o seu fiel escravo, nas ruas de Lishoa, pedia á caridade publica o pão para Luiz de Camões! Como lhe seria então angustiado o viver! e nem assim se lhe enfraquecia a grandeza do espirito! mesmo entre os horrores da fome, coberto com os andrajos da miseria, começara elle á cantar a expedição capitaneada por D. Sebastião; ia-lhe já longo o canto, quando pela primeira vez surgiram no Tejo

os galeões portuguezes trazendo as quinas arriadas, eram as reliquias da infeliz expedição da Africa ; assim que o troar compassado do canhão annunciou aos portuguezes a perda do rei e da corôa, Camões, espedaçando a sua segunda epopéa, bradou: « Ao menos, patria, morrerei contigo ! »

Algum tempo depois, aquelle corpo, extincto o ultimo e já debil sopro da vida que o animava, passou envolto em um lençol para a extrema morada. Tal foi a vida do grande homem ! com a espada serviu á patria, com a penna immortalisou-a ; e assim se esvaiu : aquella existencia tão cheia de prodigios ; oh ! mas o abandono a que a sorte o condemnou em vida, vingou-o a admiração depois da morte ; o drama, a tragedia, a novella e a epopéa, todas têm celebrado o seu nome, e a patria, a ingrata patria, que elle tanto amou, depois de longo esquecimento, paga-lhe no bronze a divida sagrada ; tardia é a reparação, mas bem aceita será por todos quantos se prezam do bom nome de portuguezes.

Rio de Janeiro, 13 de Maio de 1865.

## A BORBOLETA



Que vens dizer-me, borboleta candida,  
Porque esvoaças junto a mim nest' hora  
De pezar e amargura?  
Porque desdobras tuas azas niveas,  
Perto d'aquella que o pesar devora,  
Que descrê da ventura?!

Tu és formosa, como a esp'rança mystica,  
Que n'alma entorna feiticeira luz :  
Morres na chamma que seduz magnetica,  
—Ella na duvida que renega a cruz !

E's alva e linda como o véo diaphano,  
Que vela aos olhos da innocencia leda,  
Do mundo a negra côr !  
Tu, mais ditosa, tua vida é rapida,  
E ella, no abysmo que a desgraça enreda,  
Perde o véo com horror !

Tu vòas, vòas, alvacento symbolo,  
D'um peito ardente que ao amor sorri !  
O ardor que o eleva lhe fabrica o tumulto,  
O fogo que amas, te destroe a ti !

Some-te, fuge, prophetisa aérea !  
Vai, aos felizes que a illusão affaga,  
Ser nunçia de prazer !  
Visita a virgem que medita extatica,  
A mim, que a sorte com dureza esmaga,  
Só me fazes soffrer !...

Em vão te agitas perpassando tremula,  
Como a dizer-me—boa-nova—sou !  
Mal ver-te posso, na apathia gélida,  
Meu ser, minha alma, sem vigor, tombou !

Coimbra, Abril de 1864.



## QUEM ÉS TU ?

▲ M. JOSÉ GONÇALVES JUNIOR

Ha gente escrava d'uma estrella infausta,  
Fixa, immutavel, que domina e vela.  
Como sentar-se ? se lhe conta os passos !  
Como fugir-lhe ? se o vigia a estrella !

(THOMAZ RIRZEIRO—*D. Jayme.*)



GENIO máo, sombra terrivel,  
Braço forte, occulta mão,  
Força enorme, irresistivel,  
Nuvem negra, furacão ;  
Fado, sorte, lei, destino,  
Que me prendes, me torturas,  
Cofre eterno de amarguras,  
Sempre, sempre em turbilhão ;

Quem és tu, que me atormentas  
Desde o berço sem cessar ?  
Quem és tu, que te alimentas  
Dos vai-vens do meu penar ?

Tens acaso mão potente?  
Sobre mim algum imperio?  
Ou vens de ignoto hemispherio  
Meus passos talvez contar?

Serás um ente supremo  
A que eu não possa fugir?  
—Tu zombas de mim se eu gemo,  
Se choro—pões-te a sorrir,  
Se brinco—roubas-me o gozo,  
Se espero—nada consigo,  
E por fim tenho o castigo,  
Quando tento resistir!

Mas eu não sei onde existes,  
Embora o queira saber;  
Não sei em que tu consistes,  
Nem tão pouco o teu viver;  
O que eu sei é que não posso  
Partir os malditos laços,  
Com que me prendes os braços,  
Quando livre eu quero ser!

.....

Na senda que me traçaste,  
Com mão afoita e cruel,  
Nem uma flôr me deixaste,  
N'um recondito vergel.

Deixaste apenas espinhos,  
Abrolhos em quantidade,  
E o calix da orphandade,  
Vertendo gottas de fel.

Em vez das ternas caricias,  
Dos afagos maternas ;  
Em vez das brandas delicias,  
D'esses gozos divinaes ;  
Deste-me ainda no berço  
O mais cruel dos legados :  
—O dote dos engeitados,  
Viver no mundo sem pais !...

Depois disseste : « Caminha !  
« Caminha sem repousar !  
« Tens uma sorte mesquinha,  
« Tens de cumpril-a a chorar ;  
« Nasceste em dia aziago,  
« Debaixo de má estrella,  
« Não pódes fugir a ella  
« Nem teu destino evitar.

« Portanto segue o teu rumo  
« Na senda que te marquei !  
« Não tens bussola nem prumo,  
« Nem eu t'os consentirei.



« Segue ! segue o teu fadario !  
« Cumpre os destinos da sorte !  
« Depois, abraça-te á morte,  
« Ao selo da minha lei ! »

E eu sozinho, sozinho,  
Sem mais ninguém neste mundo,  
Fui seguindo o meu caminho,  
No abandono mais profundo.  
Sempre as trevas a meu lado !  
Sempre as lágrimas nos olhos !  
Sempre o surgir dos escolhos !  
Sempre o destino iracundo !

Olhava, mas nada via  
Que o peito me consolasse ;  
Andava, mas succumbia  
Por não ter quem me animasse.  
E, assim perdido e sozinho  
Com gestos quasi d'um louco,  
O meu ingrato caminho  
Fui transpondo pouco a pouco.

Feri-me, rasguei as vestes,  
No meio de tanta agrura !  
Depois eu vi os cyprestes,  
Mostrando-me a sepultura !

A sepultura ! o meu leito !  
O meu porto bonançoso !  
O meu suspirado gozo  
Após tanta desventura !

Bem hajas, santa guarida,  
Repouso dos desgraçados !  
Bem hajas, terra querida,  
Pai e mãe dos engeitados !  
Em teu sagrado recinto,  
Onde todos se congregam,  
Os carinhos não se negam,  
Nem aos bons nem aos malvados !

Só tu, só tu neste mundo  
Tão cheio de malefícios,  
Dás conforto ao moribundo,  
Com teus magos benefícios.  
Só tu não deixas que o pobre,  
Sobre quem pesa a desgraça,  
Esgote as fezes da taça,  
Da taça dos sacrifícios !

Só tu, vastíssima campa,  
Da morte infundo canteiro,  
Albergas o caminheiro  
Que de si repelle o mundo !

Só tu, depois da tormenta,  
Depois dos ventos irados,  
Dás conforto aos desgraçados  
No teu abysmo profundo.

Embora a vaidade humana,  
Faça erguer mil athaudes,  
Tu com isso não te illudes,  
Nem deixas de ser humana.  
O rico, o pobre, o mendigo,  
O nescio, o sabio profundo,  
Todos têm o mesmo abrigo,  
Quando se vão d'este mundo.

Salve ! pois, santa guarida,  
Repouso dos malfadados !  
Salve ! humilde cruz erguida  
Junto ao leito dos finados !  
Salve ! emfim, grata paragem  
Dos filhos da desventura !  
Salve ! humilde sepultura,  
Mausoléo dos desgraçados !

. . . . .

Mancebo, suspende as lagrimas,  
Não creias no fatalismo,  
Entrega-te ao scepticismo,  
Dissipa taes illusões !

Não ha destino fatidico,  
Não ha senda já traçada,  
Não ha sorte assignalada,  
Não ha peias nem grillhões !

Ha muita, muita miseria,  
Muitos crimes encobertos,  
Muitos abysmos abertos,  
Muito prazer infernal :  
Afasta os olhos do tumulto !  
Abraça os gozos da terra,  
Que mil venturas encerra  
Na mais tôrpe saturnal !

Abafa as idéas lugubres,  
Levanta a fronte abatida,  
Transige com esta vida,  
Com este alegre viver :  
Não accumules no cerebro  
Mortuarios pensamentos !  
—Atira á furia dos ventos  
O germen do teu soffrer !

Deos não póde ser um despota !  
Nem póde ser um tyranno,  
Torturando um ente humano  
Que neste mundo lançou.

Elle, o santo, o meigo symbolo  
Da candura e da bondade,  
Não persegue a humanidade  
Que á sua imagem criou !

Póde, sim, na sua colera  
Transformar este universo,  
Dando-lhe um curso diverso,  
D'aquelle que lhe convem ;  
Mas occupar-se d'um atomo  
Traçando-lhe o seu destino,  
E' deixar de ser divino,  
—Taes attributos não tem !

Deixa, pois mancebo as lagrimas,  
Abre o peito ao scepticismo !  
Foge, foge d'esse abysmo  
Que o teu canto revelou !  
Chama sempre o riso aos labios,  
Calca aos pés taes preconceitos,  
Causa, origem dos defeitos  
Que o passado nos legou !

Era assim que a razão austera e fria,  
Ou antes uma vã philosophia,  
Enlevo e seducção de impios mortaes ;  
Bradava ao pobre filho da desgraça,  
Lançando-lhe mais fel dentro da taça,  
Em vez de minorar-lhe os tristes ais !

## ENLEVOS

Que noite fresca e limpida  
O peito me extasia !  
Que estrellas ! que poesia  
Para quem sabe amar !

(R. MONIZ BARRETO )



Que limpida noite, que brilho sereno,  
Que estrellas tão cheias d'esplendida luz;  
Que lua tão nivea e luar tão ameno,  
Que bello poema no céu se traduz.  
Que doce fragrancia, que tepida aragem,  
Que sons, que perfumes, que abobada azul ;  
Que ledó cicio na verde ramagem,  
A brisa murmura ao passar para o sul.

Que mysticas vozes, que mar bonançoso,  
Que immensa alegria na terra e nos céos ;  
Que fêrvidos hymnos em som melodioso,  
Da selva os cantores transmittem a Deos.

Apraz-me nest'hora de tanta doçura,  
Com intimo enlevo e saudade lembrar ;  
A imagem de um anjo de infinda candura,  
Que vem alta noite os meus sonhos dourar.

Apraz-me lembral-a, e se junto a meu lado  
Podesse detêl-a um momento sequer ;  
Ao meu estreitando o seu collô nevado,  
Com supplice voz lhe diria :

Mulher !

Se tu és, ó virgem púdica,  
Essa musa predileta,  
Que ao meu genio de poeta  
Vem trazer a inspiração ;  
Se tu és a voz ternissima,  
Que repete com doçura  
Os meus cantos de tristura,  
Pelos ermos da soidão ;

Se tu és o olor balsamico,  
Que este peito me embriagas,  
Se és o archanjo que me affagas,  
Nas horas do meu soffrer ;  
Se tu és a visão candida,  
Que no meu amargo exilio  
Vens com teu piedoso auxilio  
Suavisar o meu viver ;

Se tu és a estrella fulgida,  
Que do céu meus passos guias,  
E a existencia me irradias,  
Com teu mago resplendor ;  
Deixa que me curve humillimo,  
A teus pés, pomba innocente,  
A implorar-te reverente  
Um raio do teu amor!

Rio, Novembro de 1869.





## ALFREDO PINTO LEITE DE CAMPOS

### CONSIDERAÇÕES ACERCA DA SUA PREMATURA MORTE



**N**ão sabemos que má estrella, que funesta sina persegue o poeta. Quando a alma se lhe desprende em canticos, se lhe desabrocha em flôres, se libra em sonhos e chymeras; quando o seu espirito voa nas azas candidas da phantasia, preludiando sentidas estrophes que descem ao coração e o povoam de tristezas; é ter como certo e proximo o funebre cortejo da morte, que vem arrebatá-lhe da frente os loiros que principiavam a engrinaldard-lh'a.

E se não, olhae por esse mundo além: Vêde como esses genios que, nos seus arrojos sublimes, chegam a affrontar o impossivel, quasi a penetrar os segredos do infinito, como, inda a mais suave aragem do sepulchro, lhes faz rojar no pó a desvairada frente.

Que importa que esses homens sejam Newton, Colombo ou Franklin ?

Que aquelle descubra á sciencia mundos desconhecidos, que este nos dê um mundo, e o ultimo, arrebate ás nuvens a electricidade ?

Que importa, se estes portentos humanos vão lá, viajeiros sequiosos da sêde do impossivel, caminho de uma 'campa ?

Em toda a parte onde haja um talento superior, um genio de eleição, procuraes, que haveis de encontrar sempre o soffrimento e a dôr, a desgraça e a morte a rodear-lhe a vida de precepicios, a entenebrece-lhe o espirito com pesadumes e a enlanguecer-lhe os olhos com lagrimas de sangue arrancadas á'sua alma atribulada !

Que importa que esse homem fosse Napoleão, e que desde Toulon ao Egypto e do Egypto a Watrelloo fizesse estremecer o solo com a marcha de seus batalhões invenciveis, atroando as amplidões com o alarido de seus soldados, com o clangor dos seus clarins e com o ribombar da sua artilharia ; que escrevesse com a ponta da espada uma Iliada sublime, muito embora escripta com sangue, mas cujas estrophes nos segredam ao espirito muitas ideas uteis e grandiosas, muita liberdade e muito progresso ; que fosse um homem a cujo olhar estremeciam, pobres covardes, todos os monarchas do universo ; que importa se alfim a aguia, que não conhecia barreiras,

que se elevava altaneira á immensidade do espaço, que tinha por escudo a gloria e por divisa o infinito, haviam de encarceral-a no ergastulo infame das penedias de Santa Helena, como outr'ora aos rochedos caucasianos acorrentaram o Promotheu da fabula ?

Sina cruel do talento que faz morrer n'um hospital a Camões, que encerra Tasso n'uma casa de doidos, que a Dante exila da sua patria, que á mingua de sustento atira Charteton á blasphemia do suicidio e que põe a fronte de Chenier no vão da guilhotina ! E senão fora esse destino mau, admirariamos nós os Lusiadas, Jerusalem Libertada e a Divina Comedia ?

Questão é esta que muito nos deleitára aprofundar se houvessemos os conhecimentos necessarios para isso, e que seria loucura pedil-os aos nossos vinte annos, baldos do cultivo que soem ter aquelles a quem a abastança de seus pais lhes prodigalisou uma educação litteraria.

Contentemo-nos, pois, em dizer com o infeliz Sr. Lopes de Mendonça :

« E' a mão austera da desgraça, são as lagrimas  
« da ausencia e os espinhos da saudade, que inspi-  
« ram o poeta, e lhe exaltam a imaginação. »

E bem verdade é !

Sobre suas fronte pesa, mais do que em todas, o desgraçado destino da humanidade :—o soffrimento e a morte !

Almas boas e grandes nos seus sentimentos intimos, angelicas e puras nos seus amores, ardentes e impetuosas nas suas aspirações grandiloquas; insaciaveis do bello, como o oceano das vertentes da terra; esquecem-se das misérias mundanas e voam nas azas candidas da inspiração ás regiões sideras até alcançar os seios do Infinito.

Se alguma vez lhe sae dos labios uma blasphemia, é porque na sua alma pungem-lhe mui fundo os sarcasmos da turba que o escarnece, mas que o não comprehende. Se Byron nos atira ás faces, pela boca de D. Juan, a gargalhada do cynismo, faz tambem palpitar de amor, o seio do corsario aos cantos melodiosos e aos beijos ardentes de Medora.

E' porque no seu coração havia ainda uma scintilha divina do fogo que o alimentára outr'ora.

D'aquelle amor ardente e sincero, que é para a mocidade um culto e que elle tão puro e entusiasta consagrou a Maria Chaworth.

Se Goethe nos apresenta o Fausto, erguendo entre os canticos da Pascoa a taça do suicidio, fal-o tambem recuar de medo e piedade ao abrir o cortinado do leito de Margarida.

Se Alfredo de Musset desenha o caracter cynico e perverso de Jacques Rolla, endeosa tambem essa belleza de quinze primaveras, esse anjo de candura, derradeira victima do devasso a cujo ultimo beijo sentiu palpitar de amor seu coração juvenil.

Quem ha ahí que não tenha chorado, sobre as paginas d'esse poema, o desgraçado destino da infeliz Maria tão joven e pura e bella, arremessada para sempre ao barathro da crapula e do vicio?

E tinha quinze annos, e como o poeta nol-os descreve!

« Quinze ans ! — l'âge céleste où l'arbre de la vie  
« Sous la tiède oasis du désert embaumé,  
« Baigne ses fruits dorés de myrrhe et d'ambroisie  
« Et, pour féconder l'air comme un palmier d'Asie  
« N'a qu'à jeter au vent son voile parfumé ! »

Que suave melodia esta que nos vem direita á alma, acordando n'ella sensações tão doces, sonhos tão esplendidos, que é um idear sem fim de illusões e encantos, de sorrisos e amores que, sendo da terra, se nos assimilham do empyreo. E' que Alfredo de Musset tinha ainda no coração muitas das illusões que offertára outr'ora a mulheres que o não comprehendiram e que podendo iriar-lhe n'um beijo de amor auroras de esperança e mundos de affectos castos, não fizeram mais, com os seus perjuros, do que apontar-lhe o caminho da descrença nas salas das orgias.

E' por isso que dizemos com Lamartine : —

« En entendant de tels soupirs au milieu de tels  
« blasphèmes, on ne sait en vérité s'il n'y a pas plus  
« de vertu que scepticisme dans une pareille âme, et

« si Musset n'est pas un esprit céleste, masqué en  
« esprit satanique pendant ce triste carnaval de sa  
« vie humaine ? »

Se Espronceda, o patriota desterrado, descreve no  
*El Estudiante de Salamanca* o typo de D. Felix o  
cynico, nas mezas de jogo a vender o retrato da  
amante e a resumir nestes dois versos malditos,

« A estar aqui la jugara

« A ella, al retrato y á mi

toda a perversidade de um coração corrupto, todo o  
cynismo que um homem póde ter, tamhem nos la-  
crymeja ahi a morte da *desdichada Elvira*, ralada de  
remorsos e pungida de saudades.

E como o poeta lhe descreve a morte !

Que sublimidade de pensamentos e que terna  
harmonia ressumbram d'estas duas quadras admi-  
raveis :

« Una illusion acarició su mente :

« Alma celeste para amar nacida,

« Era el amor de su vivir la fuente,

« Estaba junta á su illusion su vida.

« Amada del Senor, flôr venturosa,

« Llena de amor murió y de juventud :

« Despertó alegre una alborada hermosa,

« Y á la tard durmió en el ataud.

Se Bocage, o bardo da taverna, e poeta do impro-  
viso, atirou ás ventanias do futuro a

« Pavorosa illusão da eternidade »

é porque na sua alma ia-lhe muita dor e muito sofrimento, muita desgraça e muita desillusão !

O seu genio, atropiado na atmosphera nevoenta do seu tempo, acorrentado ao poste da miseria, alquebrado pelos vapores do vinho e do tabaco nas tavernas de Lisboa, onde vegetava mais por necessidade, do que por indole, soltava essas imprecações que pela inspiração que houveram— o desespero — mais nos sensibilisam e nos arrancam lagrimas do que muitas elegias que por ahi andam a lamentar saudades e pezares, ingratidões e descrenças, que, traduzidas conforme nos ensinou o Sr. Theophilo Braga, redusem-se a pieguices e puerilidades.

Lêde as suas obras e encontrareis n'ellas muitas de uma suave melancholia, a que não ha negar-lhe naturalidade, e que se não acabam de ler sem sentir a alma extasiada nessa cadenciosa musica.

E para provar o que dizemos, bastante é citar aquelle soneto em que elle, no dizer do Sr. Lopes de Mendonça — : « parece que adivinha todos os extasis de viva crença, que deviam tornar tão celebre depois a musa de Lamartine. »

Comtigo, alma suave, alma formosa,  
Celeste imagem, de que o céu me priva.  
Que eu vivesse não quiz, não quer que eu viva  
Lei (sendo etherea) ao coração penosa :

Vendo sumir-me por morada umbrosa,  
Ah ! Não desmaies, a constança aviva,  
E por artes de amor, de amor oh diva,  
Do não gosado amante os manes gosa ;

Mais doce orvalho de teus olhos desça,  
A' linda (como tu) melhor das flôres,  
Que em torno a campa se abotoe e cresça ;

Passeia entre os meninos voadores,  
Une a mãe aos filhinhos, e pareça  
Da morte a solidão jardim de flôres !

E aonde existem estes genios aureolados hoje  
pelos fachos da immortalidade ?

Escondidos para todo o sempre debaixo de sete  
palmos de terra !

Triste fragilidade humana, que se eleva orgulhosa  
e altaneira, para cahir e jazer amanhã em gélida  
campa ! !....

Mas o homem luta e luta sempre !

Atomo do pó esquece-se do que é, e trava peleja  
com o oceano, sulcando com o vapor a vastidão das  
suas aguas, transpõe, vence as distancias com o fio  
electrico, atravessa rapido as planicies, perfura ou-  
sado as montanhas com a ferrea via, e a natureza  
parecendo orgulhosa de tantas maravilhas, reco-  
nhece n'elle o rei da criação, embora seja o proscri-  
pto do Eden.



E nos campos da litteratura, como nos da sciencia, o seculo actual tem-se distinguido dos tempos idos.

Desde a magestosa descoberta de Fulton, o repudiado de Napoleão, que não lhe comprehendeu a sublimidade do invento, até George Stephenson, o que aperfeiçoou as locomotivas a vapor, ideadas desde 1769 por Watt, ha muitas idéas gigantescas e ousadas, admiraveis e uteis, que nos dizem muito progresso e, consequentemente, felicidade da geração humana.

Victor Hugo, o desterrado, deslumbra-nos com os seus cantos immortaes.

Suas odes, republicanas na idéa como na forma, soberbas pelas doutrinas que encerram, impo- nentes pela philosophia que as dictou, espargiram, sobre a humanidade, catadupas de liberrimas idéas.

Desde as *Odes et Ballades* até ás *Chansons des Rues et des Boisha* mundos desconhecidos que o homem percorre absorto, extactico, e donde sae exangue, com o espanto escripto na fronte e com a mente incandecida de magestosas hyperboles.

Lamartine publica as suas *Méditations* e o ly- rismo sente vida nova.

E como não, se os corações soletravam nesse livro admiravel todos os seus amores angelicos, todos os seus impulsos grandiosos ?

A alma humana via traduzidas, nessas paginas

immorredoiras, os seus sentimentos mais puros, os seus desejos mais castos !

Que fervorosa crença, que suave tristeza, que harmonia merencoria, ungem todos os canticos do poeta da Grasiella !

Quem ha ahi que os leia e não chore com elles muitas lagrimas, curta muitas saudades e beba muito balsamo consolador, muita crença e muita resignação? Cremos que ninguem : tal é a impressão que em o nosso espirito deixou a leitura dos seus livros !

Em Portugal a litteratura immersa n'um cahos de insulas decimas e dithyrambos, de campanudas glosas e quejandas ninharias, ia mar em fóra para uma decadencia terrivel.

Bocage, com os seus immortaes sonetos, era o unico a quebrar essa monotonia fastienta, esse marasmo tedioso.

O seu genio sentia-se oppresso sob os moldes arcaicos, que lhe entibiavam a inspiração ardente ; mas ainda assim em muitas das suas poesias conhece-se o desejo ardente que tinha de quebrar essas ferreas cadêas, e soltar o vôo d'aguia, para as regiões do romantismo.

Bocage, porém, não podia tentar a reforma, e nesse tempo não havia outro genio que podesse lançar os alicerces de obra tão momentosa.

Phylinto, um dos martyres da blasphema inqui-

quisição, estava depauperado de forças e velho : mais pujança requeria semelhante commettimento.

E, quando não fosse isso, a sua extrema dedicação ás regras classicas, de que foi brilhantissimo e constante campeão, nunca o deixaria abraçar uma escola que principiou revoltando-se contra os preceitos aristotelicos, e que tem por divisa a liberdade plena da idéa como a da fórma, tendo por limites, unicamente, as regras que impoem o bom senso e o bom gosto artistico.

Assaz lhe era a justa que sustentou até á morte, de inculir na mocidade o amor á linguagem vernacula ; serviço este de um homem, que, no dizer do Sr. Garrett, valeu por uma academia.

Era, pois, necessario que genios superiores a tentassem : — Os Srs. Garrett e Herculano assim o fizeram.

Garrett com a *Dona Branca e Camões*, e mais tarde com *Fr. Luiz de Souza* ; Herculano com o *Eurico*, esse poema sublime que não ha quem não o tenha lido e estudado, desterram para todo o sempre as velhas ficções da mythologia

« E christãos vates christãos versos fazem. »

Pullularam os adeptos de todos os lados e as imitações muitas vezes servis e desenxabidas, sahiam a lume todos os dias.

Era um nunca acabar de choradeiras, de desencanças, de infelicidades, de anhelos de morte e de

quejandas lamurias, que se tornam extremamente risíveis, porque se depreheende da maior parte d'ellas um manifesto fingimento, quando não é a completa ausencia do bom gosto e do bom senso.

Outros, para quem foi esquivia a faculdade creadora, traduzem sem cessar, apregoando serviços de que jamais seremos thuriferario, porque tomamos muito a peito o que nos ensinou o Sr. Antonio de Castilho.

« O frequente verter, diz S. Ex. fallando a respeito de Phylinto, denuncia esterilidade ; e poderá accrescentar uma sentença ainda mais desabrida que ha muito encontrei, cuido que nas lições litterarias do doutor inglez Blair, e que muito me cahiu ; a saber, que o costume de traduzir, bem que ollhado pela rama pareça dever ser fructifero, sempre ao cabo vem a desgastar-nos a faculdade inventiva. »

Mas além disso accresce que, se analysarmos essas traducções, á luz da razão calma e fria havemos de notar que não as fizeram para aquelles que necessitam dellas, e sim para os que podem ler os originaes, e esses sabem perfeitamente que uma traducção por mais caprichosa que seja nunca tem as bellezas que o original encerra.

Era, pois, ao que estava limitada a poesia portugueza.

No conceituoso dizer do Sr. Oliveira Martins : —

« A poesia collectiva é a verdadeiramente moderna;  
« o prefacio da epopéa do seculo XIX é a philoso-  
« phia da historia, cujo facto culminante, no periodo  
« moderno, é a redempção do povo, a gradual as-  
« censão para a liberdade.

« Poeta epico, historiador philosopho, publicista  
« apaixonado, democrata verdadeiro, eis as quali-  
« dades indispensaveis a quem mire a altos fins. »

E em Portugal não havia nada disto; nenhum dos *festejados* poetas ousava transpôr os limites que lhe haviam marcado as theocracias!

Necessario era que um genio, unindo a si muito estudo, intuição maravilhosa e dignidade de caracter, protestasse contra esse entranhado carrancismo.

Esse genio, de ha muito desejado, foi Theophilo Braga, que, publicando aos 22 annos a *Visão dos Tempos*, abriu novos e esplendidos caminhos á nossa poesia.

Essa epopéa, longo tempo estudada e que principiada na *Visão dos Tempos* completou-se nas *Torrentes*, é, e cremos que será sempre, um dos mais bellos primores da litteratura portugueza.

Sobrou-lhe em pragueiros o que lhe faltou em proselytos.

Sobraram-lhe aquelles, porque, temendo pelos seus credits adquiridos sabe Deos como, entenderam que, procedendo d'essa maneira, agradariam aos

*papas*, que lhes conferiram os diplomas de *festejados* escriptores !

Faltaram-lhe estes porque a escabrosidade do estudo, que era mister fazer, reunida áquella intuição maravilhosa que tanto admiramos em Vico, Herder e Michelet, faculdade que nem todos possuem e que é extremamente necessaria para arrancar, ás trevas dos seculos que se foram, as tradições e usanças, afastaram-nos da liça donde, se houvessem um pouco mais de coragem, podiam sahir vencedores.

Lamentemos estes e esqueçamos aquelles, porque a mocidade não se vinga, a mocidade perdôa.

Arrebocos esplendidos illuminam hoje a litteratura portugueza e nós temos muita fé e muita esperanza que o Sr. Theophilo Braga ha de lutar e lutar corajosamente até implantar na litteratura patria a poesia do seculo.

Perdoe-se-nos a digressão e entremos no assumpto principal deste humilde trabalho.

---

Os grandes da intelligencia são muitas vezes os grandes do infortunio, disse-o o Sr. Pinheiro Chagas.

Alfredo Pinto Leite de Campos foi assim !

Grande no talento como na desgraça, a sua vida foi uma serie immensa de infortunios e desditas !

Em Fão, risonha aldêa situada nas margens do Cavado, que desagua perto na pittoresca villa de Esposende, terra do humilde autor d'este trabalho, nasceu Alfredo de Campos.

Por lá nos correu a infancia, ridente e descuidosa, ora ouvindo as cantigas das lavadeiras unidas ao doce murmurio da corrente, ora entre brincos infantis á sombra dos salgueiraes—e sempre alegres e folgasões, sempre risonhos e esperançosos.

Era um idyllio o nosso viver de então !

Estava porém debaixo de nossas plantas, perdêse-nos a imagem, o volcão da desgraça.

Bem depressa as suas errupções separaram os dois amigos, que se queriam mais que irmãos.

Nós, aos doze annos para o exilio, elle para Braga a continuar os estudos principiados em nossa terra, sob as vistas do illustrado Sr. Ignacio Gomes Martins.

Demorou-se por lá pouco tempo ; em breve, dizendo adeus aos beijos de sua extremosa familia e ás caricias de amigos e parentes, veio para o Rio de Janeiro.

Empregou-se na casa commercial dos Srs. Oliveira, Sigaud & C.<sup>a</sup>, onde vegetou durante tres annos, porque a sua alma era arrebatada de mais para sujeitar-se á vida positiva e fastienta do commercio.

As saudades da patria, o seu debil organismo e as occupações diarias cavaram-lhe a ruina.

Uma abundante hemorragia o prostra n'um leito : —era o preludio da enfermidade cruel a cujo peso devia succumbir !

Repetindo-se o mal, seus bons irmãos Eduardo e Manuel resolveram mandal-o para a patria em busca da saude que perdêra, e que não mais lhe havia de sorrir.

Em Setembro de 1866 embarcou, pois, na barca *Nova Fama* com destino a Lisboa.

A quinze dias de viagem um forte temporal assaltou o navio, que submergiu-se no meio do oceano.

A descripção deste naufragio a que todos succumbiriam, se a Providencia não guiasse para alli um navio americano, fêl-a Alfredo Campos n'uma carta que dirigiu a seu pai.

O soffrimento, as angustias dolorosas, o desalento e aquelle ancisar de vida, que nos toma nesses momentos de extrema desesperação, encontraram na sua penna as côres mais vivas, as phrases mais patheticas e expressivas ; e prova do que dizemos é a honrosa apreciação da illustrada redacção do *Commercio do Porto*, onde pela primeira vez foi publicada, sendo transcripta depois na *Correspondencia de Portugal* e varios jornaes do reino, e aqui no *Diario do Rio e Correio Mercantil*.

Chegando á casa de sua familia, pareceu-lhe que o futuro ainda lhe sorria e alimentou esperanças !

Era tarde de mais !



A sua doença trabalhára incessantemente, resecando-lhe pouco a pouco a seiva dos seus vinte annos, e forçoso era curvar a fronte ao desgraçado destino que Deus lhe traçára.

Arremessado pela doença a um leito, ahí soffreu durante oito mezes os padecimentos mais horri-  
veis, que podem haver n'este mundo.

Ter a mente prenhe de sonhos e chymeras, de illusões e amores, e ver todos esses enlevos da vida esvaecerem-se no silencio da morte que nos contempla de perto !

Ter em nossa alma as aspirações soberbas da mocidade, os fachos da gloria que nos acenado capitolio, os beijos de uma ventura que nos sorri nos labios da mulher adorada, e sentir a impossibilidade de realizar aquellas, de receber os laureis d'esta, e de voar pressuroso ao regaço da amante onde o poeta, vissionario sublime, poisa a fronte aureolada pela inspiração ardente, que lhe tumultua no intimo.

E Alfredo Campos soffreu tudo !

Era moço e quem é moço tem aspirações.

Estudava e quem estuda tem sêde de gloria.

Amava, e quem não ama aos vinte annos!..

Amava e amava extremosamente e quem sente n'alma o delicioso pungir desse affecto impetuoso anheia a realidade de um porvir ridente deliniado entre sorrisos de amor e beijos fervorosos.

E esta lucta cruenta e implacavel durou oito longos mezes, ao fim dos quaes, exausto de todo, oppresso por tantos infortunios, entristecido por tantas negruras d'alma, morreu este rapaz, que, se a felicidade lhe aurirosasse a vida, podia vir a ser uma das glorias da nossa litteratura. .

Alma boa e grande o seu culto era o bello, o seu Deus a poesia.

Character franco e leal, orgulhoso da sua pobreza, como cioso da sua liberdade, jamais curvou a fronte diante d'essa fidalguia endinheirada, que se espaneja altiva e fatua na lama de que descende.

Sua alma não reconhecia outra aristocracia que não fosse a do talento, para a qual tinha sempre um grito de enthusiasmo e um canto de admiração.

Dos seus trabalhos litterarios possuimos apenas um, porque modesto como era, reconhecia que aos seus versos, embora anchos de inspiração, faltava o colorido artistico, que só se alcança com o correr dos annos e muitas noites de vigilia na mesa do estudo.

Escreveu muito mas avaro até ao extremo do que o seu talento produzia, a poucos liberalisava a dita de ouvir os seus cantos.

A' mingua dos muitos versos que lhe ouvimos transcrevemos a *Saudade*, mimosa poesia escripta aos dezesete annos, quando o seu coração cansado de soffrer, chorava, dilacerado, as lagrimas arden-

tes do infortunio, arrancadas á sua alma pelas  
reminiscencias da patria, na terra do exilio.

SAUDADE

E's tu que dás-me conforto  
O' terna saudade, a qui ;  
Se choro contigo—morto  
Era o coração sem ti.  
Tu no exilio em soffrer lento  
N'um sorriso dás-me alento  
A supportar esta cruz :  
Eu só vivo da fragrancia  
Dos sonhos da minha infancia,  
Que o meu scismar reproduz.

O meu despertar foi lindo  
Desabrochei a sorrir,  
Cheio de amor tão infindo,  
Fitando um bello porvir :  
A infancia foi realidade,  
No gozar a mocidade  
Não foi como a infancia, não ;  
Ante o soffrer em delirio  
Vi a c'rôa do martyrio  
E vi fugir-me a illusão !

E deitei-me sedento de vida  
Entre os sonhos de ledó gozar,  
Elevei minha fronte abatida,  
Recordando o passado a chorar !

Amo-te meiga saudade  
Em longes plagas— aqui...  
Neste exílio a soledade  
Era mais cruel sem ti...

Que profunda melancholia encerram estes versos !

Nós que soffremos as mesmas angustias, os mesmos supplicios, a mesma sêde de affectos de familia, que elle soffreu, avaliamos quantas magoas lhe iam n'alma, quando escreveu esta poesia.

Entregamol-a á critica dos doutos, e elles que avaliem por esse fraquissimo ensaio o merito da creança e o que viria a ser ao futuro se a morte não lhe impedisse os vãos.

O amigo amargurado e triste, rodeado de incertezas neste viver do exílio, pungido de saudades pelo irmão que perdeu não pôde empunhar o escapello da critica fria e positiva; recorda, sim, os tempos que se foram, prodigos sempre de loucas esperanças e lamenta, com as lagrimas a crestarem-lhe as faces, a perda de uma sincera amizade, que tantas venturas lhe sorriu.

Não chamem critica a este trabalho porque nem nos consideramos aptos para fazê-la, nem a critica se escreve inspirada pela alma.

São phrases que escrevemos chorando e que depomos na campa de Alfredo Campos, como o orphãozinho depõe na cruz que vela a sepultura de seu pai, uma corôa de saudades.

Outubro de 1869.



## DOUS CULTOS



RA no templo ! enovelado em ondas,  
O incenso para Deos brando subia ;  
E a voz do órgão magestosa e grave,  
Todo o espaço inundava de harmonia.

O sol era no occaso ; um raio a furto,  
Coando-se no vidro, illuminava  
Ao sacerdote a veneranda fronte,  
E como que uma auréola lhe dava.

Tudo alli era paz, socego tudo,  
E na prece a minha alma recolhida ;  
Quando já para Deos ia a ascender-se,  
Em ti pousou ó sol da minha vida !

Correram dias e uma noite ouvindo,  
Da tua meiga voz o brando accento,  
Essa candura que o teu labio estila,  
Quando a phrase traduz o pensamento ;

Lembrei-me então das sacras harmonias,  
Do sol, da prece, que no templo erguera ;  
E d'aquella visão terna e suave,  
Que o santo enlevo atraíçoar viera.

E depois quando a luz serena e limpida  
Desses teus olhos encontrava os meus ;  
Eu preso e fascinado pelo encanto,  
Olhando para ti pensava em Deos !

Eram dous cultos sim, ambos unidos,  
Ambos gerados pelo mesmo amor !  
Se amando a Deos amava a creatura,  
Na creatura amava o creador !

Rio de Janeiro 1868.





## UM NOBRE DE FRESCA DATA



**M**ULHER ! mulher ! um abraço !  
Venha um abraço d'estouro !...

Quanto vale o ser ricaço  
Bons contecos ter em ouro...  
O' mulher ! vem cá, não ouves ?  
Larga os nabos e as couves,  
Não pises mais na cozinha ;  
Vai-te pôr á *Benotão* :  
Anda ! que sahi barão  
Do Restello da Biquinha.



— Barão ? ! barão ? ! — Sim barão !  
Inda queres duvidar ?  
— O' Fidencio, que alegrão !  
— Alto lá ! mais de vagar,  
Nada de historias, menina ;  
A cousa agora é mais fina.  
O Fidencio ja morreu,  
Já não é quem era dantes,  
Já não vend● mais barbantes,  
Taxas, pregos, tintas, breu ! !

Nada... nada de ferragens,  
Vou mettêl-as em leilão :  
Vou comprar tres carruagens  
E vender o carroção.  
Disporei desta futrica ;  
Apenas em casa fica  
(P'ra depois falta não ter)  
Um caixão de ferraduras,  
Das mais fortes e seguras,  
Que eu poder lá escolher.

— Mas, homem... tens a certeza?  
— Tu a dares-lhe, mulher...  
Oh ! desculpa... baroneza  
E' que eu queria dizer ! !  
Voltando á vacca fria...

Chama a Rosa e a Maria,  
Chama o gallego tambem :  
Quero dar-lhes instrucções,  
Para que estes brutalhões  
Nos tratem como convém.

—Criadas ! e tu gallego !..  
Prestem-me toda a attenção...  
Estás ouvindo herrego ?  
—*A' baia que sim, patron.*  
—Pois então, muito sentido...  
Agora sou conhecido  
Por senhor barão sómente !  
A patrôa é baroneza,  
Tudo aqui será grandeza  
Propria de fidalga gente ! !

A' patrôa e mais a mim  
Tratarão por—excellencia—  
Ao nosso filho Chrispim,  
Fidalgo, tomem *tenencia* !  
E quem a isto faltar  
Vai p'ra rua, vai andar :  
Tem-me todos entendido ?  
—*A' baia que sim, patron.*  
—Sôr barão ! bruto ! barão !!  
—*Ah ! xa me tinha esquecido...*

Tudo aqui vai ser chrisnado...

Tomem tento neste aviso !.

—*Eu xa fui, 'stou dispensado,*

*Cá pra mim num é preciso.*

—Fallo eu, ou chia um carro ? !

Seu maroto ! seu masmarro,

Que me vem interromper

Quando lhe estou a fallar,

Quando lhe estou a ensinar

Qual vai ser o seu dever !

—Perdõe, senhor.. senhor...

—Senhor barão, já t'o disse !

— Isso mesmo ! é o calor

*Que num deixou qu'eu oubisse.*

—Vem cá tu ó Rosa, e escuta !...

Não quero mais saia curta

E o tamanco a matracar !

Tira o lenço da cabeça,

Quero cousa que appareça,

Sem fazer-me envergonhar.

—Más maleitas se eu o entendo !

—Não admitto reflexões...

Olha p'ra o que estou dizendo

E não me dê mais *ós funções !*

Tu, além de cozinheira,

Has de servir de copeira  
Nas festas que eu aqui der...  
—De *capoeira* ! eu ! servir ! !  
*Pois num fostes* : vá dormir !  
Não faltava mais que ver.

—Irre ! oh que gente bruta !...  
São piores que animaes !  
—Bruta não ! você m'insulta,  
*Sor Fidencio de Moraes*...  
—Inda tens o atrevimento  
De me dar tal tratamento ? !  
Vais-me já calcurriando....  
—Ha mais tempo ! ora essa é boa...  
Mas antes digo á patrôa  
Que *você* me anda tentando.

—Silencio ! !... vá p'ra cozinha !  
Vá ter conta nas panellas.  
(Não digas nada, Rosinha,  
Que eu dou-te um par de chinelas) !  
Agora, vem tu Maria :  
A começar deste dia,  
O teu nome ha de ser—aia  
—Que ! mudar o meu *nominho*  
Ai ! credo ! Sant'Antoninho ! !  
Nunca tal praga me caia !...

—Ai, qu'eu perco a paciencia !...  
—E eu não 'stou para massada...  
*Sor* baron, *Sor* excellencia ;  
Isso vá ! não custa nada ;  
Mas eu cá mudar de nome !  
Isso nem que o demo tome  
Quantas figas eu lhe der !!  
Sou Maria de Thomar,  
Por terra e também por mar,  
Emquanto vida tiver.

Tão alçadas não pensei  
Que estavam as criadinhas...  
Se não fosse o que eu cá sei,  
Andavam mais direitinhas....  
Mas eu vou pôl-as a geito ;  
Hei de me dar ao respeito,  
Deixar-me de brincadeiras ;  
Heide honrar o meu braço,  
Ninguém dirá que um barão  
Anda atrás das cozinheiras.

—Alonso, chega p'ra cá !  
—Prompto, *Sar patron baron* :  
—Aqui, patrão já não ha !  
Vê lá se entendes ou não....  
Toma tento na cachola,

Senhor barão, mariola !....  
Não te tornes a esquecer.  
— *A baia qu'estou sciente*  
*An que lo demo me attente,*  
*Sor baron hei de dicer.*

— Muito bem, basta de asneiras !  
Tu vais ser guarda-portão ;  
— *Cal porton, la das traceiras ?*  
*Entonc'espera algum ladron ! !*  
— E' de mais : seu tagarella ! !...  
Não admitto cortadella  
Cá no fio do discurso !  
Isto aqui é o chafariz ?...  
Em tudo mette o nariz  
Este alambasado urso !...

Vai ouvindo ! o teu lugar  
E' lá na porta, sentado ;  
Quem me vier procurar,  
Se fôr homem bem trajado,  
Recebe-o com cortezia ;  
Põe-te em pé, dá senhoria ;  
Mas, se fôr um pobretão,  
Assim... homem mal vestido,  
E' dizer-lhe, decidido :  
« Não está cá o *Sor* barão !.... »

Se acaso alguém vier  
Procurar o *Sor Moraes*,  
Ou *Sor Fidencio*, é dizer :  
Que não uso nomes taes ;  
Que sou agora barão,  
Um dos grandes da nação.  
Vê tu lá se abres o olho  
Quero que todos conheçam  
E que nunca mais se esqueçam  
Que ha brazão cá no ferrolho.

—*Carago... se dá licença ;  
Eu achei coisa melhor ! !  
E' mandar fazer na imprensa  
Cartacios de toda a côr  
Cum catro letras sómente  
Que digam a tod'a gente  
Que pul'as ruas caminha,  
Que o patron xa tem grandeça  
E c'a patrôa é baroneça  
Do Restetello da Biquinha....*

—Sim, a idéa não é má ;  
Porém é contra a etiqueta.  
O' Alonso ! diz-me cá :  
Conheces algum poeta ?  
—*Poeta ! ! eu francamente,*

*Num sei s'e bicho s'egente !*

—O' homem ! pois vais saber ;  
E' poeta o que faz versos,  
Cantigas, hymnos diversos,  
E tudo quanto Deus quer :

*—Por Dios ! s'ta xa serbido !*

*O Thiago chirasol,  
Augadeiro conhecido,  
Canta mais qu'un reixinol !  
Eu xa bolto, bou alem  
Procural'o no almaceem....*

—Salta para alli, camello !..  
Não é disso que eu preciso ;  
Quando terás tu juizo ?..  
Cada vez crias mais pello !....

Olha bruto.—*Cum licença.*

—Domingo dou um jantar ;  
Ha de vir cá muita gente,  
P'ra comer, e p'ra bailar :  
Preciso pois de um sujeito,  
A fazer versos affeito,  
P'ra vir aqui recitar,  
Em honra cá da pessoa  
E da senhora baroa,  
Mil sonetos de pasmar !



—Sinetos ! ! isso num falta...  
*Alli no relichoeiro*  
*Da esquina, na porta ialta,*  
*Tem mas de meio milheiro :*  
*Tem sinetos cum fuguras*  
*De alimaes e creaturas*  
*Tudo bindo de Lisboa.*  
*Mas tem um ! oh ! que bem feito !*  
*E' o retratinho perfeito*  
*Da ximenta da patróa.*

—E's um bruto muito grande !  
E assim has de acabar !  
Será preciso que mande  
Criados encommendar ;  
Com estes que em casa tenho  
Não me entendo, não me avenho.  
Veste-te ! vai para a porta,  
E nesse teu novo emprego  
Vê o que fazes, gallego,  
Quando não, temol-a torta....

Eis-me barão, finalmente,  
Bem custou, mas apanhei ;  
Que me importa que essa gente  
Diga que rico fiquei,  
A's viúvas desgraçando,

A tantos orphãos roubando  
Com artificios e manha?  
Se a experiencia me diz  
Que só no mundo é feliz  
Quem mais pilha e mais apanha? !

1868.



# IMPROVISAÇÃO DE KONRAD

(MIŁKIÉWIEZ, DRAMA DOS AVÓS)



QUE é este sentir a trasbordar ardente ?

Um lampejo sómente.

No mundo fluctuante a vida dos mortaes ?

E' de instantes, não mais.

E o raio que annuncia a tempestade ingente ?

Um lampejo sómente.

E os cyclos, que lá vão, de Deus a um dia iguaes ?

São instantes, não mais.

Donde me vem o corpo onde fulgura a mente ?

De um lampejo sómente.

Da morte, que lá vem, que são ancias finaes ?

Instantes, não mais.

Que é a alma universal, o mundo e Deus potente ?  
Um lampejo sómente.  
E que serão chegando os terminos fataes ?  
Instantes, não mais.

Coimbra 1862.



# O PAVILHÃO PORTUGUEZ

NA

EXPOSIÇÃO DE PARIS EM 1867



PARIS, a ruidosa Paris, ostenta mais que nunca o esplendor de suas galas, e as immensas massas de povo, formando redomoinhos confusos, tornam estreitas as ruas da vastissima cidade.

Atrôa os ares o estrondo da artilheria ; os raios do sol dardejам no aço luzente das baionetas e nas lanças polidas dos esquadrões que desfilam, em continencia, diante dos monarchas que a grande cidade hospeda.

E' a festa magestosa do trabalho, em que os povos vêm patentear o seu progresso no caminho da civilisação ; é um torneio em que se adestram, não as forças phisicas, mas as da intelligencia ; é um certamen em que os louros do triumpho não são manchados pelo sangue ; é a exposição universal de 1867.

E Paris, a ruidosa cidade, foco de grandes revoluções sociaes, orgulhosa de ser o campo escolhido para esta pugna ingente, busca fascinar a vista de seus visitantes com as mais deslumbrantes de suas louçanias.

No *Campo de Marte* ergue-se altivo o palacio gigante, templo augusto do trabalho, fazendo ondular, soltas ao vento, as suas mil bandeiras de variegadas côres.

Ahi tudo é bello, alegria tudo ; os jardins embalsamam o ambiente com o odorifero de suas flôres, sobem aos ares as vozes unisonas da multidão como um cantico sonoro ; as aves, no seu gorgear melodioso, entoam o hymno mais sublime que a natureza podia consagrar ás festas da arte.

O visitante sente-se arrebatado no meio dessa exposição esplendida, porque o homem, o rei da natureza, ahi demonstra de quanto é capaz o seu engenho, que não pára, mas progride sempre.

N'um dos parques do palacio gigante levanta-se risonho na sua construcção graciosa, magestoso na idéa que representa, o pavilhão da exposição portugueza.

O rendilhado de sua architectura não é um mero capricho da arte, é o hieroglypho da historia deslumbrante de um povo que tocára o apogêo do esplendor.

Quando os lassos membros do imperio romano se desconjuntaram de todo, ficaram como symbolo

desse immenso poderio com que assombrára todo o mundo então conhecido, os monumentos que elle havia erguido nos paizes que as suas armas conquistaram.

Portugal tambem, quando teve de descer, e descer rapidamente, do zenith ao occaso de sua gloria, deixou symbolisada a recordação dessa época feliz, dessa idade de ouro, em que reinou D. Manoel, o monarcha venturoso, nos monumentos levantados ao seu aceno, cuja exquisita architectura nos é imagem o pavilhão portuguez no *Campo de Marte*.

O que nelle entra depara subito com o tronco immenso dessa dynastia que trilhára sempre um caminho triumphal, e cuja quédá foi ainda um audaz arrojo.

Apoiando a mão no punho da espada, erguendo a fronte corôada de louros, o Mestre de Aviz parece descansar das fadigas dos combates que deram á patria a liberdade, e que, apontando-lhe um novo itinerario na conquista de Ceuta, o levára a ser um dos primeiros, se não o primeiro operario das grandes revoluções sociaes do seculo decimo quinto.

Mais além o filhode D. João I, principe esclarecido, encostado ao casco de uma caravela, aponta o mar, mostra aos seus navegantes a rota que devem seguir, excita-os a que, a despeito de todos os preconceitos creados pelas theorias dos antigos sabios,

baseados nas mais falsas premissas, busquem o caminho da India.

Decorreram porém treze annos sem que um só de seus marinheiros ousasse sulcar as ondas desse mar cercado de tantos horrores ; olhavam-no de longe, e parecia-lhes que sobre as suas montanhas de alvacentas espuma caminhavam espectros terrificos, saltavam perigosas serêas, erguiam-se enfim os maiores monstros que a imaginação pôde gerar, e voltavam sem que o Infante visse corôados tantos esforços pelo bom exito !

Mas o espirito de D. Henrique era moldado pelo do herôe de Aljubarrota, supportava a felicidade e o revez com a mesma serenidade ; o pensador profundo, convicto de suas idéas, não cedia um só passo a esses que de sabios só tinham o nome.

E porfiou e venceu !

Por uma dessas tardes de limpido céu, em que o sol descendo para o seu poente, gera a melancholia pela frouxa luz que despede, quem fosse a Sagres veria um homem assentado sobre o pincaro mais alto de suas rochas, ora alongando a vista pelo azulado das aguas, ora cahindo em meditação profunda ; as ondas, como se lhe não quizessem quebrantar o recolhimento, vinham mansas beijar a base dos graniticos rochedos ; as aves deixaram de soltar os seus alegres gorgeios : e o mar era só !

De repente apparece ao longe um ponto negro,



o homem olha-o attento ; vê-se agora mais distincto, é um navio; aproxima-se, já se divisa no tope dos mastros as bandeiras das quinas e da ordem de Christo ; então D. Henrique, pois era elle o que alli se achava, corre a esperal-o, reconheçêra a caravela de Gil Eannes, que fôra a demandar a costa de Guiné.

O intrepido capitão, saltando em terra dá a boa nova de que dobrára o cabo Nabão, rasgando assim o denso vêo que occultava no mysterio o oceano tão procurado, fazendo que os terrores, aonde iam quebrar-se os mais nobres esforços, se desfizessem como a espuma das ondas, a luz intensa da intelligencia sulcasse as trevas da ignorancia, e aquelles, que até alli se riam da empreza fossem os primeiros a apregoar-lhe o triumpho.

Mas o espirito do sabio philosopho se até alli fôra impassivel ás maiores contrariedades, não o perturbou tambem a alegria que de subito o inundára.

Dado o primeiro passo na estrada que elle tanto se esforçara por abrir, cumpria, sem perda de tempo, caminhar por ella até alcançar o fim que almejava.

Animando cada vez mais o seu intrepido escudeiro, o mestre de Christo pede-lhe que volte, e que de Guiné lhe traga especiarias e homens, authenticando assim o que elle tinha como certo e era para outras conjecturas.

Porém indispensavel era : uma vez rotos os diques

das grandes represas, as aguas, irrompendo em impetuosos borbotões, arrastam consigo quanto na passagem se lhes possa antepor, e assim foram os navegantes da escola de Sagres.

Desfeito o encanto, vendo que os seus receios tinham apenas por fundamento o producto das imaginações tresloucadas de alguns ignorantes que se jactavam de sabios, começam á porfia a sulcar as ondas desse mar até alli tão tenebroso, e adiantando-se cada vez mais, dobram o Cabo da Boa-Esperança, chegam á India e descobrem o Brasil e a Oceania.

Não fôra, porém, dado a D. Henrique o ver o fim de sua empreza ; D. João II sabe apenas que existe o Cabo da Boa-Esperança. porque o seu ousado capitão Bartholomen Dias lhe conta as tormentas que o seu fragil baixel alli soffrêra ; era para D. Manoel, o monarcha afortunado, que estava reservada a sorte de receber as premicias do oriente.

Vasco da Gama rasga-lhe a estrada para Calecut ; a espada victoriosa de Affonso de Albuquerque traça-lhe um imperio na Asia ; a caravela de Pedro Alvares Cabral descobre-lhe o Brasil, solo que a natureza destinára para um grande paiz, pelos dons de que tão prodigamente o dotára,

O commercio mudára emfim o seu itinerario ; Veneza vê com pezar tombar-lhe da frente o diadema de rainha dos mares ; as barbaras legiões da Tur-

quia, que ameaçavam esmagar a Europa com sua massa informe, são de repente sustidas por uma invensível trincheira, que a prôa da *S. Gabriel*, fendendo as ondas do oceano indico ante ellas collocára; diferentes monarchas, assombrados de sua grandeza, solicitam a alliança e amizade de Portugal.

Eis-aqui a historia que essas estatuas nos apresentam, e com mais eloquencia ainda a do poeta soldado, a do cantor dos *Lusiadas* !

Se os herões da Grecia tiveram Homero para eternisar n'um canto os seus feitos gloriosos, os do Lacio em Virgilio, Camões, inspirado pelas suas Tagides, leva os varões illustres portuguezes n'uma arrojada epopéa ao templo da immortalidade !

E' por isso que vemos a sua estatua collocada junta ás daquelles que tornaram digno de admiração e respeito esse pequeno paiz da extrema occidental da Europa.

Descançando uma mão no punho da espada, que em Arzila dera provas de ser de rija tempera, com a outra apertando ao peito o poema salvo do naufragio, nas costas de Camboja, e que mais tarde salvará tambem a patria de naufragar no torvo pelago do esquecimento, ergue-se magestoso e sereno o vulto do poeta, sem que o perturbe a ingratição daquelles a quem contára, sem que se lhe apague por um só instante o intenso fogo do amor que á patria consagrava, e, vendo-a morrer, morre com ella !..

mas não, não morreu, o espirito do cantor, desprendendo-se do invólucro terrestre, vòu ás regiões ethereas, mas ficou o poema que fará sempre immortal o cantor e o heróe.

E na verdade, quando um rei, mancebo audaz, mas imprudente, sepultou comsigo nos areaes de Africa a corôa e a liberdade de Portugal, Castella que por sessenta annos, com as mais horribéis hecatombes, pôde rasgar-lhe os fóros de nação independente, e como tal riscar-o da carta geographica, não pôde apagar-lhe o seu passado ; mais forte que ella era de certo a obra do solitario da sombria gruta de Macáo:—o seu canto sonoro e patriotico,echoando por toda a parte, não deixou apagar da memoria os feitos gloriosos dos heroés de cinco seculos.

Tocou a grande altura a elevação de Portugal, mas a sua quêda foi tão rapida, que lhe teria causado a morte a não ser o audaz arrojo de seus filhos, que, convertendo em gladio os ferros que lhes roxeavam os pulsos, quebraram o sceptro nas mãos do seu tyranno, e desengastaram do diadema de Felippe IV a joia que tanto fôra ambicionada e tão depressa perdida.

Era chegado o seculo XIX, e a Europa acordava sobresaltada com o embate estridente das armas e com o estrondear horrisono da artilheria, que tornava os seus campos rubros de sangue, juncando-os de innumerados cadaveres ao choque immenso de

formidaveis legiões, impellidas por esse grande genio, qua se chamou Napoleão I !

Esta vasta guerra, percorrendo todos os angulos da Europa, não isentou Portugal, que em mais de cem combates vio correr o sangue leal e heroico de seus valentes soldados ; a guerra estrangeira, e mais que ella as inglorias luctas civis, rasgaram-lhe uma ferida tão profunda, que o teria feito baixar ao tumulo das nações a não ser que uma estrella, raiaando propicia no firmamento da patria e inundando-a de vivida luz, lhe não dissipasse as profundas trevas que o envolviam !

Esse astro, essa estrella polar, que lhe apparecêra como norte auspicioso no meio desse horrido pelago de desventuras e de miserias, é Pedro V, o rei que-rido, o modelo dos monarchas liberaes, o amigo dedicado dos que trabalham !

Oppondo um dique ás discordias civis que agitavam o paiz em terriveis convulsões, o sabio monarcha, guiando-o com mão firme na estrada do progresso e da civilisação, faz de Portugal, quasi esquecido, um paiz digno de admiração e respeito. As industrias reanimam-se ao calor vivificante deste sol patriotico, e quando em 1867 a França chama os diversos povos do mundo para o glorioso certamen do trabalho, Portugal fez-se representar, tão condignamente, que merece o elogio insuspeito de estrangeiros, e colhe louros bas-

tantes para demonstrar que no pequeno decurso de quatorze annos soubera entrar merecidamente no gremio das nações civilisadas.

Os portuguezes, pois, expondo os productos da sua intelligencia no maravilhoso pavilhão de architectura manoelina, que recorda a época do seu maior florescimento, não tem de que envergonhar-se ; não devem temer, hoje que puderam conquistar um lugar distincto entre os povos cultos, de que no sarcasmo de um apodo classifiquem o seu arrojo de pungente epigramma ! Ao contrario, orgulha-te, Portugal, que esta liça grandiosa não foi esteril de louros para ti, e, erguendo a fronte desassombrada no meio desses povos que se agruparam para entoar canticos festivaes ao trabalho, e tecer grinaldas de esplendorosas flôres aos emblemas da industria, dize-lhe sem receio de que te escarneçam :

— O maravilhoso rendilhado do meu pavilhão não é só a historia do meu passado de grandeza, é tambem o meu pregão de que busco trilhar o caminho do progresso por meio dos laboriosos productos da intelligencia, empunhando o rijo malho, abrindo sulcos na terra com o ferro cortante da charrua e penetrando-lhe nas entranhas com o rude alvião, illuminado pelo facho vivificador da sciencia e da liberdade !

Janeiro de 1869.



## A TEMPESTADE

D'où viens-tu?... Je ne sais ...  
Ou vas-tu?... Je l'ignore.

VICTOR HUGO

**D**E negra cerração o céu se enluta,  
E aos hombros de tufões lá se ergue ao polo  
Furibunda procella uivando ameaças.  
Mugem-lhe em torno espavoridos éccos ;  
Cobre-lhe a espadua immensa o manto umbroso  
De carrancuda noite, onde não ouza  
Um sorriso sequer furtiva estrella.  
E' sua côr medonha a côr do abysmo ;  
Sua tremenda vóz o ronco horrisono  
Do rolar do trovão ; seu rir sinistro

O fuzilar do raio, que retalha  
Em serpentes de fogo o firmamento.  
Alta, medonha, a catadura horrivel !  
Na dextra austéra tem por sceptro a morte,  
E seu throno cruel se assenta em ruinas.  
A seus pés, como aos pés d'archanjo enorme,  
Ruge.. cresce.. do abysmo em pé levanta-se  
Medonho sacudindo a spumea juha,  
Qual sanhuda leão o mar em furias.  
Terrivel sempre, sempre inexoravel  
E' da procella o carregado aspeito.  
Se firma o solio seu nos vastos mares,  
Qual cysne desplumado a nau sem rumo,  
Rotas as vellas, descozida a quilha  
Dos ventos á mercê nas ondas vaga,  
Se ao Libano voou, annosos cedros  
Com medonho fragor em terra tomham.

O' phantasma gigante, ó tempestade,  
Abre-me os sellos do teu bronzeo livro,  
Teus mysterios revela-me ; és acazo  
O genio do exterminio, que entre horrores  
Me vens annunciar, que a taça amplissima  
Da cholera de Deos cheia trasborda ? !  
Ou rompendo os grilhões do eterno carcere,  
E's Lúcifer soberbo, que ainda tentas  
Do teu antagonista a portentosa



Obra da criação tornar ao cáhos ? ! !

.....  
Ou anjo, ou demonio és um mysterio !  
Como o livro sublime. que inspirado,  
De Pathmos vio o desterrado vate,  
Tua missão na terra está sellada  
Pelo dedo de Deus com ferreo broche.

Vianna do Castello, Outubro de 1862.



## COMO ÉS BELLA !

— PHANTASIA —



as (n) os

H ! como és bella, Mimosa !  
Como os fagueiros sorrisos  
D'esses teus labios de rosa,  
Me entreabrem paraísos  
De creações ideaes !  
Odor suave de um Eden,  
Que as almas prende, extasia  
E embriaga na magia  
Dos lampejos, que despedem  
Esses teus languidos olhos,  
De encantos celestiaes !  
Um não sei quê de sublime,  
Que fulgura em teu semblante ;  
Serenos, como a innocencia,  
Como um astro, radiante,  
E que tal candura exprime,  
Que vel-o só é sentir,

Em doce enlevo inspirada,  
Nossa alma aos sonhos se abrir,  
Como ao rócio da alvorada  
Abre-se a candida rosa !  
Oh ! como és bella, Mimosa !

Esses teus loiros cabellos  
Em lindos, vastos novellos  
Esparsos no collo teu...  
Ah ! doidinha, que só t'êl-os  
E' ter logo a mente preza  
A' lisongeira incerteza  
Se és da terra ou se és do ceu !  
Teus seios, cofre de amores,  
Que a chamma da mocidade,  
Opulenta de fulgores,  
Agora brilhante ondea ;  
São dois travessos pombinhos,  
Que prendem a nossa idéa  
A' candura dos seus ninhos.

E assim por elles perdido  
Ando ha muito a contemplar  
Como sob o teu vestido  
Estão sempre a palpitar.

E' tão meigo o seu aneio,  
Sensitivo, puro e casto,

Que, se de um lascivo enleio,  
Deixo prender a minha alma,  
Em breve d'elle me afasto.  
Que é mar de paixões, conheço,  
Mas sei também que lhe espalma,  
—Do mundo as revoltas aguas—  
A briza da primavera,  
Que vem soluçando magoas  
Beijar-te a cabeça loira,  
A cuja vista esmoreço.  
Tal é o brilho que doira  
Tua fronte radiosa !  
Oh ! como és bella, Mimosa !

Teus olhos amor scintillam  
Com innocente fulgor !  
Teus labios beijos destillam  
Em mil sorrisos de amor !  
O teu collo é um poema,  
Que esta minha alma soletra  
A' luz da pallida lua,  
Adorando em cada letra  
O brilho do diadema,  
Que illumina a imagem tua ;  
Imagem que me extasia  
Com seu collo ardente, eburneo,  
Mas que receio que a tisne  
A cratera do infortunio.

Tua voz, que melodia !  
E' como canto de cysne,  
Saudando o raiar da aurora !  
E' um harpejo divino,  
Tangido n'uma harpa eolia !  
E' canto que esta alma adora,  
Como o orvalho matutino  
Ama a candida magnolia !  
E' tudo que Deus criou  
De grande e bello no mundo ;  
Sorriso immenso, jucundo,  
Que o homem sempre adorou ;  
Sorriso que nos attesta  
Sua infinita grandeza,  
Desde o cedro da floresta  
Até as debeis boninas,  
Que atapetam a deveza ;  
Desde a imponente cascata,  
Que em vastos lenções de prata  
Das montanhas se despenha,  
Té ao limpido ribeiro,  
Que, em leito de branca arêa,  
Por entre verdes campinas  
Minguado de aguas serpêa ;  
Desde o vôo do condor  
Té ao ensaio ligeiro  
Dos implumes pintainhos,  
Abandonando os seus ninhos,

Deixando o materno amor !  
E's tudo que a vida alaga  
De prazer e de afeições !  
E's tudo que o peito affaga  
Com ardentes illusões !  
E's de amor tumida vaga !  
E's um Nilo de bellezas !  
Um diluvio de esperanças !  
Um oceano de grandezas  
Infinitas como Deus !  
Um mundo de mil perfumes,  
Que espargem as tuas tranças,  
Cadêas dos sonhos meus !  
E sempre assim te heide amar,  
Minha pomba carinhosa,  
Como santa n'um altar  
Que d'esta alma um culto goza.  
Oh ! como és bella, Mimosa !

E quem te não amaria  
A ti, ó sol do meu dia,  
E da minha noite, ó lua ? !  
Miragem que me fluctua,  
Em torno da phantasia,  
Como visão ideal !  
Como sonho de poeta  
Nos mundos da poesia !  
Como cantos de propheta

De inspiração immortal !  
Como um echo do lyrismo  
Das harpas da natureza,  
Cuja soberba grandeza,  
Na terra nos lembra Deus !  
Como n'um mar de escarceus  
A taboa do salvamento !  
Como á borda de um abysmo  
O galho que nos sustem !  
Como o fulgor infinito  
Dos astros do firmamento!  
Como um sorriso bemdito  
Dos labios de minha mãe ! !  
Assim tão meiga e formosa  
Como não te amar, Mimosa?

E amar assim é ser Deus !...  
E' devassar novos mundos,  
Ideando novos ceus !  
E' dar vida aos moribundos,  
Aos sãos um mar de esperança  
Onde a vista se não cansa  
Em vêr-lhe os vastos primores !  
E' ter na fronte os fulgores  
Dos fachos que illuminaram  
A Newton as amplidões !  
E' ser Petrarca! é ser Tasso !  
E' ser Dante ! é ser Camões !

E', tendo o corpo na terra,  
Ter o espirito no espaço  
Onde habita o Creador !  
E' cada arfar de nossa alma  
Ser uma estrophe brilhante,  
De uma epopéa sublime,  
De um poema altisonante,  
Que mil venturas exprime !  
E' cada amoroso beijo  
Ser um divino lampejo  
De immensuravel fulgor !  
E' cada terno sorriso  
Ser um astro, um paraíso,  
Uma estrella de bonança,  
Um idyllio de esperança,  
Uns Luziadas de amor ! !

Assim tão meiga e formosa  
Como não te amar, Mimosa ?

Rio, Novembro de 1869.





## BRADO PATRIOTICO



o forum das nações a Hespanha accesa em guerras,  
Estorce-se imponente em prol da liberdade ;  
E o quebrar dos grilhões escuta-se nas serras,  
Nos valles e no mar, n'aldêa e na cidade.

O sceptro dos Bourbons tombou, cahio partido,  
Nas garras dos leões que as jaulas rebentaram ;  
E o regio pavilhão do solio decahido,  
Contempla expatriado os ventos que passaram.

E dos mastros no tópe ergueu-se outra baneirpa,  
Que marca nova éra á historia de Castella,  
Saudada por facções da turba aventureira,  
Desfraldada aos tufões de endemica procella.

Procella que fará talvez de atroz vingança,  
Brotar nos hespanhóes o audaz e vil desejo,  
De verem tremular da sordida alliança  
O iberico pendão dos Pyrinnêos ao Tejo.

Miserrimos que sois ! Vós pensais como outr'ora  
Lançar cadéas vis aos netos desses bravos,  
Que viram despontar da independencia a aurora  
Que os pulsos lhes livrou dos vis grilhões d'escravos.

Escravos de Castella, assim nos diz a historia,  
Chamaram-seos heróes, que nunca, em mil batalhas,  
Deixaram de colher os louros da victoria ;  
Por honra tendo a espada, e os peitos por muralhas.

Escravas de Castella !.. a perfida, a traidora,  
Ficaram desde então as quinas arriadas ;  
E a fera escravidão cobrio aterradora,  
Dos tumulos dos reis as lugubres ossadas !

Escravas de Castella as cinzas dos valentes,  
Que viram Portugal dictar ao mundo inteiro,  
A lei que reformou exercitos descrentes  
Em vassallos fieis do culto verdadeiro !

Quem ha que, recordando as tradições famosas,  
Não sinta o peito arfar sedento de vingança,  
Ao ver de nossa historia acções tão grandiosas,  
Manchadas nos paues de tão brutal pujança ?..

Manchada era a familia em seu mais caro anelo !  
Manchada a cruz da espada, o merito perdido  
Do nobre cavalleiro, outr'ora em seu castello  
Brazão de lealdade em louros esculpido !..

Manchada foi Lisboa e d'ella dimanava  
O sangue que toldou de rubro as lusas margens.  
Harem foi Portugal que em pouco saciava  
Aos filhos de Castella as horridas voragens !

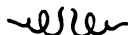
Que mais querem de nós se fomos seus escravos ?  
Se o rico Portugal foi seu pomar virente ?  
Se a patria de Camões, a mãe de tantos bravos,  
A's forças de Castella obedeceu gemente ? !...

Que mais querem de ti, ó filha de Minerva ?  
Invejam-te os crystaes do Tejo em que te emballas  
Indolente a sonhar a paz que te preserva  
De veres teu algoz fruir as tuas gallas ? !

Oh ! não, não mais curvada á força de tyrannos  
Eu te verei, ó patria, em oppressões supremas !  
Da iniqua escravidão em pulsos lusitanos  
Jamais se lançarão as perfidas algemas !

E se Castella ativa ousar com mão armada  
Roubar-te a liberdade, as leis, a autonomia ;  
Verá de novo erguida em férvida cruzada  
Qual foi de Aljubarrota a lusa galhardia.

Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1868.



## O HOMEM NO CAMINHO DO PROGRESSO

### I

**D**AS profundas investigações a que os philosophos de todos os tempos se têm entregado para descobrir a origem do homem, qual tem sido o resultado ? Nenhum.

No tumultuar das gerações primitivas, occulta-se na noite dos seculos o apparecimento do animal rei da criação sobre a superficie da terra. O espirito quer penetrar o mysterio ; mas o espirito perde-se, porque é denso e tenebroso o véo que lhe véda a passagem.

Do meio desta machina sublime a que chamam mundo, nem se lhe descobre o alpha, nem se lhe prevê o omega.

As hypotheses multiplicam-se, os raciocinios surgem imponentes convencendo por um momento, porém, a reflexão, exercendo-se calma, fria, esmagadora, destróe as hypotheses e annulla os raciocinios.

E a impotencia do espirito humano cada vez mais se manifesta. A mesma Biblia não satisfaz o espirito. No ponto em que a vida se apodera do atomo

anorganico, na transição da natureza morta para a natureza viva, começa o mysterio impenetravel para a razão mais esclarecida, para a intelligencia mais robusta.

As harmonias da natureza não são obra do acaso: alguma cousa de superior ao vôo rasteiro da nossa intelligencia, e que apenas se percebe já a perder-se nos longinquos espaços do infinito, origina e occulta á raça humana o principio—causa dessas mesmas harmonias. Mas, como todo o facto tem uma causa, para nós, a da natureza é Deos.

Em sua actividade a alma humana põe-nos em communicação com o mundo espirital; remonta-se aos principios e patentêa-nos a intelligencia suprema que nos deu a vida, o ser, o movimento e uma alma intelligente e livre, para ser nobre, e immortal, para ser divina. Na intelligencia suprema, o homem saúda Deos.

Remontando dos effeitos ás causas, a analyse intellectual pára ante o Ente Supremo, e vai pela synthese até o mundo visivel e palpavel. Eis os limites em que a actividade humana se exerce. Se pedirmos á sciencia que nos forneça os dados para calcular o apparecimento do homem, ella nos demonstrará com razões tiradas da propria natureza humana que muitos seculos depois da consolidação do globo terraqueo, quando já a sua superficie estava coberta de gigantesca vegetação, é que o reino

animal se mostrou. E assim devia ser. Primeiro o reino mineral, que alimenta o reino vegetal, depois os animaes herbivoros, carnivoros e omnivoros. O homem foi o ultimo dos animaes que se mostrou sobre a terra, e o primeiro que admirou extasiado as bellezas daquelle natureza virgem, que saudava ainda a omnipotencia do Creador, reflectindo sua grandeza na sua propria grandeza. Por isso nós dizemos que a mesma Biblia, o maior monumento que porventura a mão do homem traçou, não satisfaz o espirito. A primeira impressão do universo sobre o homem ainda inculto obrigou-o á reflexão; desta reflexão partio o primeiro raio de luz que illuminou o obscuro da intelligencia, pondo em movimento esta maravilhosa faculdade, com que Deos nos dotou para nos distinguir dos outros animaes.

Estava dado o impulso. As idéas amontoaram-se e expandiram-se, e pouco a pouco encheram o universo.

Mas as idéas não erão identicas; da não identidade nasceu o antagonismo, e do antagonismo a luta.

Das lutas das idéas passou-se ás lutas que têm ensanguentado a humanidade, ás guerras.

E' certo, porém, que sem estas immensas reacções sanguinosas não teriamos transposto o espaço assombroso, que separa o mundo intellectual primitivo do actual.

Anticipamo-nos a algum moralista, que nos exprobre, em tom lamentoso, o elogio que fazemos ás reacções que levam a sociedade a appellar para as armas; anticipamo-nos e vamos explicar sem mais demora o nosso pensamento.

Na natureza, o spectaculo mais magestoso é o bello horrivel do embate dos elementos: depois da tempestade brilha mais esplendido o sol e é mais puro e diaphano o azul do céu. Nas reacções da humanidade, o phenomeno reproduz-se : a paz que succede á guerra, quando a guerra é justa, impelle dobrada rapidez ao progresso, que é a marcha da sociedade para o seu aperfeiçoamento completo.

## II

Não sabemos se as ultimas grandes convulsões, que agitaram o globo por nós habitado, convulsões de que dão fé os povos da antiguidade, e que a sciencia geologica comprova, imprimiram nova direcção nas cogitações do espirito humano. O que é de simples intuição, é que essas grandiosas catastrophes, esses abalos colossaes, fazendo tremer de horror toda a natureza, deviam despertar mais vigorosa e enraizar mais fundamente a crença em uma vontade suprema, que dita as leis das revoluções ingentes que fazem oscillar em seus fundamentos toda a terra. A sciencia explica os phenomenos segundo as

leis naturaes; porém estas dimanam de Deos. Nós não acreditamos que as idéas perdessem terreno; que se transformassem, que seguissem novo rumo, cremol-o.

Passado o primeiro espanto, desapavorado o homem, continuou seu deslizar tranquillo por sobre a face já pacifica da terra. A' medida que a familia, primeiro élo da grande cadêa humanidade, se augmentava, ia-se constituindo a tribu, que a seu turno originava o municipio que integrava a provincia, assim como esta a instituição chamada estado. A dispersão dos povos, provavelmente de centros diversos, em todas as direcções, foi-se realizando naturalmente. E cada tribu que se partia, ou cada nação que emigrava, levava os conhecimentos communs, aos quaes accumulava os que ia adquirindo em sua peregrinação através dos desertos e das florestas invias daquelles tempos de então. As tribus caminhavam sempre, e as gerações, reproduzindo-se cada vez mais, invadiam a superficie do solo. Descansando aqui e alli, emquanto a alimentação frugal não lhes escasseava, não se moviam aquellas massas vivas. Errando, porém, continuamente em busca de lugares abundantes em alimentos, afastando-se cada vez mais do seu ponto de partida em longitude e em annos, perdida até mesmo a memoria dos seus ascendentes, ou apenas conservada pela tradição longinqua, largas transformações se deram nos usos,



costumes, idéas e caracteres desses aggregados humanos. Tambem se operaram profundas transformações na linguagem; pois que foi preciso criar nova nomenclatura para designar novos objectos e exprimir outras necessidades; inventar imagens que traduzissem outras idéas, que despontavam em face dos estranhos phenomenos que surgiam de cada lado desse universo pomposo, que o homem ia descortinando em seu peregrinar.

Assim se foram perdendo os caracteres communs, que assignalavam a esses povos nomades as mesmas origens.

Eram então as artes ainda no berço, e a industria reduzida a proporções microscopicas, em relação com as suas exigencias limitadissimas; os seus conhecimentos scientificos em embryão, puramente rudimentares, carecendo da robustez do raciocinio de hoje, por falta de tirocinio, cifravam-se em simples observações a respeito dos astros, guias certos e unicos do seu caminhar infindo, e, naturalmente, em alguns preceitos agronomicos e mineralogicos.

Filha da observação, a philosophia deve remontar a essas datas. Balda de conhecimentos, só a ampla liberdade é que podia ser o unico movel capaz de arrastar a sociedade para o seu verdadeiro fim racional, fonte pura de divina felicidade, tendencia fatal de que o homem não póde desviar o pensa-

mento, ainda que quizesse ser escravo do quietismo, ainda que quizesse estacionar.

Reinava o direito natural em todo o seu poderio; falhos do direito positivo, triumphava ainda assim a harmonia da justiça, e os homens eram felizes.

Comtudo, não sendo possível a sociedade sem ordem, e a ordem sem sanção, segue-se que o Estado leva o seu nascimento a esses seculos que se escoam no limbo do passado. E assim nascido, o Estado não podia prescindir de chefes e de sub-chefes. Estes chefes não foram o resultado de uma convenção social, mas sim um producto natural derivado das desigualdades phisicas, intellectuaes ou moraes entre os homens. Era um membro mais audacioso, ou mais respeitado por sua idade e experiencia, ou ainda por suas virtudes, que se arvorava e o toleravam por chefe. Este ascendente de um, ou de alguns, sobre todos, é cousa tão sancionavel pela natureza inteira, que até entre os proprios irracionais ha um superior tacitamente acceito por toda a comunidade. Pelo menos nol-o affirmam os naturalistas e á razão não repugna receber como verdadeira a preposição. Não nos venham, pois, fallar em contracto social. Sem ordem é impossível qualquer sociedade por menor que seja; a ordem suppõe principios harmonicos em que se basea; mas dos principios não deriva a ordem sem execução: a execução n'este caso é um dever indeclinavel, e o espirito

humano, de ordinario, cansa-se em cumprir deveres desta classe, e pois, só os cumpre pelo constrangimento; mas o constrangimento faz nascer a idéa de força, e esta força não póde residir igualmente em todos os membros da sociedade; porque então a sociedade seria a guerra, e a sociedade deve ser a paz; por isso, a força que constrange os membros da sociedade ao cumprimento dos principios harmonicos dos quaes deriva a ordem, reside em poucos.

E' muito de proposito que dizemos em poucos, porque temos horror ao governo absoluto, senão diria-mos reside em um.

Daqui se vê que os chefes nasceram com a sociedade e com elles os governos. Sem o perceber já ella marchava para o seu fim litterario-scientifico, que é o conhecimento das leis que regem a natureza viva e a natureza anorganica em suas manifestações de ordem phisica, intellectual e moral.

### III

Aqui vinha a proposito uma questão que os livros sagrados já de ha muito decidiram peremptoriamente; mas esta decisão não satisfaz as exigencias actuaes da sciencia, que só trata de descobrir a verdade onde quer que se occulte.

Esta questão é a seguinte : — A raça humana

terá unidade de origem? Quasi que já o levamos negado.

A zoologia assignala as differentes raças e caracteres muito distinctos. Não se póde rasoavelmente acreditar, que a influencia dos variados climas seja tão energica, que imprima modificações profundas até na propria organização; modificações que a anatomia demonstra existirem nas quatro variedades do genero homem.

Esta questão, cremol-a, porém, deslocada neste trabalho e pouco significa ante o titulo que entendemos dever dar-lhe. Mesmo o autor não tem em vista contrariar a doutrina acceita pelas multidões inscientes e fanatisadas.

Organizados naturalmente estes aggregados humanos, ligados por interesses communs e pelos mesmos principios de moral; regidos pelo direito natural, pelas mesmas idéas religiosas mais ou menos grosseiras, conforme as inspirava a contemplação da natureza; e, finalmente, identificados pela origem, reunidos ainda pelos laços de familia; constituiram um todo compacto resistindo como um só homem ao embate dos elementos estranhos que tendessem a desaggregal-os ou a destruil-os. Ao passo que essas nações dispersas pela vastidão do globo cresciam occupando sempre maior espaço, e a alimentação escasseava na mesma ordem que a população se avantajava em numero, as transmigrações

totaes repetiam-se forçadamente e com curtos intervallos. Deste vagabundar constante, destas peregrinações continuas, seguia-se o encontro entre povos, que se desconheciam, ou porque haviam perdido a memoria da sua origem, ou, o que é mais racional, porque não a tinham commum. Este encontro foi consequencia forçada, inevitavel da sua instabilidade.

E' verdade que a sociabilidade é qualidade humana, mas esta qualidade e todo o seu imperio pacificador, annullou-a o antagonismo, a antipathia, que nesses encontros rebentára instinctiva e rapida como o fulgurar do relampago quando as nuvens oppostamente electrizadas se aproximam no espaço entrando na esphera da actividade.

O antagonismo dos homens rompeu a paz desses povos, como o antagonismo electrico rompe o silencio das regiões aéreas.

A pujança dos contendores e o seu numero marcava o limite da luta impetuosa e decidia da victoria. Os vencidos, ou eram exterminados ou escravizados, quando não podiam procurar na fuga a liberdade e a vida.

O sol que illuminou este primeiro drama sangui-nolento da humanidade, tremeo no seu throno celeste; a terra oscilando em seu eixo, recusou apavorada receber no seio materno o sangue de seus filhos derramado nessa luta fraticida; o ar, vibrando

a custo, echoou lugubrementemente os ais consternadores das victimas que succumbiam, e a natureza inteira despiando as suas galas trajou luto pesado ; mas a raça humana mostrou-se qual é, qual foi, e qual ha de ser até ao infinito dos seculos : orgulhosa, arrogante, indomavel e inconsequente, quando a céga a paixão feroz, ou a arrasta o instincto da vingança ; sublime, na pugna ingente, defendendo os proprios direitos, e até martyr resignada, encarando a morte sem empallidecer, quando se sacrifica por uma idéa que ella considera santa e justa.

O homem, mixto de materia e espirito, firma-se no lodaçal das miserias humanas e ascende ao céu a um tempo.

Neste primeiro recontro, ganhou-se em conhecimentos o que se perdeu em homens : vencedores e vencidos revelaram o que sabiam, e o que sabiam já traduzia progresso. Crescendo sempre e em continuo pelejar, a humanidade elevou-se até formar a Assyria, o Egypto, a China e a India, imperios colossaes dos tempos passados, que ainda hoje, apogéo da civilisação, as gerações coetaneas reverentes passam de assombro contemplando-os através dos seculos e da historia. Foi destes enormes focos de civilisação, que as letras, as sciencias, as artes e o culto foram transmittidos ás nações occidentaes suas herdeiras nas idéas sãs, harmonicas com a dignidade do homem.

Profundas modificações, porém, soffreu uma civilização talvez em parte transplantada pelas colonias egypcias, arabes e phenicias. Dizemos profundas, porque refundiu-a e remoldou-a o occidente de tal modo, que afrouxou as aristocracias feudaes, os governos immoveis e despoticos, e a mulher reconquistou os foros que lhe dera a santa liberdade primitiva sahida das mãos da natureza.

Já era extensissimo o caminho percorrido. No meio desta agitação nem um povo estaciona. Os elementos sociaes chocam-se na Grecia pelas rivalidades de dorios e jonios, de athenienses e espartanos, até que o jugo macedonio os reduz á inacção, quebrando as rivalidades que os abate e os amesquinha sob o peso de seus triumphos. Como gigantescas recordações do passado, Salomão ergue Palmyra no deserto ; sobre o Euphrates surge a faustosa Babylonia, o theatro immenso das magnificencias de Nabucodonosor, o palco obumbrado, silencioso e triste, mas magestoso, dos festins de Balthasar, e um mimo da mysteriosa Semiramis. E tudo isto se dissipa ! A velocidade dos seculos com seu poder destruidor e irresistivel arrebatada e derruba todas as grandezas edificadas pela mão do homem. Abate e destróe Ninive e Tyro, o sumptuoso e policiado Egypto, o amplo e potente imperio dos Medos-Persas, restos refundidos dos imperios já sepultados ; varre da superficie do globo altivos potentados, a cujo aceno omnipotente o

universo se movia amedrontado, e por fim joga á fúria das batalhas o despotismo enfurecido, respirando sangue e morte, que vai, n'um gyro vertiginoso, em sua loucura de conquistador, em seu sonho de dominação, embriagado pelos triumphos e lasso das devassidões, espedaçar a civilisação servil do oriente de encontro á rigidez occidental nos campos de Platea, Marathona e Salamina, onde rutila deslumbrante de fulgor a estrella de Themistocles e de Melciades, de Leonidas e de Pausanias, e empallidece na fuga atravessando o Hellesponto a do grande Darius, Xerxes e Mardonius.

Como conquista final, a Europa illustra-se, o passado recua, o futuro vai progredir.

No periodo de cento setenta e um annos, que tanto vai de Pericles a Alexandre Magno, o pensamento dilatou-se tanto, abraçou area tão larga, que a razão mais fria e mais austera incendia-se de enthusiasmo ao contemplar o quadro monumental do mundo grego desses tempos. Era uma actividade nervosa a transformar-se em maravilhas, a desdobrar-se em prodigios ! Deslumbrantes nas bellas-artes, pomposos e arrebatadores na litteratura, pensadores profundos nas sciencias philosophicas, consumados na politica, audaciosos na guerra e democratas por indole desde Pericles até Demosthenes, que préga ali berdade aos Hilotas; eis, em resumo, o que foram os gregos. Educada em tão santos principios, esta



heroica nação, apenas sôou a hora aziaga em que a democracia foi algemada em Athenas, e o senado e a assembléa do povo substituídos pelo conselho dos quatrocentos e pela assembléa dos cinco mil, viu rebentar uma reacção espontanea e espantosa, que restabeleceu a democracia e pulverizou a oppressão. Alcibiades, alternadamente partidario da guerra e cimentador da paz e da grandeza de Athenas, é a victima illustre votada ao exilio para morrer ás mãos dos Persas. A victoria de Ægos-Potamos fez ver a Athenas quanto valiam os conselhos do grande cidadão Alcibiades. Então, como agora, as grandes causas tinham grandes defensores e custavam grandes sacrificios. E, facto sublime, exemplo grandioso, que as nações agrilhoadas da actualidade deviam imitar: nem a oligarchia dos trinta tyrannos que infamou com os seus vergonhosos excessos o nobre povo atheniense desprestigiado e vencido, pôde aniquilar a idéa da liberdade, que Thrasibulo traduziu, destruindo o exercito da tyrannia e reerguendo a constituição antiga.

As idéas não morrem; transformam-se, aclaram-se, robustecem-se e cosmopolitisam-se. A grandeza da Grecia havia attingido a méta além da qual lhe era vedado passar. Já se havia extinguido o fogo sagrado do patriotismo no peito de seus filhos, quando as phalanges da Macedonia descendo do norte, conduzidas pelo discipulo de Epaminondas, a invadiram e

calcaram na passagem o seu poder. O tumulto das suas liberdades, e daquela extraordinaria democracia, foi aberto em Cheronéa. Thebas e Athenas, moribundas quasi, mas á frente da liga grega contra Felipe, impellidas pela voz onnipotente de Demosthenes, fascinadas pelo condão da sua eloquencia, que arrasta as multidões extasiadas e dispõe da paz e da guerra, são levadas ao supremo combate, occaso immenso daquelle sol da civilisação antiga, que descambára rapido, deixando o mundo illuminado e o astro Alexandre a emergir.

Qual meteoro fugaz rasgando os ares em gyro veloz, assim Alexandre Magno, rasgando largo estadio ao seu genioprehendedor e atrevido, conquistador e audaz, marcha de triumpho em triumpho, e, ora grandioso como o seu genio, ora ferino nas horas negras do despeito, abrange em seus braços de ferro o oriente e o occidente. Pela segunda vez em seu recontro a Europa abate a Asia em Arbellas. E' que a immovel civilisação oriental, com suas sumptuosidades que enervam, com suas devassidões que mollicam, com suas crenças religiosas, por vezes tórpes e immoraes, que immobilisam, não podia resistir ao progredir do occidente.

Que differença, porém, entre a politica do conquistador macedonio e a dos conquistadores asiaticos ! Enquanto Alexandre ergue templos e sacrifica aos deoses dos povos vencidos, aquelles, qual

torrente immensa de caudaloso rio que trasbordou, devastam quanto encontram ; ao passo que Alexandre une vencedores e vencidos pelos laços do matrimonio, harmonisando assim os estranhos elementos do seu vasto imperio, os potentados da Asia opprimem e escravizam os conquistados, pondo deste modo em luta duas forças oppostas, que mutuamente se enfraquecem, até que um dia uma raça vigorosa, vencedora a seu turno, acabe com a reacção continua desses elementos que se não homogenisam ; finalmente, o filho de Felippe, ampliando o commercio, liga pelos mesmos interesses, europêos e asiaticos, emquanto os conquistadores partidos do oriente, saqueando e immolando suas victimas aos seus furores de despotas, cavam profunda a miseria e a devassidão, que lhes ha de dissolver o poder e cavar a ruina.

Com o imperio de Alexandre e sua politica, as letras, as sciencias, as bellas-artes, as idéas da democracia hellenica e da aristocracia Macedonia, já enfraquecida, suas grandes virtudes civicas e seus vicios, diffundiram-se por quasi todo o mundo conhecido e dominaram por largo espaço. Nada se perdeu do que se tinha accumulado durante seculos de trabalho ; porque senão perdem nunca as victorias intellectuaes. Os povos não retrogradam. Póde haver causas que lhe paralysem a marcha ; póde agital-os, sucudil-os, acorrental-os por momentos, a

tyrannia de algozes ; mas os fructos sazonados da intelligencia, só ha de aniquilal-os a destruição completa da humanidade ; porém isso, se bem que peze ao fanatismo, jamais se consummará ; porque Deos não ha de querer aniquilar a sua obra prima, monumento immenso que attesta aos homens que um Deos existe ! E o que vale a tyrannia de algozes quando os povos em supremo esforço atiram dos hombros cansados o jugo pesado com que os opprimem ? E' nesses momentos extremos, que grandissimas reacções intellectuaes surgem imponentes e os precipitam no caminho do progresso onde vencem longo estadio.

Parece que instinctivamente as potencias creadoras do espirito humano apressam a marcha, temendo novos obstaculos que lhe paralysem a carreira veloz.

#### IV

Como já dissemos, não somos daquelles que acreditam que a humanidade retrograda. Quando no correr dos seculos as idéas dominantes vão-se desmoronando minadas por novos sentimentos, por outra maneira de pensar ; sobre as suas ruinas, é certo, ergue-se nova doutrina, mas nunca o mundo retrogrado. Os conhecimentos positivos, os que se apoiam em factos, são alterados muitas vezes no

que toca á sua theoria, na fórma de os explicar ; porém, no fundo, não se alteram. Os factos são sempre identicos como consequencias das mesmas causas, isto no que diz respeito á natureza phisica.

As transformações profundas dão-se no mundo moral.

Tambem nós, referindo-nos ao progredir do homem atravez dos seculos que se vão indo do passado, não tivemos em vista dirigir nossas indagações sómente para o mundo moral, foi tambem, e, principalmente, para o mundo phisico. Neste sentido, dissemos que a humanidade não retrograda. Uma época e um povo podem, ter, e tem effectivamente, uma religião, uma moral, idéas philosophicas muito differentes das de outra época e de outro povo ; e como consequencia necessaria dessa religião, dessa moral, ou dessas idéas philosophicas, uma legislação distincta, uma politica á parte, costumes, habitos, completamente seus e por vezes incompativeis com os outros povos coetaneos.

São as idéas que caracterisam os seculos, e não os seculos as idéas, senão que o diga a historia. A analyse fria, imparcial e judiciosa das transformações da humana geração ha de comprovar o que aqui enunciamos. Ainda mais : da luta dos velhos principios com os novos, surge sempre mais nobre, mais digna, mais compativel com a natureza do homem, a moral, a religião e a philosophia. Eis a

razão por que nós chamamos, senão barbaras, ao menos atrasadas ás nações estacionarias. Infeliz daquella que adormecer no caminho! No seu despertar achar-se-ha seculos na retaguarda das outras nações; olhará em torno de si, e vendo-se só, estremececerá de pejo e de indignação; em volta della haverá um silencio lugubre e aterrador como se tivesse despertado em meio de um vasto cemiterio já em ruinas. Querendo fugir, ensaiará forças, erguer-se-ha de pé; estenderá os braços, sacudirá as vestes rotas, e caminhará em fim, ora de rastos e de luto, quando impere a guerra, ora firme e festiva, quando reine a paz, mas por fim sempre na retaguarda. Se nos remontarmos, por exemplo, ao mundo romano, e o estudarmos em todas as suas phases politicas, quer como reino, quer como republica ou como imperio, nos seus dias de gloria e de esplendor ou nos seus dias adversos; se contemplarmos o centro desse immenso volcão, em que se estorcem, ora os nobres, ora os plebéos, onde a mais ampla liberdade e a mais horrivel oppressão vivem alternadamente, não haverá ninguem que desconheça o caminhar rapido daquelle povo gigante para a grandeza dos nossos dias. Restos dispersos de todos os povos em sua assimilação, a herculea Roma metamorphosea e amolda em fórmulas suas tudo quanto a conquista lhe dá.

Filha de sua politica audaciosa, triumphante de

mil batalhas colossaes, ao peso das suas legiões e ao voar atrevido das suas aguias, o mundo submete-se; mas depois de vencido na luta. E naquelles recontros extraordinarios de oppostos principios, que de sangue derramado ! E como aquelle sangue fertilisa o solo abençoado da Italia !

Herdeira de todas as civilisações que iam cahindo na sua orbita, amalgama politica de povos variados por seus costumes, habitos, caracteres, religião e instituições compativeis com o seu adiantamento moral e intellectual, apesar de longa e poderosa romanisação, a transformação nunca foi completa. Povos estranhos, domados pela força das armas, curvam-se ao poder dos vencedores, mas nunca aceitam o jugo se as circumstancias mudam, se a sorte lhes dá o papel contrario. Escravos soffredores e humildes, fazem-se senhores vingativos e atrozes, intolerantes e despotas. Neste effervescer de odios e vinganças, inanio-se a robustez immensa de Roma e nunca se homogenisaram os seus elementos sociaes.

Immorredouros são os seus louros colhidos nos campos das batalhas, a sua legislação é admiravel e serviu de base á das mais policiadas nações ; a sua litteratura reflecte a sua grandeza; as bellas-artes, se não attingem o brilho das da velha Athenas, são comtudo memoraveis ; a sua sociedade é um mixto informe e medonho de virtudes sublimes, de vicios degradantes e crimes atrocissimos, ao lado da he-

dionda corrupção, das bacchanaes ignobeis, das scenas de indomita fereza do circo, havia muita nobreza e muita humanidade.

Foi enorme em tudo aquelle povo de cem braços ! e foi sobretudo enorme no estrondo da quêda !

Facto constante. Sempre que o sol da gloria doura a cupola altiva das nações, a sua historia compõe-se de duas partes quasi palpaveis, que de continuo se repellem e lutam até se vencerem mutuamente. Desta luta continua segue-se o enfraquecimento mutuo que as submerge para, afinal, exaustas de vigor, sepultarem a nação. Mas da nação que morre nova nação se ergue. A humanidade nada perdeu. As leis que regem as harmonias da natureza fundamentam-se em forças oppostas e iguaes, que a razão humana submete ao calculo mathematico, marcando-lhes o limite; porque essas leis são immutaveis como as forças que as fundamentam e como ellas eternas. Da igualdade e da opposição nasce a harmonia no mundo phisico; da opposição e desigualdade, a desharmonia no mundo social. E' se assim não fosse, a humanidade estacionaria, o progresso seria uma palavra vã, e o aperfeiçoamento da humanidade uma utopia; os actos instinctivos substituiriam os actos intellectuaes, o homem não seria a obra prima do Creador e o Creador não seria digno da sua Omnipotencia.

O progresso é o resultado da reacção das idéas



entre si dirigida pela sã razão ao bem commum dos homens. Vejamos agora como a humanidade progrediu na vida agitada de Roma, e como desta agitação foi surgindo a civilização moderna.

Desde o reino ao imperio, de passagem tumultuosa pela republica, extasiada ora ante o vulto imponente dos seus guerreiros, ora embriagada pelas saturnaes esplendidas, engolphada ferozmente em orgias sanguinolentas, mas em luta constante, é sempre admiravel aquella velha Roma. Vê desfilar vultos, ora risonhos, ora carrancudos, como Numa Pompilio, o instituidor das ceremonias religiosas, dos guardas do culto, das vestaes, e que eleva templos á Boa-Fé; Tarquinio, que começa o celebre capitolio, abre os canos subterraneos e aformosêa Roma; Servio Tulio, que transforma o mesmo povo em patricios e plebeus, preparando assim os elementos que mais tarde deviam originar as grandes commoções sociaes de que Roma foi testemunha; a deshumana e parricida Tulia, alma de tigre em corpo de mulher, que manda passar o seu carro de triumpho por sobre o cadaver de seu pai para subir tinta de sangue aos degraus malditos do throno; Tarquinio Soberbo, que arranca os bens dos povos sem respeito ás leis, e desterra e mata por entretenimento de requintada tyrannia.

E no emtanto Roma já era grande! Mas a sorte de um povo depende de qualquer circumstancia. A famosa Lucrecia é deshonorada e morta por Sexto.

Um crime desta ordem, naquelles tempos, revolta o exercito romano, que encontra para chefe a Bruto; e os revoltados n'um desses impulsos de que tremem os reis, derrocam o reino, e do arrazado edificio social ergue-se a republica, que vai agitar todas as ambições, provocar terriveis concurrencias, por vezes fataes á sua felicidade de nação. E' o tempo dos grandes contrastes! Durante o longo dominio dos reis, já o povo aprendêra muito. Forte com o seu triumpho, exigiu as leis de Servio e o estabelecimento do governo dos consules, talvez, em troca do seu apoio á revolução que derrubára o throno. O senado, esse prodigioso conjunto de virtudes e vicios, de patriotismo esclarecido e de refalsado individualismo, ambicioso e despota, obsecado quando senhor da victoria, cedeu timido á exigencia, diremos até á imposição do povo triumphante. Os comicios proclamaram pois os consules; mas sempre que uma ordem de cousas é traspmutada, o elemento apenas vencido, mas não aniquilado, tenta reviver logo que sonha propicia a occasião. Debaixo das cinzas já frias, restos dos incendios sociaes, occulta-se a faisca capaz de levar o incendio devorador aos mais bem acabados monumentos architectados por mãos humanas. E Roma viu uma tremenda conspiração a favor dos reis, contemplando ao mesmo tempo a impassibilidade leonina de Bruto e Tarquinio Collatino, condemnando filhos e sobrinhos

ao supplicio em sua presença, acto de atroz barbaria praticado por um pai, que nem mesmo a salvação da patria justifica. Parece, porém, que a fatalidade pesava sobre o povo romano. Como sóe acontecer aos que dormem á sombra dos seus louros, pagou caro a ousadia de exigir do senado o quanto exigiu.

As dividas acabrunhavam a republica, seus filhos não se alistavam, os credores não sabiam perdoar, e a dictadura do senado inspirada pelo odio e respirando vingança, despovôa Roma. Das alturas do monte sagrado só desceu o povo quando lhe deram um tribuno para o defender. O povo é sempre o mesmo: tem impulsos de leão, desanimos de cordeiro. As ambições das diversas classes sociaes cresciam; os interesses chocavam-se, do choque faiscava a rivalidade desenfreada apunhalando tudo pelo amor da dominação. E' o repto audaz dos tribunos demolindo o poder dos grandes, fazendo-se eleger pelos comicios populares, ascendendo á accusação dos consules. Rebenta o momento da reacção: declarára-se a guerra entre os componentes da sociedade romana. Despontava brilhante a estrella da democracia depois de tenebroso occaso. Corriam os dias da luta de Coriolano e dos Fabios. No Forum as dez taboas da lei auguravam um futuro risonho de glorias e felicissimo de paz nos horizontes da politica.

Foi, porém, momentanea a felicidade, que parecia

duradoura. O povo, que não raciocinou ao entregar-se corpo e alma aos senhores que elegêra para o governar, supportou cruel despotismo. A honra, a fortuna e a vida, nada lhe pertencia. Dispunham de tudo os decemviros. Mas as torpezas de Appio escravizando Virginia, apesar das leis, do pai e da esposa, arruinam o poder dos decemviros. E depois da sua derrota desponta de novo a boa fortuna das massas desprevilegiadas. Nasce a liberdade individual, punem-se os ataques á propriedade, diminuem-se os juros ; apparece o Talião e a composição. Sôa a hora. O povo, e só elle, pôde appellar das decisões dos magistrados ; elle só, nos comicios, sentença a morte, e por fim, na assembléa das centurias, patricios e plebeus confundem-se. A igualdade surgia. Rasgam-se as leis pessoaes ; a legislação civil só conhece cidadãos romanos ; todos são iguaes ante a lei, era a sua fórmula. Era o povo a unica fonte de todo o poder e de todo o direito ; será lei o que elle houver ordenado em ultimo lugar. E pois, se não tinham os plebeus igualdade politica, que é uma chimera para os pobres, ao menos possuíam a igualdade civil, que dá ao homem a dignidade, elevando-o assim acima do servilismo estúpido, fazendo-o encarar de frente o poderio dos grandes. Foi a união intima, filha da igualdade civil, de todos os romanos, que avigorou Roma no interior e a tornou respeitada do estrangeiro.

Assim como a união íntima das moléculas dos corpos os torna resistíveis aos grandes choques, a união íntima dos filhos da mesma nação desafia e quebra a colera dos potentados da terra, que só encadêam a victoria pela divisão dos elementos sociaes. Succediam-se, porém, épocas aterradoras. As grandes guerras desencadêaram-se.

Em toda a parte se sente o embate dos inimigos : muito sangue se derrama, mas Roma triumphava por fim.

E' o tempo glorioso dos Flaminios, Marcellos, Regulos ; das lutas titánicas de Xantippo e de Scipião, o Africano.

Foi o sol dos seus triumphos que deslumbrou e corrompeu os romanos. As conquistas foram um elemento sceptico : a decomposição dos costumes e da constituição foi o resultado da acção desse elemento. Lavra a ambição nos grandes e a venalidade e a miséria nos pequenos : a agricultura desfallece e o commercio morre ; em opposição a alguns milhares de millionarios, immensos milhares de mendigos (\*).

(\*) Todas as vezes que as riquezas de uma nação tendem a ser accumuladas por poucos homens, os restantes preparem-se para a servidão e para a indigencia. A divisão da propriedade é uma garantia para a liberdade, segurança e prosperidade das classes desprovidas da fortuna.

Não accumulem a propriedade, enraizem no coração de um povo o amor ao trabalho, ensinem-lhe a tirar partido de sua actividade, derramem abundante instrucção sobre elle, e esse povo será o mais ditoso dos povos. Não nos vão por ahi, os espiritos maticulosos, chamar de socialistas. . .

E' opinião geralmente seguida.

Depois erguem-se os Gracchos, as rebeliões e morticínios, productos das guerras civis, e por fim vêm as transformações sociaes. Então, como nos nossos dias, o resultado das lutas ou era propicio aos grandes ou aos pequenos, á classe nobre ou aos plebeus. Pondo de lado os excessos da occasião, restabelecia-se em pouco o dominio daquelles ; mas restabelecia-se pacificamente, e de modo que, quando se acordava, o leão popular era obrigado a appellar para a revolta afim de despedaçar a cadêa com que lentamente o haviam algemado os seus senhores. A dominação do povo, custa-lhe mais sangue e tem menos duração; a dos grandes é mais longa e arranca mais gemidos.

Roma, convulsiva e arquejante ao rugir das paixões desvairadas, que se altêam indomitas e se estorcem no peito de aço de seus filhos, e recrescem e saltam enfurecidas, semelha ora o oceano encapelado ao sôpro impetuoso da tempestade, arrancando quanto encontra em seu caminhar de loucura feroz e esmagando sob seu enorme peso os ferros da oppressão e o poder dos oppressores ; e outras vezes calma e resignada, curva humilde a fronte e recebe das mãos dos despotas, que calcára no momento da victoria, a palma do martyrio, e sepulta-se em ondas de sangue humano, sem articular uma queixa, sem se lhe ouvir um gemido !

Povo grande até na grandeza do soffrimento e na

grandeza da crueldade! O mundo absorvia-se no mundo romano : parece que a actividade de todos os homens se condensára alli.

E desse fóco immenso surgem tempestuosos e abrazadores, ao ferir do egoismo desvairado, Mario e Sylla, Pompêo, Catilina e Cesar. Astros fataes guiando por longa esteira de sangue, por entre plangentes gemidos, a republica ás mãos portentosas de Augusto. Foi o porto bonançoso, onde as vagas alterosas das guerras internas e externas, arrojam o cadaver da republica romana. Epocha de transição, porém, de poderio, esplendor e illustração, que tudo brilhou em Roma.

E' o tempo de Horacio, de Virgilio, de Tito Livio e de Agrippa. Roma havia produzido tudo quanto, em intelligencia e talento, uma nação póde produzir : oradores, como Cicero ; historiadores, como Sallustio e Cesar ; eruditos, como Diniz de Halicarnasso ; medicos, como Celso ; geographos, como Strabão ; artistas, como Vitruvio, e jurisconsultos eminentes, como Capiton e Labeon. Mas, daquella patria augusta, a felicidade eclipsára-se rapida.

Qual navio ao sabor das ondas, perdido o leme, desapparece e surge á tona, eleva-se ás nuvens e abaixa-se no fundo dos abysmos, empina-se e mergulha, avança e recua, e vai, alfin, na carreira veloz que lhe imprime o vagalhão, fazer-se estilhaços de encontro á immobildade dos rochedos, que se elevam

do fundo á superficie dos mares : assim aquella nação, cuja grandeza mensura o mundo, em doida e vertiginosa corrida, ao som do concerto infernal das orgias desenfreadas, infamada pela mais tórpe e hedionda devassidão, illuminada pelo clarão sinistro das fogueiras que devoravam os christãos, vai, fatalmente impellida pelos Tiberios, Caligulas, Neros e Commodos, apesar dos Dioclecianos, Titos, Nervas Trajanos e Constantinos, aniquilar-se ao embate furibundo da multidão immensa dos barbaros que a invadem por todos os lados.

Estão baralhados os elementos da sociedade romana, vejamos o que surge deste cháos.

No immenso sorvedouro, que os seculos vão abrindo á humanidade, sómente se salva da destruição o progresso.

Herança inalienavel, accumulada de geração em geração, mais se enriquece, quanto mais caminha.

## V

O imperio passára por um movimento de reacção activissima, e como consequencia a civilisação dessas éras. O absolutismo asiatico de Diocleciano e Constantino tudo havia amesquinhado. Gravitava em seu torno um bando adulator, pequenino e máo de subalternos, promptos a tyrannisar os inferiores para se mostrarem amigos e dedicados ao poder supremo.



Os fortes foram humilhados e os fracos rehabilitados ; mas os fracos eram incapazes de qualquer esforço, o desanimo e a inacção apoderára-se da sociedade. Se querem reduzir o homem a um automato, aviltem-no. De grande, torna-se pequenino ; de nobre, faz-se plebeu miseravel.

Nesta epocha infeliz a litteratura e as scencias do tempo do paganismo, tinham cabido com elle. A sociedade velha, moralmente, morrêra, e com a morte fenecêra-lhe a fé. A sua vida transmittiu-se á sociedade moderna, e a fé reergueu-se ardente no christianismo, que já começava a conquistar os espiritos por toda a parte. Os pontos, onde outr'ora tremulára altiva a bandeira do imperio, foram invadidos pelos barbaros, que organisaram estados governados mais ou menos despoticamente.

Como aterrados viviam occultamente todos os grandes principios, que derivavam dos tão largos dominios intellectuaes de Roma. O christianismo, apezar de perseguido e martyrisado, abrangia quasi todo o mundo, e tentava continuamente, affrontando todos os perigos, dilatar o seu imperio. Aquella doutrina, sublime em toda a sua pureza, armára em seu favor peitos varonis, que sabiam morrer sem trepidar e sem arrefecer o ardor das suas crenças ; finavam-se exhaustos de forças, mas cheios de fé na omnipotencia de um Deos, que punia os máos e recompensava os bons.

Os heróes martyres, ou são filhos da religião, ou do patriotismo. Mais tarde, já deturpada a doutrina, rompe do meio dos lagos de sangue vertido em favor do catholicismo e por elle em suas vistas criminosas de dominação temporal e das ambições exaltadas das familias reinantes, aquella actividade valente, que conduz nos dias calamitosos da idade média a humanidade para os tempos que correm. Não se póde razoavelmente descobrir outro motivo para as guerras colossaes e deshumanas daquelle periodo, que não seja a ambição dos reis, dos papas e dos grandes. Ao sabor destes tres potentados movia-se o resto do mundo como se fôra massa inerte e bruta. Ao capricho dos senhores do universo, e impellidas por fanatismo grosseiro, lá iam enormes massas humanas aniquilar-se nos desertos da Africa ou da Asia musulmana.

E no dia em que supposeram, pobres escravos! que raiava a liberdade, porque o poder do alcorão fugira espavorido e aterrado ante o poder do evangelho, e os barbaros tinham-se civilisado ou morrido, viram forjar as algemas que o mais feroz despotismo da antiguidade jamais sonhou!

Mas não importa. As sciencias e a litteratura já illuminavam vivamente a velha Europa e o mundo: prepara-se o futuro, apesar dos ferros e dos despotas.

No cataclysma que sepultou o poder dos romanos,

os seus conhecimentos litterarios e scientificos, não obstante terem sido esquecidos por um momento, não se haviam perdido.

E se repellimos a ferro e fogo a religião do propheta, acceitamos de bom grado os conhecimentos que nos transmittiram Al-Kind, Badjad, Averroes, Aboulfeda, Masoudi, Makrisi e outros. Quando a Europa pôde dispôr livremente de si, resumia, mais ou menos modificados, todos os conhecimentos, que o labor do profundamente philosopho Oriente, da sabia Grecia e da potente Roma, crearam nos seus dias de vigor moral e intellectual.

## VI

Deos escreve direito por linhas tortas. Se o equilibrio fosse cousa admissivel na sociedade, a sociedade seria a negação da omnipotencia do Creador. Quando a religião do Golgotha brilhou, e se expandiu, dissipando as trevas do paganismo romano, que dispunha da força bruta para aniquilar os seus pauperrimos sectarios, que tinham por unica arma a sua fé ardente e se offereciam ao sacrificio em honra das suas santas crenças religiosas; quando, á voz eloquente de Paulo, os mais illustrados gentios se convertiam ao christianismo e os apóstolos derramavam por toda a parte a santa moral que o divino mestre prégon; quando a humanidade se extasiava

ante a intelligencia robusta e magestosa de S. Ambrosio, de S. Agostinho e de S. Gregorio Naziazeno, a sociedade seria feliz se a unidade religiosa então abrangesse e dominasse eternamente; porque a doutrina de Jesus-Christo ainda não era de todo inquinada das doutrinas de refalsada hypocrisia, despotismo e atroz deshumanidade, que, mais tarde, quando poderoso, o clero derramou em proveito das suas aspirações anti-christãs.

A sociedade européa seria, porém, a mais desgraçada das sociedades, se, depois que repelliu até aos centros lybicos e asiaticos a religião de Mahomet, que havia invadido, á medida que o alfange abria caminho, desde as arêas da Arabia até á peninsula Iberica, no seio do christianismo não apparecessem profundos symptomas de divisão, que enfraqueceram no temporal o poder absoluto e barbaro dos papas; como os excessos dos jesuitas, os horriveis crimes do santo officio e o abuso ridiculo das excommunições levaram ao coração dos seus mais ardentes e sinceros apostolos a descrença, que matou quasi o proprio poder espirital.

Luthero, Calvino e tantos outros reaccionarios foram genios bemfazejos, que Deos mandou á humanidade.

Assim fallando, não queremos negar que a civilisação moderna deve ao catholicismo muito do que possue de grandioso. Se a céga ambição dos padres

mareou-lhe a pureza, a religião do Christo ainda hoje é a mesma dos dias em que illuminou o mundo de felicidade. Cortem-lhe os abusos, ergam-na pura qual foi prégada, e os homens serão felizes. O territorio da Europa já era, porém, pequeno de mais para a actividade de seus incansaveis filhos. A luta é transportada para longinquas regiões. A Europa, que se civilisára em parte á custa do Oriente, leva agora por sua vez a sua civilisação ao mesmo Oriente. Soldam-se os extremos, fecha-se a cadêa, que ha de um dia ser homogenea. E com effeito o Oceano abre o seio aos ousados navegadores europêos; o uso da polvora, da bussola e a descoberta da imprensa, transformam-nos em centro irradiador do progresso. A causa da civilisação começára a ter defensores desinteressados, conscienciosos e sabios.

## VII

O progresso é fatal.

Não é possível oppôr eternamente á explosão que se prepara lenta, mas constante, um obstaculo bastante poderoso para lhe resistir. E' um facto do mundo physico como do moral. Neste, as grandes explosões, que de ordinario são o fructo de longa e pesada pressão, têm o duplo effeito de aniquilar a força que opprime e a causa da força. Resume-se e diz-se: aniquila a oppressão e o oppressor; destróe

a causa e o effeito. Essa doutrina, que apparentemente parece não corresponder aos factos, é, contudo, vigorosamente exacta. Se uma commoção popular derrocou uma ordem de cousas, que se oppunha ao progredir da sociedade, destruiu a resistencia, que era o effeito, e, conseguintemente, a causa que o produziu. O contrario é illogico. E dizendo destruir, neste caso, subentendemos reduzir á inacção. Se assim não fosse, a humanidade não se teria civilizado como tem; se assim não fosse, a luta seria infinda, eterna e sem resultados, ou acabaria quando reciprocamente se houvessem findado os principios empenhados na contenda. Mas os principios adversos representam parte da humanidade pensando contrariamente: aniquilal-os, era aniquilar a humanidade; aniquilar a humanidade, não é tarefa que as forças humanas levem ao cabo; e, por consequencia, esta hypothese é absurda.

A luta eterna sem resultados é tambem absurdo; porque, se o não fosse, a civilisação estacionaria. Ora, se não é admissivel a luta eterna sem resultados, nem a destruição reciproca dos lutadores, o progresso é fatal.

Na natureza physica o movimento é a lei da sua existencia; natureza sem movimento, seria a negação absoluta da existencia da natureza, que arrastaria a da materia, e daria em resultado o vazio, o enorme vacuo, que, como consequencia logica, nega

a existencia do mundo physico, que se apalpa, que se vê, que se sente. E nos cremos que nem o mais ferrenho espiritualista ousaria tanto, convicto de que errava. A lei, applicada á natureza, applica-se exacta ao moral e ao intellectual. A differença está nos resultados. Ao passo que o movimento dos corpos physicos dá producto constantemente identico, o que se opera no incognito machinismo da intelligencia dá productos variadissimos, mas harmonicos e conduzindo ao aperfeiçoamento da raça humana e das suas condições de existencia. Eis tambem a razão porque as sciencias naturaes tem percorrido mais longo estadio que as moraes.

As lições do passado transmittidas pela historia vão servindo de guia no presente ás robustas gerações que vivem. Estas sabem cortar o que foi prejudicial aos seus antepassados, aperfeiçoar os seus bons legados e demolir pela base as instituições que impedem o desenvolvimento da sociedade contemporanea.

Almas formadas para a luta, ou vencem abrindo largo sulco no seculo a que pertencem, ou morrem cobertas de gloria. São sempre pharoes da humanidade, e ella segue seus passos. Ha alguma cousa de attractivo e fascinante no vulto dos athletas da intelligencia que, vencedores ou vencidos, são sempre admirados. Emquanto o circulo dos homens instruidos e pensadores se limitava a alguns entes privile-

giados, e os outros vegetavam nas trevas da ignorância e da superstição, era fácil vencer.

Bastava apontar ao povo rude e fanatisado o infeliz que ousava arrostar de face o poder constituido pelo direito da força, que era a opressão de todos por alguns, para que o ousado pagasse caro o seu arrojo. O castigo de uns fazia tremer os outros. Os gritos de indignação partidos das almas grandes não echoavam no mundo externo. Perdiam-se no fundo da alma. Mas os tyrannos temem sempre que o mando lhes fuja das mãos, e, suppondo ameaçado o seu horrendo dominio, sentindo escapar o terreno debaixo dos pés, imaginando de continuo abysmos abertos diante de si para tragal-os, armam-se de todos os meios ferozes de que dispoem para derribar aquelles que olham como seus inimigos.

Fecham os olhos á razão e não querem comprehender que, no vasto campo das idéas, não ha inimigos para victimas ; ha principios para demolir, doutrinas para refutar, civilisação para florir.

As grandes catastrophes sociaes que o mundo tem presenciado, são o resultado dos grandes horrores que os povos longamente supportaram. O povo soffre resignado e silencioso, porém, quando levanta soberbo a cabeça, qual leão ferido sacudindo a juba ai ! do imprudente que lhe oppõe resistencia ! Estas commoções são irresistiveis como as da natureza. A uma nação impellida e exaltada por um senti-



mento unico resiste-se tanto como se resistiria á inundaçãõ geral se o leito dos mares subisse á altura da terra firme. Neste caso a resistencia é a morte.

Por um lado muitos erros e abusos commettidos pelos governos junto á terrivel ambição do clero, os detestaveis meios de que se serviram para aterrar e embrutecer os povos e para atrophiar os bons principios, a guerra ferina e sanguinosa que declararam á liberdade de consciencia e a todas as sãs doutrinas que podiam elevar o homem acima de um servilismo ignobil, os actos de atróz canibalismo praticados, blaphemia ! em nome de um Deos todo misericordia e bondade, que sujeitou-se a ultrajes, que morreu injuriado, para nos redimir ; e por outro, a expansãõ extraordinaria que tomaram nestes ultimos tempos as doutrinas philosophicas irradiadas das margens do Rheno, do Tamisa e do Sena, os progressos rapidos das sciencias de observação e sua applicação á industria e ao commercio, não podiam deixar de operar transformações radicaes e tumultuosas na sociedade moderna.

Do choque de tão estranhos e contrarios elementos surgiu a revolução colossal que fez oscillar a Europa e o mundo no fim do seculo passado e começo do actual ; revolução, que continua ainda em sua phase pacifica, exacerbando-se de vez em quando, para attestar que o odio, comprimido pela diplomacia, rasga por momentos o véo nebuloso que o occulta,

brilha com clarão sinistro e pôde, se o vento soprar adverso, levar a conflagração geral ao seio da sociedade e reduzi-la a um montão de cadáveres. Epocha assombrosa de actividade !

Sob um céu onde brilhava esplendido o sol nascente, da liberdade moderna e resoava o grito eloquente e entusiastico da revolução pomposa, que derrocava a velha e carcomida sociedade e lançava as bases das instituições modernas, fazia-se ouvir a voz ingente da litteratura da escola realista por entre as massas populares apenas despertas do longo somno do opprobrio em que as mergulhára o despotismo dos governos e o despotismo ultramontano. E as massas populares comprehenderam aquella voz, que attestava a redempção da sociedade. Foi então que o terror se apoderou dos que perdiam o dominio

Quizeram reerguer-se; porém era tarde. — Os povos já não tremiam diante dos seus antigos senhores ! Nada houve que os salvasse ; a humanidade venceu reconquistando os seus direitos e os tempos barbaros foram-se ha muito !

Os grilhões que algemavam a intelligencia, quebrou-os, em seu expandir-se, a intelligencia ! Os estilhaços, que voaram longe, ferindo o ar, echoaram guerra ! Este echo segredou sangue aos despotas que calcavam, sem dó, sem consciencia, a liberdade do homem, e lhe asphyxiavam o genio, que, emanação divina, procurava devassar os seios do infinito.

E os despotas tremeram ; resvala-lhe o pé e cahem. O homem libertado ergue-se. Elles, pavidos, recuam ; recuam e fogem. Precipitando-se na fuga, lucifugos tateiam as trevas, pensando que o genio do homem livre os não encontra ahi ! Enganaram-se ! o homem livre não se vinga de seus algozes. Para que vingar-se ? As nossas vinganças são as nossas conquistas ; as nossas conquistas traduzem mundos que sobrepomos aos grilhões que nos algemaram ! Pódem fugir. Neste caso, a tolerancia é a força.

Contemplemos nós o homem magestoso e inspirado penetrando os seios da mysteriosa natureza. E' grande tudo quanto nos rodêa ! Quem me dera a penna chammejante de Byron, a palavra inspirada de Vieira, a cabecça volcão de Bossuet, para descrever, para daguerreotypar as conquistas dos nossos dias !

Alma de bronze em corpo debil, coragem que não se abate, atomo que enche a amplidão infinita quando esvoaça nas azas do pensamento, o homem póde tudo.

E quem ha de negal-o em vista dos seus arrojos ? Parece ter nascido para avassallar difficuldades ; se não attingiu a méta desejada, é porque essa méta fica além do finito. Assim como, na velha religião dos Persas, Ormuzd lutou de continuo para chamar ao bom caminho Ahrimana, acabando desta arte a

guerra entre o bem e o mal, que arrastaria como consequencia a felicidade completa do genero humano ; tambem a civilisação em seus recontros tãnicos com as potencias do barbarismo, Ormuzd moderno em luta com novo Ahrimana, ousa esperar tranquilla a victoria, que ha de coroar os seus esforços, em meio dos applausos universaes dos descrentes convertidos, dos crentes arrebatados de entusiasmo e dos retrogrados deslumbrados pela luz intensa do sol que illuminará o dia do triumpho.

E o dia do triumpho não é o momento de depôr as armas, de dormir á sombra dos louros colhidos, como poderá concluir algum argumentador sophista. O mesmo sol, que illuminar o aniquilamento do barbarismo pela civilisação, apontará á humanidade a arena vasta, grande como o mundo, em que o progresso caminhará avante sem tropeços, sem derramar sangue, nem lagrimas, sem arrancar gemidos de victimas.

O dia do triumpho, finalmente, será aquelle em que todos os productos da actividade humana, dirigidos no mesmo sentido, applicados ao mesmo ponto, impellirem como uma só força o progresso em seu caminho

## VIII

Neste ultimo capitulo apontaremos em resumo os

passos mais ousados do espirito humano nos ultimos seculos, passos que tem impellido a civilisação com extrema rapidez.

Farto de batalhar na Europa, como que achando limitado o terreno para suas conquistas, abandona-se o homem sobre fragil lenho aos furores do oceano, caminho virgem e incognito que pela vez primeira a quilha de seus navios rompera, e vai na phrase energica de Cantu, levar ao berço da aurora a civilisação que de lá viera (\*). O mar esbraveja, enraivecido e impetuoso, mas impotente, e o lenho caminha vagaroso e firme por sobre a agua e sob o céu; o rei da criação, estatua de bronze sobre o tombadilho, dardeja olhares de lynce procurando na curva caprichosa do horizonte visual uma ponta de terra firme para novas conquistas. E' imponente vê-lo contemplar orgulhoso novos céos, sorrir ao despedaçar da tormenta, ao rolar horrifero do trovão no espaço, ao rasgar do ignito relampago nos ares, transpor ousado o cabo das Tormentas e apontar á marinhagem sublevada o continente americano, gigante do futuro. Chamam-se Vasco da Gama e Christovão Colombo. Censurem-lhes muito embora os rigores que commetteram nos povos com quem communicaram, mas transportem-se áquellas épo-

(\*) Aceitando a phrase do notavel historiador, não lhe aceitamos comtudo a idéa, como já o temos manifestado n'alguns pontos deste artigo.

chas de quasi fanatismo, e os criticos humanitarios hão de perdoar-lhes o procedimento. Censurem o seculo e não os homens.

Aberto o vasto theatro da India e da America, a actividade européa redobra. Os naturalistas precipitam-se no novo mundo e a sciencia enriquece-se; a ambição rasga as entranhas virginaes da terra, que lhe mostra ouro e diamantes, agentes que multiplicam e enervam os ociosos e retemperam as almas fortes para o trabalho.

Levanta-se febril a sociedade européa, e encarando a sua pequenez e a grandeza colosso do mundo, cujos limites recuam, envergonha-se do seu nada. Commoção tremenda lhe agita violenta o craneo volcanico, donde sahem torrentes de luz, que penetra e transparece o véo que occulta aos olhares humanos os arcanos da mysteriosa natureza. Parece que o sôpro orgulhoso e indomavel do anjo decahido bateu de chofre naquellas almas adormecidas, para despertar-as altivas e arrojá-las na senda das descobertas, que tem ennohrecido o nosso seculo. Ei-lo a caminho.

Desce á profundidade do nosso globo, e traduz, da sua constituição, a sua origem; calcula-lhe a grandeza e mede-lhe a velocidade de rotação no espaço; descobre que é suspenso no infinito e sabe, sem se aterrar, que o seu centro é todo fogo! Vultos como Buffon, como Humboldt, arrancam dos fosseis

das diversas epochas geologicas os segredos das gerações passadas que dormem o somno eterno nas camadas profundas da terra ; e recompondo pela synthese uma natureza, que viveu e passou e foi sepultada ao som ingente e temeroso dos choques subterraneos, que se desatavam em volcões, cujas lavas ardentes submergiam cidades colossaes em mares alterosos que separavam continentes, demonstraram aos homens deslumbrados, que as doutrinas reveladas nem sempre, poucas vezes, eram exactas. O que demonstra, ou que não são reveladas, ou que o revelador era fallivel.

Servindo-se das leis que o velho geometra de Syracusa descobrira no banho, eleva-se arrojado a devassar as regiões aerias, contemplando no meio do silencio solemne e aterrador da atmosphaera as bellezas que jazem a seus pés como um tapete esplendido desdobrado pelo Omnipotente para ornar a face do globo !

Sempre altivo, suppondo-se talvez superior ao Creador, e Elle, é bom, que lhe perdôa, arma-se do telescopio e perscruta os mysterios dos mundos errantes no espaço infindo, que nos envolve. Na analyse espectral estuda-lhe a composição. Descobre no centro incadescente do sol o sodio e o ferro, explica as manchas polares de Marte, e nas de Jupiter não vê mais do que neve ! Desdobra os elementos dos antigos philosophos, assiste com os olhos da in-

telligencia aos labores da vida organica, quer penetrar-lhe a natureza intima, mas o pensamento vòa e perde-se nas regiões da immensidade, estala o raciocinio pela valentia dos esforços, e, perdido, desvairado cahe genuflexo aos pés de Deos, confessa sublime de contricção, todo crença e pureza, que só elle pôde abranger o universo ! O nada refugia-se, assustado de sua propria grandeza, na grandeza immensa de Deos !

Em um seculo em que tudo se sabe, só o homem é um segredo para si mesmo ! Segredo, mas segredo sublime ; segredo que se transmuta em Newton e descobre a attracção universal, explica o equilibrio dos astros no espaço ; apparece-nos em Napoleão I, faz oscillar e derroca os thronos mal seguros allicercados sobre as victimas do despotismo, para erguer o monstruoso throno do Imperio sobre um milhão de cadaveres e reforçar as cadêas da liberdade, refundindo n'uma só todas as que a revolução quebrára aos seus impulsos titanicos ! saudamol-o em Guttemberg, que eternisa o pensamento e grava as idéas para illuminar o mundo ; admiramol-o em Soemering, Ampère, Wheatstone, os pais da telegraphia electrica que aniquila as distancias, transmittindo com a rapidez do raio através do espaço os productos da nossa intelligencia ; vêmol-o brilhar em Liebig, Wurtz e Bertholot, tres vultos gigantes que penetram ousados, com mão certa, os mysterios da natureza



viva, e vão surprehendel-a em seu ignoto e incessante labor, e imitam-n'a, e excedem-n'a!

Segredo — genios, que a mão de Deos collocou no centro da vasta esphera dos conhecimentos humanos, os grandes homens, de um só olhar, abrangem-n'a e comprehendem-n'a; a seu turno astros brilhantes illuminam a restante humanidade, espancando as trevas que a cercam. Orgulho do proprio Deos que os criou, condensam em si o universo em peso!

Como consequencias dos esforços intellectuaes, vêde que progressos na sciencia da guerra; com que facilidade o homem aniquila o homem ao prazer desses Neros que ultrajam a civilisação. A agricultura aprende da sciencia a fornecer uma alimentação mais propicia e abundante. A industria abre os braços de ferro e diffunde ouro aos punhados, que a cobiça enthesoura e esterilisa, a vaidade e o luxo esbanjam inutilmente, e os homens emprehendedores, os governos amplamente liberaes, transformam em seiva que irá opulentar os fructos da arvore frondosa do progresso. O vapor submete-se á nossa vontade, communica povos de extranhas origens, cosmopolita, espalha riqueza e vida, sciencia e felicidade.

A geração presente, mixto de scepticismo e frio positivismo, com uma moral, que toca pela de Epicuro ás vezes, e outras vezes, austera como a de Socrates, condensa todos os grandes principios litterarios-scientificos, mais ou menos modificados,

das gerações que baixaram ao pó dos tumulos. Herdeira das suas aspirações, robustecida pelas grandiosas conquistas do espirito humano, ella não póde mentir aos seus fins. Epocha de pasmosa actividade, em que todos os ramos dos conhecimentos humanos se engrandecem e nobilitam, o seculo XIX, quebradas as pêas com que os retrogrados supposeram cortar-lhe os passos, marcha, altivo e firme, á conquista da civilisação universal, irradiando luz intensa, que espanca as trevas das mais reconditas partes do mundo.

Nós cremos que hade raiar um dia em que a humanidade inteira professe as mesmas idéas scientificas, litterarias, religiosas e politicas, e talvez, quem sabe, se saúde na mesma lingua, e se abraçe com o mesmo fraterno affecto.

O cosmopolitismo é idéa que não morre; domina aliás, cabeças importantes da actualidade.

Vai, neste expandir-se, a humana intelligencia abranger o espaço grande do mundo. Se não é totalmente ditosa a sociedade, pouco tem de que lamentar-se. A liberdade individual e a liberdade de consciencia, salvas desgraçadas excepções, é sufficientemente garantida nas leis de quasi todas as nações, que marcham na vanguarda da civilisação moderna; as revoluções pacificas vão substituindo as revoluções tumultuosas e sangrentas do passado; a vontade despotica dos dominadores absolutos curva-

se ante o bom senso e força dos povos ; a moral nunca foi mais respeitada ; sem appellar para as doutrinas politicas extremas, jamais o povo foi tão justamente temido como nos nossos dias ; o espirito de caridade toca pelas raias de caracteristico do seculo ; a diplomacia substituiu a espada, e o pauperismo, medonho cancro social, que tantas vezes agitou violentamente a sociedade, vai-se extinguindo ao sôpro benefico da industria, que é o barometro da actividade e riqueza de um povo.

Que seculo e que geração se gloria de ter feito tanto ?

E ousam, cegos que não querem vêr, negar-te a grandeza enorme, geração robusta ! Eia, avante ! atomo animado, abrange o infinito ! vai, que o futuro é teu.

Que nullidade e que orgulho ! nem se lembra que é pó, exclamará ao ler-me algum beato falso.

Pó, sim ; mas que importa se a chamma abraza-dora da intelligencia o arroja aos espaços incommensuraveis ; pó, mas pó que sobe qual aguia altaneira fixando o sol sem voltar a face ; pó que fita os olhos no futuro, contempla a natureza, descreve-se a si mesmo, mede o seu valor, e, sem se deixar desvairar pelos seus triumphos, adora, genuflexo e sublime de fé, a omnipotencia do Creador.

E' este pó, que attesta ás gerações por vir, que o atomo animado e intelligente atravessou rapido e

altivo este mundo de cá, surgindo do infinito e desaparecendo no infinito !

Agora, quando o resto semi-disperso dos despotas se aniquilar ante a vontade suprema do povo guiado pela razão, illustrado e conscio de sua soberania ; quando a consciencia fôr ampla e universalmente livre, e o ensino não fôr official e a mocidade fôr educada sob os principios da liberdade e da sã moral ; quando a mulher, educada para ser mãe em harmonia com as aspirações do seculo, souber formar cidadãos patriotas ; quando o poder temporal de Roma, germen de lutas sanguinolentas e ferozes, cahir ao peso dos seculos e da reprovação universal ; quando as sciencias e as letras, a industria e o commercio, ligarem a humanidade em um amplexo grande como o mundo, e a razão dominar fria e calma ; a humanidade estará proxima da sua perfeição, o homem tocará a méta do progresso, terá attingido o seu fim.

E, pois, fé no futuro e avante !

Rio de Janeiro, 8 de Abril de 1870.



# PORTUGAL

AO MEU AMIGO JOÃO ELISIARIO ANTUNES



## I

No *forum* das nações, o bravo de outras éras  
A voz emmudeceu.  
E o heróe que subjugou os mares indianicos,  
Que o universo assombrou com seus feitos tytanicos,  
Curvou o altivo collo á voz que das espheras  
Lhe arremeçou á face a maldição do ceu.

E, verme, hoje é seu leito a lama do desprezo,  
Em fundo tremedal !  
Os proprios filhos seus esquecem-se do bravo,  
Escarnecem o velho e riem-se do escravo.  
Tripudiam em torno ao poste a que está preso,  
E lançam-lhe no rosto o pó da saturnal !

Aonde te escondeste, ó symbolo do empyreo,  
O' santo patrio amor ?  
Tudo, tudo é silencio ! O mar é fundo abysmo,

E a terra só echôa a grita do cynismo,  
Tecendo as c'roas mil do perennal martyrio  
Que espedaça o de outr'ora homerico senhor.

Pollue-lhe a face pura o incenso da torpeza,  
Da vil bajulação.  
Da negra indiferença o povo adora o somno,  
E arrasta-se covarde aos pés do herdado throno.  
O velho, assim perdendo a passada grandeza,  
Lamenta, envergonhado, a nova geração.

## II

O Oriente era outr'ora a pia do baptismo  
Dos inclytos brazões ;  
As bandeiras da Fé rasgavam os espaços,  
E os defensores da patria abriam com seus braços  
A senda do futuro á voz do patriotismo,  
Que trouxera até'lli as fortes legiões !

Raiou então a luz nas invias florestas !  
O erro desapareceu !  
Aos bravos era guia o lenho do calvario ;  
A sua recompensa um fim humanitario ;  
E auréolas de gloria e canticos das festas,  
A humildade da cruz que lhes mostrava o ceu !

Não assim hoje ! A patria abre o cofre das graças  
E o passado maldiz !

Prostituido entrega o seio, amplo thesoiro  
Outr'ora de virtude, aos resplendores do oiro !  
E ri-se do talento ás intimas desgraças  
Vendendo os seus braços—abjecta meretriz ! !...

### III

Não raiará, meu Deus, um dia de esperança  
Em tanta escuridão ?  
Será sempre a vergonha a triumphal rainha,  
A conselheira, a lei da amada patria minha ?  
Não virá uma voz dizer-lhe : « Avança, avança,  
Já fulgura no espaço a luz da redempção ? »

Creio que sim, ó Deus ! Então a crença publica  
Heroica reinará.  
E o velho Portugal, gigante agrilhado,  
Erguendo o throno seu nas ruinas do passado,  
E fitando o porvir nos braços da republica,  
Sublime, como outr'ora, o mundo assombrará !

Rio, 28 de Fevereiro de 1870.



## A COSTA ARANTES

(INTIMA)

---



QUANDO tu dizes que em meu peito habita  
A fria placidez dos homens gastos :  
Que já não póde arrebatár minh'alma,  
A branda sensação de affectos castos :

Nem mesmo sabes quanto eu sinto e soffro,  
Por me ver tão sem dó assim julgado ;  
Jamais por ti, a quem minh'alma ás vezes,  
Nua de occultos veos tenho mostrado.

Esta tristeza, este abandono immenso,  
Que tanto me entristece a vida agora :  
E' como a cinza que depois do incendio  
Vai o fogo occultar que inda labora.

E, como o vento dispersando a cinza,  
Renova a chamma que se julga extincta :  
Assim minh'alma despirá seu luto,  
Ai, tendo uma affeição que lhe não minta.



Quererias talvez ver-me captivo,  
Atado ás seducções do galanteio ?  
Antes viver assim neste abandono,  
Que escravo de um affecto em que não creio.

Um dia, ás salas fui, e vi com magoa  
Que o amor por mim sonhado, se existia,  
Não era o que á vaidade e ao vil int'resse  
Alli tão impudente se vendia.

Aquelle affecto que eu sonhava immenso,  
Profundo, impetuoso quaes os mares :  
Vi-o sem pejo agrilhado ao calculo,  
Ou resumido em languidos olhares.

Vês tu porque me acode o riso aos labios,  
Escutando os protestos da belleza ?  
E' que eu sei que estudados artificios  
Occupam o lugar da singeleza.

E não que eu sinta o coração já morto,  
Nem queira das paixões ficar isento ;  
Porém, adormecer sonhando amores,  
E acordar abraçando o fingimento :

E' tão triste este gozo, que não quero,  
Provar-lhe os seos tormentos e venturas ;  
Maldito o que assim vê d'alma fugir-lhe,  
Na flôr da idade, as illusões mais puras.

.....

Eu sei que o teu olhar vio-me n'um dia,  
Com louco phrenesi libando a taça,  
Desse veneno que os incautos leva  
Mil vezes ao caminho da desgraça.

Porém n'aquelle gozo irrequieto,  
Era a materia só que alli se achava ;  
O espirito sonhando mil chimeras,  
Da torpe saturnal, longe pairava.

Ai ! quantas vezes no tumulto insano  
Do nocturno festim o olhar erguia,  
Para buscar no firmamento a estrella,  
Que de luz mais intensa refulgia....

Então lembrava-me, que ao longe, os olhos  
De minha terna irmã, talvez, fitando  
No ceo a mesma estrella, se estivessem,  
Por mim, todos saudosos, pranteando.

E como a nuvem sobre os montes desce,  
Quando a voz da tormenta se avizinha :  
Assim o tédio sobre mim baixava,  
Se o casto pensamento me entreteinha.

Então, fugindo ao alarido enorme,  
Que em torno á mesa a embriaguez soltava :  
Ao cimo das montanhas eu subia  
Quando o sol as montanhas já dourava.

D'alli meos olhos, na planicie attentos,  
Viam sobre a cidade o fumo erguer-se :  
Do fumo os rôlos condensarem nuvens,  
E as nuvens lá no espaço irem perder-se.

Marcava um lar cada espiral de fumo,  
Cada lar, um sacrario de ternura ;  
E eu não via uma choça onde podesse,  
O balsamo encontrar para a tristura.

Aturdido, cansado e somnolento,  
Ao pobre leito me atirava em pranto !  
Cerrando os olhos, que visões tão lindas  
Cebria o somno com seu doce manto !...

Tinha a meu lado, minha irmã, que em jubilo,  
Por me ver, com fervor a Deos orava ;  
E minha velha mãe?... essa, em delirio,  
Com lagrimas o riso misturava !

Era um poema ! em cada estrophe eu lia :  
Ternura, affectos, um amor sem termo !  
Minh'alma se expandia vendo subito  
Surgir um mundo onde existia um ermo !

Inda tu dizes que o meu peito encerra  
A fria placidez dos homens gastos !...  
Se podes tanto, em meu viver entorna,  
A santa emanação de affectos castos :

Verás minha alma como despe o luto,  
Que o exílio lhe vestio na flôr da idade ;  
E a muda lyra engrinaldando um hymno  
Erguer a ti, a Deos e á liberdade.

1869. Rio de Janeiro.



## CANÇÃO DE AMELIA

(SCHILLER, SALTEADORES, ACTO III, SCENA 1.ª)



**E**RA mais bello que os demais mancebos,  
Mais bello do que um anjo, que inebria  
Do Walballa o folgar ;  
Em seus olhos brilhava a côr celeste  
De uma restea de sol, batendo fulgida  
Na vaga azul do mar.

Os seus abraços... delirante arroubo !  
De encontro ao peito palpitando rapido  
Coração d'elle e meu !  
Ouvidos, labios, enleitados, presos !  
Em volta a noite, e o fascinado espirito  
Voando para o céu !

Os beijos d'elle... sensação divina !  
Quaes dous raios de luz, que se reúnem  
N'um só raio e não mais.

Como os sons do alaude confundindo-se  
Em sublime harmonia, que semelha  
Os coros divinaes.

Seu espirito e o meu voavam juntos ;  
Nossos labios e faces nos tremiam  
Ardentes de paixão.  
A minha alma na d'elle penetrava ;  
De nós em torno fluctuando viamos  
Os ceus e a terra então.

Mas veio arrebatár-m'o a crua morte,  
E debalde, ai de mim ! debalde o chamo  
No inquieto suspirar !  
Morreu-me, e desta vida as alegrias  
Em gemidos inuteis, uma a uma  
Vejo todas findar.

Coimbra, Agosto de 1862.



## A GONSALVES JUNIOR

### I

**N**ão debes confessar, poeta, as magoas tuas  
A' rude multidão das praças e das ruas.  
Deve ser mais secreto e nobre o teu penar.  
Embora te circumde o alarve gargalhar  
De estultos charlatães, eleva sempre a fronte  
E altaneiro perscruta o espaçoso horizonte  
Dos seculos por vir. Que importa a tua dôr  
A quem da guerra atéa o cynico furor ?  
Ri-te delles tambem ! o chorar teu reprime !  
Nunca deve a virtude escrava ser do crime.  
Da ignorancia, o saber e do Mal, Deus —o Bem !  
Se o exilio te confrange o peito, seios de mãe  
Não te negou a sorte. A elles corre, e bebe,  
Nessa fonte de amor c'roadá já da neve  
Da tremula velhice, o alento, a fé, a luz !

Eu sei que do talento a immensuravel cruz,  
E' pesada de mais ; mas embora poeta,  
No santo amor de mãe tua alma se completa,  
E nelle terás sempre um firme Cyrineu.  
Que tem que a inveja tórpe e o vil cortejo seu,  
Baldo de toda a crença e fé e entusiasmo,

Atire-te no resto a baba do sarcasmo ?  
Os vermes são do pó, no pó sempre rastejam,  
Só a aguia e o condor nas amplidões adejam !  
Aquelles, na carniça aderam os fins seus.  
Estes, da terra são, mas voam para os ceus ;  
São grandes como o espaço e livres como o vento :  
Os vermes são a inveja, o condor o talento !

## II

Do cáhos do passado o *fat* surgiu  
E a sua irradiação um novo mundo abriu,  
Onde livre se expande a voz da liberdãde  
Em cadêas de amor prendendo a humanidade.  
Curvou-se a tyrannia á força da razão  
E a luz raiou emfim na trega escuridão,  
Esplendendo brilhante, universal reflexo,  
Na terra, que se abria ás auras do progresso,  
Que se entregava inteira a perennal affan,  
A' voz do genio rei, á voz do Pelletan !  
E a forja é o ideal—o venerando templo  
Que o presente ao porvir atira como exemplo  
Da sua evolução enorme, colossal !

Desprendia o lyrismo o vôo sideral ;  
Mas das forjas o fumo, erguendo-se altaneiro  
Offuscou-lhe o horisonte, o fulgido luzeiro  
Do triste abandonado ; e a morte o recebeu



No regaço de gelo !

O novo Prometheu,  
Que se chama progresso, ergue mais alto a frente !  
Tem crença no futuro e abomina o descrente,  
Em cujo lastimar não põe a menor fé.  
Só lê a epopéa enorme de Quinet,  
Os canticos de Hugo, de Michelet a historia.  
— Genios universaes, sequiosos de gloria,  
Ante os quaes o passado as trevas desvendou  
E o incognito porvir os arcanos mostrou !—  
A musa de hoje é maior ! Abraça a immensidade  
E bebe a inspiração no altar da liberdade.  
Palpitam no seu canto ardente as gerações,  
E estremecem os reis, apezar dos canhões  
Que lhes cercam o throno ! O seu verbo é o mundo,  
Nas luctas do trabalho incessante e fecundo !  
O seu grandioso culto é a extincção do mal :  
O reinado do bem ;— o celico ideal,  
A inesgotavel mina, o procurado veio,  
Que o poeta idolatra em sacrosanto enleio.  
Caminha, fronte erguida, a esperança a conduz  
A' conquista do eterno, á conquista da luz !

Deixa, pois, meu poeta, o candido lyrismo.

### III

Já viste sobranceiro a tenebroso abysmo.

Onde ás vezes resvalla o pé do viajor,  
Uma ancora da vida, um galho salvador,  
Como a dizer : sostem-te ó lasso peregrino,  
Que no meu corpo tens um auxilio divino ?  
A poesia de hoje é ao galho igual !  
O descrer é o abysmo ! O negro canibal,  
O sacrilego monstro, o selvagem abutre,  
Que do seu proprio sangue os seus instinctos nutre !  
Cabe, pois, ao poeta as sombras dispersar !  
E deve á sua voz esplendido raiar  
O sol da liberdade ! O grandioso culto  
Da geração presente ! O radiante vulto,  
Que inspirou Mirabeau, que inspirou Beranger,  
Que dirigiu a turba, a turba que descrê  
De tudo quanto é grande e acima della brilha,  
A heroica destruição dos muros da Bastilha !  
Que espedaçou, emfim, o throno de Isabel,  
Esse cancro da Hespanha, essa infame Babel  
De infrenes saturnaes, de vil jesuitismo,  
A cujo decretar exultava o cynismo !

Liberdade ! pharol de immensa e etherea luz,  
Que o Christo irradiou do Golgotha na cruz !

#### IV

Eleva, pois, a fronte inspirado poeta,  
E sê da crença mãi um denodado athleta.

E, quando da desgraça escutares a voz,  
Apostolo da fé, vò, corre veloz,  
E entorna-lhe no peito o elixir da esperança.  
Neste sacro trabalho obreiro não se cança !  
No throno de Jesus tuas forças refaz  
E trabalha, e trabalha ! O premio encontrarás  
Na propria consciencia a bradar-te — Coragem ! —  
Das luctas mundanaes na tumida voragem.  
E quando houveres dado a esta santa missão,  
Da tua intelligencia a luz, a inspiração ;  
Ergue altaneiro a voz entusiasta e crente,  
Acima dos vaivens da multidão potente,  
E brada a quem vier teus canticos ouvir :  
Passagem, pois que vou caminho do porvir !

Rio, 15 de Abril de 1870.



## AO RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ

---

**C**ABE aqui, é aqui o lugar e a hora em que se deve fallar a verdade como nol-a instiga a alma, e como em bem da civilisação e da colonia portugueza deve ser dita e proclamada, já que a modesta direcção destas nossas reuniões litterarias nada diz ao mundo do como aqui se vive, neste recinto de aprendizagem e reflexão.

Os foraes desta sociedade vêm da humanidade que estuda e ama o progresso, e vão para o futuro arreitados das galas que o saber mais doira quanto mais se derrama suas luzes e lucubrações.

Perante o busto do rei e perante as imagens dos melhores de Portugal nós prefizemos o sagrado juramento da instituição da cultura intellectual. A todos nós cabe uma parte de seus cabedaes immateriaes; e de todos nós é dever derramar as lições dos eruditos e dos cultores do espirito com entranhada diligencia e de consciencia desprevenida.

O *Retiro* sae do mundo material para aqui, para melhor concentrar as suas forças e suas luminosas aspirações. Ha nisto alguma coisa de santo e de grande que convem pôr em relevo e annunciar ao

mundo, que não vê e não ouve através da modestia, o que fazem obreiros do saber, que descansam das fadigas do dia, n'outras maiores do espirito, mas que ungem e que aperfeiçoam.

O *Retiro*, fiel ao seu compromisso, rasga o véo das dificuldades, e acolhe em seu recinto illuminado aquelles que demandam, no mundo de fóra irrequieto e aborrecido, horas amenas que contêm segundos de palpações do cerebro e do coração. Ha mais amor nesta onda de progresso que impelle o *Retiro*, do que em todos os idyllios da terra; porque homens com taes disposições, ao progresso calmo e harmonioso, são evangelisadores, mais do que simples prelectores.

O que governos e grandes associações acham difficil a executar, e mesmo no que pensam menos talvez, é no derramar a instrucção; o *Retiro Litterario* dá em nome das letras portuguezas a todos aquelles que carecem illustrar-se. Não se organisaram orçamentos; não se planejaram meios; não se trepidou um momento; o *Retiro* quiz, e abriu suas portas a quem o quer ouvir e tomar parte em seu festim de cultura.

Formou-se assim uma diaria exposição dos conhecimentos humanos, enriquecidos de logica e de eloquencia, que dará resultados condignos com o pensamento que os dirigiu. E na mocidade estudiosa que trabalha para ensinar e saber, fica o germen de um progresso intimo e brilhante, que póde mais nos

costumes e no progresso dos seculos, do que as legiões officiaes de conquistadores assalariados de penna e de espada.

Nos arraiaes da civilisação christã não ha o privilegio, nem a tarifa,—ha a cruz e o céu, que é o trabalho e a eternidade. O *héli* que partiu da cruz, é a palavra cabalistica entre a agonia e a immortalidade. Isto nos disse, e nos diz a nós através de seculos, que é preciso soffrer para merecer, que é preciso trabalhar para ganhar, que é preciso estudar para saber, que é preciso dar para receber, que é preciso ensinar para comprehender.

E' porque a fé é a verdade.

E a fé, esse ardor de verdade, essa convicção de bronze, esse antesabor da immortalidade, póde tudo quando quer.

Deixemos essa mentira official, enroupada de uniformes e de palavras de passe; porque vimos nós, os obreiros convictos da verdade, os engeitados dos circulos de ferro das conveniencias, e queremos caminho para o futuro. •

O que fizestes, vós, homens governadores e administradores das sociedades? Destes um regulamento aos batalhões, uma tarifa ás alfandegas, um imposto a cada homem, um regulamento a cada classe e um regulamento á instrucção publica.

Tudo para vós é objecto de fisco e objecto de fria disciplina.

Sellam-se livros e jornaes; para tudo ha fórmula, ha horas, ha sinetes, ha livro de inscrições, de entradas e de saidas. Mas o que vos falta é um evangelho de verdade e de trabalho : é a liberdade do ensino e a liberdade do magisterio.

Dos vossos exames publicos saem homens moços com certificados e diplomas : mas o que de vossas secretarias não póde sair é o verdadeiro saber, baseado na multiplicidade de conhecimentos adquiridos com calma e boa vontade.

Porque a intelligencia do moço não deve ter peias, e menos ainda tropeços nos caprichos de um mestre, e nos azares de um exame.

A coisa official que se chama—ensino publico e exame publico—é a grilheta soldada ao pé do exforçado lidador da intelligencia que extasiado perante a grandeza livre da natureza inteira, não póde comprehender a pequenhez escravizadora de alguns compendios, sanccionados por lei

Eis o que comprehendeu o *Retiro Litterario Portuguez*. Estudava, e estuda; quiz e quer ser util. Arrancou do typo da sua associação essa algema convencional de todas as associações, e abriu as portas de seu recinto, para todos os dias da semana, ir quem quizer ouvir prelecções em differentes ramos dos conhecimentos humanos. Tal devia ser sempre o fim das sociedades litterarias : — aprender, cultivar e ensinar.

As sedas do docel que encobrem o busto querido do rei de Portugal, e aquellas molduras doiradas que cercam os retratos dos bons e illustres portuguezes que viveram e vivem para as letras, são de menos valor e apreço, do que este pensamento evangelizador do saber, que enquadra as glorias de um paiz com os esforços da intelligencia e do coração que fazem homens que traduzem saudades da patria com eccos de imaginação, de intelligencia, de espirito e de sentimento, reunindo ao bello ideal, sublime e divino, o util pratico, reflectido e activo.

Eis o pensamento do *Retiro Litterario Portuguez do Rio de Janeiro* e eis o que ignoram muitos que disprestigiám esta associação.

Atravez da multidão que não aceita a verdade, passe o *Retiro* desassombrado e calmo no seu trabalho de todos os dias; é um missionario de mais que planta a cruz da fé e do saber no meio do functionalismo, muitas vezes mais indomito do que as hordas do Turkestan.

Saúdo o *Retiro* pelo seu pensamento civilizador.

28 de Outubro, 1858.



# INDEX

|                                           | PAGS. |
|-------------------------------------------|-------|
| A. F. MARQUES                             |       |
| A L. de L.....                            | 92    |
| * D. AMELIA JENNY                         |       |
| Melancholia.....                          | 38    |
| A Borboleta.....                          | 108   |
| AUGUSTO MONTEIRO                          |       |
| No album de Mm. H. P.....                 | 43    |
| Offenbach.....                            | 70    |
| Um barão de fresca data.....              | 167   |
| * BALTHASAR WERNECK (DR.)                 |       |
| O seculo.....                             | 4     |
| A tempestade.....                         | 147   |
| BERNARDO FREIRE DA FONSECA                |       |
| Eleonora.....                             | 21    |
| Paginas Intimas.....                      | 78    |
| * EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO (DR.) |       |
| Amor trahido.....                         | 28    |
| A volta.....                              | 50    |
| Improvisação de Konrad.....               | 155   |
| Canção de Amelia.....                     | 237   |
| F. DE P. SANTOS GOUVÊA                    |       |
| Mãi.....                                  | 40    |
| Brado Patriótico.....                     | 177   |

N. B.—Os socios honorarios vão indicados com um \*

## J. M. DA CUNHA VASCO

|                                 |     |
|---------------------------------|-----|
| Cesar.....                      | 15  |
| Sombras e luz.....              | 68  |
| Alfredo Pinto Leite Campos..... | 121 |
| Como és bella !.....            | 170 |
| Portugal.....                   | 229 |
| A Gonsalves Junior.....         | 239 |

## JOÃO ELISIARIO ANTUNES

|                                      |     |
|--------------------------------------|-----|
| O homem no caminho do progresso..... | 180 |
|--------------------------------------|-----|

## \* LUIZ CORRÊA DE AZEVEDO (DR.)

|                                     |     |
|-------------------------------------|-----|
| Ao Retiro Litterario Portuguez..... | 244 |
|-------------------------------------|-----|

## M. GUILHERME DA SILVEIRA

|                   |     |
|-------------------|-----|
| Quem és tu ?..... | 110 |
|-------------------|-----|

## M. J. GONSALVES JUNIOR

|                         |     |
|-------------------------|-----|
| Porque és triste ?..... | 13  |
| Pedra fendida.....      | 29  |
| A Cunha Vasco.....      | 87  |
| Luiz de Camões.....     | 94  |
| Dois cultos.....        | 142 |
| A Costa Arantes.....    | 232 |

## MANUEL JOAQUIM D'ALMEIDA

|              |     |
|--------------|-----|
| Maria.....   | 46  |
| A M.....     | 77  |
| Enlevos..... | 118 |

## \* D. MARIA CAROLINA GOMES

|                     |    |
|---------------------|----|
| A virgem morta..... | 85 |
|---------------------|----|

## PATRICIO MUNIZ (DR.)

|                      |    |
|----------------------|----|
| A União Iberica..... | 52 |
|----------------------|----|

## PEDRO TELMO

|                           |     |
|---------------------------|-----|
| O Pavilhão portuguez..... | 157 |
|---------------------------|-----|

O encarregado de levar ao seu termo a publicação do *Archivo* é o primeiro que reconhece as innumeradas faltas em que incorreu. Consola-o porém a consciencia de que nem melhor soube nem mais pôde fazer.

Desejára elle eximir-se d'essa tarefa, mas a inesperada e sentida ausencia do seu antecessor lh'a devolveu, como indeclinavel obrigação.

Os seus escassos conhecimentos, e as poucas horas livres dos seus labores commerciaes, não lhe permittiram apresentar, como era seu vivo desejo, trabalho menos imperfeito.

A maneira pois como tomou a si essa tarefa, a variedade de collaboradores, como a carencia do tempo indispensavel, o inhibiram de sujeitar a um uniforme systema orthographico as composições do livro. Comquanto muitos assim tenham apparecido, era empenho seu que sahisse o *Archivo* expurgado d'esse defeito, se tal nome lhe cabe.

Para isso como para os erros typographicos, de que, infelizmente, existe larga copia, pede elle a benevolencia do leitor.

Alguns erros ha porém, que estão pedindo menção especial :

A pag. 18, em vez de :

De tanto patrio amor

Lêa-se :

De santo, patrio amor

A pag. 78, em vez de — enchiam — lêa-se — enebriam.

A pag. 82, em vez de :

Cingira phreneticamente

Lêa-se :

Cingi-a phreneticamente

A pag. 115, em vez de :

Embora a vaidade humana

Lêa-se :

Embora a vaidade insana.

A pag. 177, em vez de — baneirpa — lêa-se —bandeira.

Muitos outros se notam no *Archivo*; mas, confiando na intelligencia do leitor, preferiu deixar a correcção d'elles á sua generosidade, do que tomar-lhe o tempo com as minutilencias soporíferas de uma tabella de erratas.

Faltaria ao dever mais sagrado — a gratidão — se, antes de concluir, não agradecesse aos seus consocios e amigos o apoio e valioso auxilio que teve a honra de merecer-lhes.

Em nome dos socios do *Retiro* cumpre-lhe agradecer tambem ao seu illustrado consocio o Illm. Sr. Dr. Luiz Corrêa de Azevedo as palavras animadoras com que, immericidamente, nos honrou.

No meio da indifferença e desanimo geral, é bom e nobre e santo que estes apóstolos do bello desçam do seu throno de glorias e venham illuminar, com a luz da sua aureola, as fronte pensativas dos moços, que aproveitam as poucas horas sobejas das suas lucubrações diárias nos misteres de um culto tão sincero quão cheio de dissabores e martyrios.

A estes, pois, a eterna gratidão do *Retiro Litterario Portuquez*.

Rio de Janeiro, Agosto de 1870.











